

**Sabóia Ribeiro**

# RINCÕES DOS FRUTOS DE OURO

CONTOS REGIONAIS DA BAHIA



**PÊMIO DA ACADEMIA  
BRASILEIRA DE LETRAS  
1933**

**RINCÕES DOS FRUTOS DE OURO  
(TIPOS E CENÁRIOS DO SUL BAIANO)**



Ilustração utilizada na capa da primeira edição de Rincões dos frutos de ouro.

Sabóia Ribeiro

RINCÕES DOS FRUTOS DE OURO  
(TIPOS E CENÁRIOS DO SUL BAIANO)

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS  
PR MIO RAMOS DA PAZ, 1933

2ª Edição Revista e Ampliada



Editora da UESC

Ilhéus - BA

2005

© 2005 by SABÓIA RIBEIRO

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (073) 680-5028 - Fax: (073) 689-1126  
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

ANACI BISPO PAIM - SECRETÁRIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

**DIRETORA DA EDITUS**

MARIA LUIZA NORA

**PROJETO GRAFICO**

ADRIANO LEMOS

**ILUSTRAÇÃO DA CAPA**

ALCEU PÓLVORA

**EQUIPE EDITUS**

**DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL:** JORGE MORENO; **REVISÃO:** MARIA LUIZA NORA,  
ALINE NASCIMENTO; **SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO:** MARIA SCHAUN; **COORD. DE**  
**DIAGRAMAÇÃO:** ADRIANO LEMOS; **DESIGN GRÁFICO:** ALENCAR JÚNIOR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484 Ribeiro, Sabóia.  
Rincões dos frutos de ouro (tipos e cenários do sul baiano)  
/ Sabóia Ribeiro. – 2. ed. rev. e ampl. – Ilhéus, Ba : Editus,  
2005.  
176p.

Academia Brasileira de Letras – Prêmio Ramos da Paz,  
1993.

ISBN: 85-7455-092-2

1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 869.9301

“Raymundo Ribeiro tinha, na cátedra, um timbre de voz forte, pausado, medido, e um ar de austeridade e de hierática nobreza, que mais parecia um sacerdote de Témis presidindo uma sessão de júri. Deixava a impressão de que seria capaz de trazer decorados, e em Latim, os mais vetustos ou preciosos textos do Direito Romano, a começar pela Lei das Doze Tábuas”.

Professor Joaquim Pimenta

Dedicatória

À imprecívél memória de meu Pai,  
admiração e saudade.

## ÍNDICE

JOÃO FELIPE SABÓIA RIBEIRO .....	11
ACERCA DESTES LIVRO .....	15
OS CIGANOS .....	17
O CAXIXE .....	33
FEROCIDADE.....	45
LÚCIO DA FLORINDA .....	57
GENTE NATIVA .....	71
BRIOS SERTANEJOS.....	85
DESTINOS .....	99
VIDA ÁSPERA .....	115
DUAS MORTES .....	139
RAPSÓDIA DO RIO (DE CONTOS DO CACAU) .....	151
O CACAU E O FAZENDEIRO .....	163
NOTAS E CRÍTICAS .....	169
REFERÊNCIAS .....	177



## JOÃO FELIPE SABÓIA RIBEIRO

Natural de Jaguaribe-Mirim (CE), Sabóia Ribeiro (João Felipe) nasceu em 07 de janeiro de 1898. Filho de Raymundo Francisco Ribeiro, Juiz de Direito e um dos fundadores da Faculdade de Direito do Ceará, e de Maria José (Bandeira de Melo) Saboya Ribeiro.

### **O Discípulo, o Crítico, o Poeta**

Cedo manifestou sua vocação para as letras. Em 1916, estreava na Folha do Povo, de Fortaleza, como crítico, a propósito de Rodolfo Theófilo, seguido de um ensaio sobre Pápi Júnior. Destacou-se, em Fortaleza, como um dos alunos mais brilhantes do Instituto de Humanidades, conquistando, ao concluir o seu curso, o Prêmio Primazia, em 1918. Matriculou-se, a seguir, no Lyceu do Ceará, tendo, naquele ano, sua aprovação em concurso público para os Correios e Telégrafos.

Em discurso de saudação ao poeta Padre Antônio Tomás, ausente de sua terra por dez anos, fez uma memorável análise crítica de seus sonetos.

Em visita ao Ceará, em 1921, estreou, oficialmente como poeta (sob influências do Romantismo e Parnasianismo), ao recitar seus primeiros versos no Salão Juvenal Galeno, posteriormente editados, na Bahia, sob o título de Rosas de Malherbe, em 1923.

A Poesia Cearense no Centenário, organizada por Sales

Campos, Fortaleza, transcreveu, em 1922, quatro de seus sonetos: Epílogo, Saudades, Misticismo I e II e os poemas Fios Ocultos e Noturno.

### **O Literato, o Acadêmico e o Médico**

Em 1920, transferiu-se para Salvador (BA). Na década de 1920 colaborou com as revistas *A Luva* e *Renascença*. Prestou, naquele ano, vestibular na Faculdade de Medicina, doutorando-se em 23 de dezembro de 1926, após a apresentação da tese, aprovada com distinção: *Ensaio Nosográfico de Augusto dos Anjos*, na Cadeira de Clínica Psiquiátrica. Verdadeiro trabalho de pesquisa, lastreado em depoimentos de época, trata da psicogênese do poeta paraibano. A edição, esgotada, se constitui hoje, em único exemplar conhecido, e que faz parte do acervo de sua família.

Contratado pela Companhia Industrial de Tecidos, imediatamente após a sua colação de grau, transferiu-se para Valença (BA). Casou-se, em 4 de fevereiro de 1928, com Georgina (Xavier de Oliveira) Sabóia Ribeiro.

Instalou, naquele ano, já em Itapira, a Agência dos Correios e Telégrafos, quando conheceu “in loco” o cenário da região cacauceira e sua gente. Escreveu *Os Rincões dos Frutos de Ouro*, expressando, como contista, forte influência do Realismo e, em especial, do Naturalismo, em sua obra.

Decidiu exercer sua profissão em Tijucas e, posteriormente, em Florianópolis (SC).

Na Revolução Constitucionalista, em 1932, embora simpático à causa paulista, (expresso no opúsculo *Nereu Ramos de perfil*) integrou o Batalhão da Força Pública do Estado de Santa Catarina, como médico, participando de várias ações em campo de guerra.

Em 1933, recebeu o Prêmio Ramos da Paz, da Academia Brasileira de Letras.

## **O Político**

Nomeado seu Interventor, governou o Território do Acre no período compreendido nos anos de 1934 e 1935. Retornando a Itapira, atual Ubaitaba, onde permanecera sua família; foi nomeado Prefeito (1937-41). Por questões de estilo (e de caráter), no Correio de Itapira, publicava os Balancetes das Receitas e Despesas, mensais, para conhecimento dos munícipes, em sucessivas edições, prática que, infelizmente, caiu em desuso e, até que se prove o contrário, jamais foi seguida pelos seus sucessores. A Tribuna da Região<sup>1</sup> reedita, correntemente, fragmentos do periódico. É, sem dúvida, uma homenagem àqueles que honraram a história da administração pública grapiúna. Ao assumir a Prefeitura, fez auditoria, apurando o desfalque herdado do seu antecessor. Prestou contas, através de relatórios anuais, comprobatórios, ilustrados, ao então Governador da Bahia, (Landulfo Alves), das inovações e progressos, tais como: a elaboração de Memorial para Estabelecimento das Demarcações do Município, construção de estradas vicinais e pontes, arborização da cidade, fixação e cumprimento de posturas municipais, saneamento básico, abertura e pavimentação de ruas, da ladeira principal e das duas únicas praças existentes (até hoje!) na cidade.

## **O Médico, o Jornalista e o Professor**

Ao residir em Ilhéus (1941 a 1947), exerceu, em consultório particular, a Pediatria e Clínica Geral, trabalhando também no Ambulatório Santa Isabel. Dirigiu a Escola Comercial de Ilhéus (à noite), lecionando ainda Português. Colaborador do Diário da Tarde, assinava algumas matérias sob pseudônimo de João da Terra de Ninguém.

Em dezembro de 1947, transferiu-se para o Rio de Janeiro,

---

<sup>1</sup> TRIBUNA DA REGIÃO. Ubaitaba: Humberto Hugo de Almeida, 1989.

especializando-se em Medicina Neonatal onde desempenhou, paralelamente, funções administrativas no Hospital General Vargas, atual Hospital de Bonsucesso.

Na Revista da Semana, era responsável por uma coluna versando sobre Pediatria. O periódico publicou alguns dos seus contos.

Instituído no Jornal das Letras por Aglaís Caminha, filha do autor do Bom Criolo, conquistou, em 1957, o Prêmio Adolfo Caminha, com o ensaio Roteiro de Adolfo Caminha. Considerado como um dos maiores conhecedores e estudiosos da obra do insigne cearense, dedicou-se ao trabalho analítico e crítico de sua obra, até o final dos seus dias. Mencione-se A Normalista, em co-edição do Instituto Nacional do Livro com a Editora Ática, 1972. Em 1967, lançou, pela Pongetti (RJ), O Romancista Adolfo Caminha, 1867- 1967, por ocasião do seu centenário.

Visitou Ilhéus, pela última vez, em 1962, para rever seus descendentes e amigos.

Faleceu em 7 de agosto de 1968. Jaz na Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Eliane de O. Sabóia Ribeiro

## ACERCA DESTE LIVRO

Rincões dos Frutos de Ouro foi escrito em 1928. Segundo Sabóia Ribeiro “A primeira edição do livro resultou de originais organizados apressadamente — pois que o autor se decidira a entrar no concurso à undécima hora — e a concessão do prêmio ficava condicionada, nos termos do edital da Academia, à conferência do texto publicado com os originais entregues.

Quer isso dizer, portanto, que o autor sequer pôde tocar no texto saído na primeira edição daquele livro. Como quer que seja, Rincões dos Frutos de Ouro teve a boa sorte do prêmio almejado e mereceu da crítica o melhor aplauso”.

Nesta edição, a partir do original premiado, foi incluído, preliminarmente, o que o autor denominou de estudinho: O Cacau e o Fazendeiro, escrito em 1966, “e que se refere, em particular, às coisas do Vale do Rio de Contas, que é o verdadeiro ambiente destes contos, mas se aplica, sem dúvida, a toda a região cacauceira da Bahia. A rigor, a época em que se situam as motivações deste livro pertencem mais ao passado, e com grande aproximação da verdade histórica, à década de 1910-20”.

OS CIGANOS

O bando viajava sempre. Uns quarenta, entre homens, mulheres e crianças. Todos montados.

A estrada – antes uma vereda, feita a pata de animal – seguia à sombra das matas densas, ou ao sol, entre arbúsculos esgalhados, que lhe cresciam às margens. Já beirando cercas. Já contornando o rio, à meia encosta, através de ribanceiras que se esbarrondavam amiúde, erguendo no ar uma fumaça quase fulva da argila desprendida.

Aqui se interpunham pinguelas, erguidas sobre ribeirões de margens escarpadas, fundos – e, com que perigo, transpostas! Vadeava, além, riachos de leitões muito brancos, faiscantes à luz, em fios d'água. Galgava lombadas, colinas, serras.

Muita vez, varava por alguma roça de cacauzeiros, cujas frondes, vergando-se para o chão, fechavam a todo passo o caminho, obrigando os cavaleiros, ao livrarem-se, a acrobacias ágeis dos troncos, que ora se jogavam á direita, ora á esquerda, colando-se ao pescoço dos animais, ou atritando-se duramente, por entre as ramagens flexíveis de redor. Alguns homens, ao transporem tufos verdes, destroçavam folhas pelo ar com uma vergastada rija de rebenque – a par de brotos, flores, ou mesmo algum fruto, que se projetava, com estrépito, sobre o chão. E, logo esquipando largo, despencavam-se, por ali fora, conjugados com a sua montada, em afoita disparada, enchendo por instantes o ambiente com um tropel seco e forte, que se apagava, a súbitas, adiante, nalguma volta ou trecho tormentoso de solo.

Por sítios escampos, beirando o mato ralo das regiões ri-

beirinhas, talhava, com freqüência, ao pé de grandes penhascos, escavos e arestosos, negrejando.

Havia-os, porém de todos os feitios, de todos os tamanhos. Uns, de uma conformação achatada, afilando-se para cima, eram, de longe, como enormes asas fantásticas, tesas, ali fincadas eternamente. Outros, expondo faces, que se combinavam sem ordem, atarracados, alçando-se direito, ou de viés, eram como cepos falquejados à toa. E muitos, surdindo, aqui, acolá, dentre arbúsculos, que se erguiam à roda, boleados, largos, de uns tons de borra de café, lembravam ancas de paquidermes, eles próprios afogados sob um véu de parasitas e galhos sarmentosos, e que ali estivessem pastando, tranqüilamente, ao acaso, nos tabuleiros cerrados, esparsos, aos grupos.

Ao rentear os grandes blocos, ou mais vezes, insinuando-se por intervalos estreitos, que se dispunham entre um e outro, a todo momento, as caçambas chocavam-se, tirando sons tinidos, que ecoavam intensamente em torno e logo se perdiam.

O próprio chão raso era, longos pedaços, calçado sobre grandes lajes, pardas, atoalhadas, resvaladias. E, de instante a instante, sobre ele, afloravam pontações hostis, que faziam tropicar as montadas, que quase iam por terra.

Raro, achanava-se nos largos areões, que margeavam o rio, alvos, fofos.

Quase sempre, aquele trato agreste se desdobrava por gorungas horríveis, através de corcovas e aclives, depressões irregulares do terreno, antemurais que forçavam a longos desvios por sangas e barrocais.

Os ciganos venciam a enorme distância, desde cedo. O dia esfriava.

O Capitão houvera já escolhido, além do Oricó, a ampla sentada para pouso daquela noite.

Quando eles começaram a subir a recosta, a noite ia fechando, em círculos concêntricos de sombras crepejantes, que



se sucediam, rapidamente, como se invisíveis velários corressem à roda.

No alto, apearam-se. Eles viram, então, comovidos, já meio esfumado, sob a luz fosca daquele fim de crepúsculo, o casario da vila.

Meia légua só. As primeiras luzes, que se acendiam no céu e na terra.

Uma postura do município, porém, não permitia a entrada de bandos, à noite, nas povoações, e os ciganos tiveram que parar, ali, contrafeitos, à espera do dia seguinte.

Era uma larga área em chão barrento, duro, plano, varrida eternamente pelos ventos altos, o sítio onde pernoitaram.

Morro de Sentinela! Assentava bem o nome. Em redor, espalhavam-se múltiplos acidentes, que eram outros providenciais gasalhados para eles. As grandes pedras abruptas, os fragosos, alcantilados penedos, que, antes, constringiam o caminho, por toda a parte, agora, ao largo, avizinhandose, conglomerandose, formavam uma espécie de forte e vasta muralha, com raros hiatos, que eram passagens naturais, permitindo o livre acesso das circunjunções — aquele mundo verde que se erguia por todos os lados.

As rudes penhas, ensarilhando-se umas com as outras, formavam, por vezes, vastas locas, onde se comportavam, folgadoamente, duas e três pessoas.

E sob um enorme e negro rochedo, maior entre os maiores, proeminando, a certa altura, a jeito de colossal bigorna, e indo cair justo, sobre a face a prumo de outro, erguido ao pé, — aí, dentro nesse nicho áspero, abegara-se, inteira, a gente do Capitão, constituída, ao todo, de umas dez pessoas.

Grandes, seculares árvores, sob cujos galhos, esfarripandose ao vento, oscilavam, de uma leveza de pluma, longas meadas de barbas de velho, pardacentas, — cobriam as cercanias. Repontavam arbúsculos pelos interstícios das pedras, e trepadeiras

envolviam-nas, num manto fenestrado, ostentando florinhas multicores.

Mais além, por todo o horizonte em torno, eram os plainos verdes ondulando — mangas sem fim, fartos roçados de mandioca e de milho, embastidas manchas de frondes de cacauzeiros, uniformes, num nível igual, de um contorno preciso. E apontando por toda parte, marcando terreiros branquicentos e limpos, tetos esparsos, como remendos da paisagem. Em certo rumo, os túmulos como ossadas branqueando por cima, em meio a cruces negras, num altiplano longínquo, uma nesga de cemitério.

E a vila, desdobrando-se pelos alcôndores de um cerro, lá estava também visível, na direção do poente, envolta nos tons azulados das distâncias sensíveis. E avultavam telhados, alvas fachadas, esparsas. A rua principal, estendendo-se num rosário de casas. O vazio de uma praça. A cúpula do grande barracão das feiras.

E, dominando tudo, de um desenho nítido, à luz forte daqueles dias claros, sobre o fundo vasto de um céu vasto e sem flóculos, muito azul, erguia-se a imagem pacificamente branca da torre de uma igreja.

Na manhã seguinte, chegou a ordem do subdelegado, que era formal. O bando já não podia arredar pé dali, sob pena de punição rigorosa.

E, agora, os ciganos contemplavam, num misto de decepção e cobiça, o casario distante.

Não lhes adiantara, nada, a folha corrida, que haviam trazido do último lugar, em que tinham demorado, em negócios, e, bem assim, uma carta de certo chefe político prestigioso na zona. Mas, o Capitão não esmorecia e ia e voltava, sendo que já conseguira da autoridade, um — “vou pensar melhor; volte amanhã.”

O caso não era para menos.

Meses antes, haviam eles passado por ali, e foram tamanhas

as traficâncias praticadas, que a população, lesada tantas vezes, terminou por ficar de olho com o velhaco bando, e revoltada contra ele.

Um dos ciganos, num dia de feira, tendo passado a perna em um burro, a pretexto de experimentá-lo, fingindo entabolar com o dono, que se achava presente na vila, um negócio a respeito do animal, fora-se e não mais tornou. O pobre roceiro teve de gramar a pé umas boas quatro léguas, inconformado com o seu prejuízo.

Outro, um tal Pedro Lontra, requintara também numa esperteza grande. E a vitima, quem logo havia de ser a vitima? Fora o próprio filho do subdelegado, ao qual havia impingido uma besta ordinária, por um horror de dinheiro, — quinhentos mil reis à vista e um relógio Omega e cadeia, todos de ouro. Em poucos dias, porém ficaram positivados os maiores defeitos do animal, que era, além do mais, decrépito, e cujos dentes, a fim de mascarar-lhe a idade, o larápio havia brocado, de tal jeito, que conseguiu fazê-lo passar por novo.

— Veja só, patrãozinho, dizia Pedro Lontra, é nova, nova! Esta peça é uma bestinha que, mesmo puxando muito, haverá de ter uns seis anos no muito. É conhecida em todo o Rio Novo. Mesmo eu só vendo — vosmecê acredite — porque estou na grande precisão. Nem ainda igualou os dentes, veja só, patrãozinho — e o cigano forçava o animal a escancarar a bocarra, pinçando-lhe com uma das mãos, enérgico, as ventas, e com a outra interpondo o polegar e o indicador, entre as mandíbulas, engarrando-as. E o animal bufava, sacudindo a cabeça, as pernas retêsas.

Afinal, depois de três dias, venceu o Capitão com as suas falas mansas, terminando por garantir a maior lisura em todos os negócios. O subdelegado acabou, assim, cedendo as suas lamúrias, porém impusera, logo, uma condição sagrada: ficava totalmente proibida a entrada do traficante do negócio da besta,

sob pena de ele, Capitão, ser severamente punido.

“– Pois está certo, meu patrão. Ele não virá cá. Dou-lhe a minha palavra de honra. Meu patrão há de dizer que cigano não tem palavra nem honra. Mas, eu também não sou cigano. Sou é genuíno baiano. Sou da família dos Mouras, das Lavras Diamantinas. Quando rapaz, apaixonei-me por uma cigana, que hoje é minha mulher. Ela era bem bonita nesse tempo. Casei-me com ela, por paixão, essa a triste verdade, mas não sou cigano. Até que nem gosto dessa vida que levo. Minha mulher, hoje, está que é uma raposa, mas não posso mais largá-la, tenho oito filhos dela. Vosmecê vê, meu patrão, quis o destino que eu vivesse com eles, entre eles, mas eu não sou cigano”.

Assim, com essa restrição, a autoridade transigiu.

E uma manhã ensolarada, a passo curto, entrou o bando errante em cortejo.

Cavalgavam nédias alimárias, umas cangalheiras, outras finas de silhão, na maioria, burros e bestas, os mais tidos e apreçados animais daqueles rincões de estradas difíceis e buraqueiras.

Entre os costados, constituídos por trouxas contendo trens ou velhos baús, tauxiados, recobertos de couro curtido, escanchadas sobre cangalhas, vinham as mulheres.

A cabeça moldava-lhes sob algum lenço de Alcobaça, meio desbotado pelas chuvas e soalheiras. Às orelhas penduravam-se-lhes argolas de ouro faiscantes; e colares, também de ouro, que, a coruscarem, enroscavam-se-lhes ao pescoço, tecendo muitas voltas, ou lhes caíndo sobre o peito numa volta só, ampla.

As suas vestes eram sujas e encardidas, com as cores já esmaecidas pelo tempo.

E, através das blusas desafogadas, repontando cabeções empoeirados e suarentos, via-se-lhes, a todas, largo trecho do colo, onde começavam os seios.

Todas exibiam um rosto tostado, surdindo de entre grandes tranças, que pendiam sobre os ombros e sobre o colo.

Algumas conduziam crianças ao regaço, de meses. Outras, aos mais crescidos, traziam-nos à garupa. Eram os filhos.

Da sela, vinham os homens, chapéus de abas largas, bigodes fartos caindo sobre a boca, onde cintilava o inferno dos dentes de ouro.

A população vira-os passar levantando uma forte nuvem de poeira, correndo com ar de alvoroço às janelas, para gozar aquele espetáculo deveras divertido.

À tarde, nuns terrenos devolutos das circunjabências, já lá estavam armados os amplos, pesados toldos de lona, num alinhamento espaçado, como aves estranhas de asas espalmadas, imóveis e prestes a voar.

Panelas fumegavam ao lado. Crianças, nuas e sujas, brincavam em redor, a rolar pelo chão e às cabriolas. Os mais — homens e mulheres — confabulavam numa promiscuidade absoluta, companheiros da mesma lida, dos mesmos segredos, do mesmo destino.

Os ciganos tinham deitado os animais em manga próxima. Nos abarracamentos, a duas e a três, espriavam-se selas e cangalhas, pelo chão, ou penderes de algum gancho.

E, das mantas e baixeiros, tresandando a suor, muitos forravam o chão, improvisando com eles travesseiros e camas.

Pelo anoitecer, em passeio, vieram vindo curiosos da população, a correr o abarracamento. Estava, ali mesmo, a gente melhor do lugar. Dos primeiros a chegar, num grupo trepidante de moças, foi Luizinha Borges, a quem muitos tratavam de Professorinha, por ser a mestra da petizada da terra.

Era, a bem dizer, a alma do lugar, com o seu tipozinho deveras delicado, na graça dos vinte anos louções. E animava, sempre, a vila, pelas festas religiosas do Natal, ou pelos novenários, organizando ranchos álacres, que, debaixo de lantejoulas e fantasias de papel arengueiro, iam de assalto às casas dos graduados do meio, à luz de lanterninhas penderes de bastões

engalanados, batendo pandeiros e enchendo a noite de quadras louvaminheiras e místicas. De outras ocasiões, promovia festivais escolares, que eram a delícia da população, fazendo representar, na grande sala de aulas, ou em algum teatrinho adrede preparado, entremezes que ela mesma escrevia. O programa era sempre completado com alguns monólogos e canções que a Luízinha quase arrancava a pulso do promotor da comarca e do dentista da localidade, os quais, tontos com tantos pedidos, se punham em duelo de morte com as musas, num esforço titânico, a fim de desobrigar-se do encargo imposto.

A música, arranjava-a o fecundo mestre da filarmônica, o Vitorino Gomes, não importava quantas.

Tinha a Luízinha uma maneira viva, mas sem afetações nem demasias, à qual animava sempre a graça contagiante dos seus olhos trêfegos. A alegria natural do pássaro em liberdade que, sendo embora traquinice, nunca é irritante. E ela punha um jeitinho no lábio circunflexo, ao falar — falando e sorrindo, é o termo — mostrando a série linda dos dentes perfeitos, que lhe dava uma nota peculiar à fisionomia, que agradava, tornando-a uma flor verdadeira de brejeirice inconsciente. Surgiu no bando, entre outras, contando alguma história que fazia que as companheiras convergissem as cabeças para ela. Pouco além, se descentralizou a conversa e as raparigas desviaram a atenção para o espetáculo multifário que se passava em redor. E certa altura, sem que outros a notassem, a professorinha ficara para trás, “perdida”.

— Gentes, será que os ciganos teriam roubado a Luízinha? Gracejou uma.

Mas, não. A Luízinha, instintivamente, houvera entrado em uma das barracas, onde, ao passar, vira uma cigana, num ar de grande aflição, às voltas com uma criança de meses, que lhe pareceu logo doente. E era-o. E uma palavra de interesse e mais outra, e acabara entrando.

Era um bebê languento, pobre ente mirrado, costelas de fora, pele seca, e pregueada, em cujo rosto avultavam, de cada lado da boca, como dois parêntesis, duas fortes rugas cavadas. De um para outro canto, dizendo-lhe palavras de consolo e alívio, ia e vinha a zíngara. O infante quase não dava acordo de si, langue e flácido, frio, com alternativas de um pranto choromingado, sentido. As companheiras da Luizinha nem tinham visto o dorido quadro, ao passar; porém, ela já estava íntima e interessada, toda interrogações à pobre, lembrando-lhe remédios caseiros, sondando-lhe as necessidades, prometendo trazer o médico da terra, com pouca demora.

Sobretudo, insistia nas vantagens de uma nova marca de leite. A cigana não o conhecia? Maravilhoso! A outra respondia que não. Talvez alimento para filhos de ricos... Mas, em compensação, já experimentara vários, sempre sem resultado nenhum.

Nem sabia, mais, o que fizesse. Agora mesmo, em vão, se esforçava por manter a vida da criancinha à custa de mingaus.

Em breve prazo, foram as amigas da professora encontrá-la, bem à vontade, sentada sobre uma cangalha, a um canto da barraca. As outras entraram também, mais ou menos condoídas daquele grande sofrimento, dizendo frases de ternura e ânimo.

À noite, o povoado encherá-se daquela situação pungentíssima. Outras muitas pessoas foram ver o desgraçadinho, aconselhando à triste mãe novas mezinhas ou preparados popularizados. Já viera o médico, a pedido da Luizinha, e receitara qualquer coisa. Alguém, todavia, dos populares, aconselhou o uso de um lombrigueiro, garantindo a cura.

Correram, assim, vários dias, sem quaisquer melhoras para o pequenito.

Era de ver, todas as tardes, bandos de pessoas, tendo a Luizinha no meio, fazer a mesma assistência de carinho, conselhos e consolo. Mas, a triste criatura materna descreia já de tudo. Antes, quando o Capitão se empenhava pela licença, que o subdelegado

tanto resistia em dar, até foi lembrado o estado da criancinha, pois ali os recursos eram bem maiores. Mas, agora, já andara o médico receitando e tudo continuava no mesmo... para pior.

O pequenino ia-se, ia-se...

Almas mais compassivas enviavam-lhe algum leite do estábulo particular, outras presenteavam-lhe farinhas medicamentosas... Um garantira que somente leite humano faria o milagre de uma ressurreição. Mas, onde, Santo Deus? Das ciganas que tinham filhos pequenos, nenhuma possuía mais leite. Nenhuma! Nem outra pessoa lhe oferecera também...

Ainda interveio o médico, com outras poções, sempre inúteis. Nada!

Depois de alguns dias, era, já, em romaria, que a gente do povoado, mulheres sobretudo, acorria à barraca, onde definhava o mísero. E lá estava ele, nos maternos braços, cada vez mais entanguido, mais consunto e mumifeito, esgargalhado, imóvel, menos os olhinhos, muito acesos, movendo-se como procurando compreender algo, hipotérmico. E foi numa agonia surda, imperceptível, sem convulsão, sem trejeito de face, sequer, que ele, enfim, se extinguiu.

A própria mãe não no sentiu, dando com o pequenino frio, bem morto, no aconchego do colo.

A morte da criança comoveu a todos. Uma senhorinha bem apessoada oferecera-lhe o esquife, onde o armador aldeão pusera o máximo de mimos. E flores, e muitas flores foram sem conto, que lhe enviaram...

Já o sol quebrava à hora do enterramento. A professora comparecera com todo o colégio em forma. Viera também a Filarmônica, numa homenagem piedosa e tocante.

Todo o redor se movimentou àquele instante. A melhor gente do lugar havia chegado...

Cantava, no espaço, o bimbalar argentino das campas de uma torre próxima. Enfim, ambulou o cortejo pela rua a fora,



calmo, numeroso, levantando no ar uma nuvem fina de poeira. De uma parte e outra, às janelas, afluíam rostos. Escapavam expressões de pena. Bandejas floridas saíam às portas.

O cemitério ficava distante. O caminho, a começo, levava pelas beiradas do rio, em cujas barrancas cresciam espécies arbustivas que quase fechavam o horizonte. Do outro lado, o terreno desdobrava-se em amplos raspadouros, corridos por cercas de arame farpado, que sugeriam pautas de música, e onde as veredas se desenhavam como um rastilho de área. Aplanava, de todo, então, alongando-se em superfícies zebreadas, recoberto de uma vegetação fanada e estorrida, apontoando tocos, tufos, com o capim de burro esfazendo-se em pó, de tão ressequido, uma ou outra árvore projetando, e onde abrolhavam, sem continuidade e sem brilhos, arasbescando manchas estioladas de um flavo azinhavrado, nascidos ao acaso, toscos canteiros de gervão, fedegoso, carqueja e língua de vaca.

Depois, o aspecto agreste da paisagem acentuava-se cada vez mais. Altos bambus, armando cúpulas com a inflexão dos galhos, em cima, ciciando uma música de folhas, como se amarrotassem sedas. O caminho, quase sempre, sumindo-se por debaixo de frondosas árvores: esta uma jaqueira, aquela um pau d' alho, já uma figueira.

O cenário ia perdendo aquela quase nudez de uma flora raquítica, cerce, rasa, de uns tons desvitalizados na clorofila.

Capões de mato, bosquetes, velhas árvores sobranceiras, confudindo-se as copas, punham-lhe agora, por toda parte, entre o céu e a terra grandes manchas verdes, como em alto relevo, adensando em sombra o horizonte. Pela superfície rasteira, nos trechos escampos, avultavam grandes moitas que semelhavam enormes túmulos afogados num manto de heras enredantes, ao abandono.

Súbito, intensos aromas balsamizando tudo. Era a palude, sob a morna incidência do crepúsculo agônico que ia surgindo

em face: verde sobre preto. Daí a pouquinho, contornavam-se-lhe as bordas lutulentas, através de rústica estiva de paus extraviados. Por cima da face parada, dentre ninféias, nos golfões flutuantes, roxas corolas afiniladas, olhavam o céu, e brancas borboletas de uma alvura imácula, como chapéus pequeninos de monjas, pendiam, em fartos molhos, das tormentosas hastes.

Borboletas verdadeiras doidejavam por cima, como pétalas soltas multicoloridas.

No esvaecimento da tarde, a luz difundia-se como uma poeira tenuíssima sobre a face das coisas. E, através dos plainos vastos e dos suaves e alongados vales, que se descerravam a trechos, ao longe, proeminavam serras e lombadas, recortando-se, muito lilazes, sob o céu muito cinza, dominando renques adensados de copas, já esboçando um simulacro de mata.

Pela estrada umbrosa, roçagando através de galhos que a invadiam à altura das pessoas, de cima, dos lados, das sebes que lhe muravam o leito, crescendo no intervalo dos troncos centenários, prosseguia, monotonamente, o préstito, conduzindo o caixãozinho ora por um, ora por outro.

Às vezes, desbordando a trilha amarelenta e socada do caminho, esse, aquele, se descuidava, indo ferir-se de encontro a algum galho cortante de “malícia de mulher”, que emergia, traiçoeiramente, mal reconhecido, do seio das ramagens trançada em roda. De outras, alguma rês pastando entre galhos, olhava admirativa o bando piedoso e se esgueirava, logo, estralejando por entre paus, à sua aproximação.

O cemitério era um pouco longe — uma boa meia légua da vila, para melhor servir a toda a redondeza. Já a criançada cansava e o passo era mais lento.

Iam todos, assim, quando, de momento, uma agitação, um borborinho de vozes subiu, confusamente, dos peitos. Alguém bradou:

— Gentes! O Pedro Lontra, ali! Prendam! Prendam!

De fato, Pedro Lontra fora reconhecido num capão de mato, à pequena distância. Num arranco impulsivo, já o subdelegado se adiantara aos mais, e segurava-o no ombro, com mão forte, imperativo:

— Esteja preso a minha ordem. Não foi você mesmo que impingiu aquela besta ruim ao meu filho? Hein? Responda!

Pedro Lontra mal se movia, acobardado e trêmulo. Relanceou o olhar muito aberto, esgaseado, ao pé de si, numa atitude estranha, como medindo lentamente um círculo em torno, e ,senão quando, de chofre, endireitando-se todo, a um tempo decidido e submisso, articulou claro:

— Sou, inhor sim, patrão. Prender pode, inhor sim, isto pode — mas deixe ver primeiro o anjinho que morreu... sou o pai dele...

O CAXIXE

Todas as vezes que era obrigado a passar pela estrada em viagem para Tartarugas, além duas puxadas léguas, o Joca Leal quase delirava de ódio, ao avistar a casa de Martinho Franco, num alto, branca, batida de luz, sobre um tapete verde de grama da Europa.

A casa da fazenda que pertencera ao pai!

Detinha-se, instintivamente, uns instantes. Lançava-lhe um olhar referto de cólera. Crispavam-se-lhe os dedos. Rilhavam-lhe, frementemente, os maxilares. Toda a musculatura da face espasmava num tonismo desordenado.

Não raro, uma lágrima, muito grossa, brotando e escorrendo célere, apontava. Joca Leal, porém, fazendo-se forte, dominava, de pronto, a emoção sentimental, distraíndo o pensamento para outros rumos.

Depois, num movimento brusco, dando dos ombros, decidido, prosseguia.

Uma feita, que ele encarava, assim, a casa do inimigo, surpreendera-o um jornaleiro de Martinho, que, entre irônico e perverso, escondendo-se por trás de um cômodo esmoitado da vizinhança, lhe atirou:

— Está com saudades do que já foi seu, hein, “seu” Joca?

Joca Leal ainda o vira e quase lhe partira ao encalço para dar-lhe um bom ensino. Meditou, porém, que não faltariam, ali por perto, outros agregados de Martinho e, no fim, era ele que acabava perdendo.

Conteve-se. Talvez, um dia, pegasse-o de melhor jeito, na estrada, pensou. Mas, sofria muito naqueles momentos.

Muitas vezes, ao cruzar pelo sítio molesto, procurara dominar-se, evitando mirar a casa do desafeto. Mas, uma desconhecida força, o arrastava a deitar os olhos sobre ela, e chumbava-lhe os pés ao solo, obrigando-o a parar.

Joca Leal residia ali pelas cercanias no Canudos, em companhia da velha mãe, uma pobre alma de Deus, hoje doente, que tinha assistido, sem ter para quem apelar à perda total dos seus bens, no mistifório que fora o seu inventário.

Em casa, havia instalado um pequeno negócio de secos e molhados, muito afreguesado do pessoal das redondezas, e costumava, todas as noites, sentado sobre um banco tosco, instalado à frente do estabelecimento, reunir-se ali, contando “causos” à luz de um lampião a querozene que fumegava uma tocha enorme.

Durante o dia, não raro, largando a estrada, pedestres e cavaleiros iam dessedentar-se lá e mais freqüentemente, sobretudo nos dias de chuva, beber a boa aguardente que tinha sempre à venda.

Fazia o seu sortimento em Tartarugas, na casa comercial do coronel Eusébio Gomes, negociante e comprador de cacau e fazendeiro que, a pretexto de ajudá-lo, manobrava com ele o seu estoque de mercadorias.

Muitos diziam que essa proteção devia-se a ser Eusébio também inimigo de Martinho, desde uma discussão forte que tinham tido e em que ambos se insultaram mutuamente, indo quase a vias de fato.

A verdade é que Martinho já andava seriamente espantado com umas conversas que lhe haviam chegado ao ouvido, a respeito dos sentimentos de vingança do Joca. Estava bem informado de que o rapaz o odiava de morte, desde que tinha averiguado de um modo certo e positivo que ele ludibriaria o seu pai, quase na hora

extrema, e promovera o esbulho de sua pobre mãe.

Quando a coisa se tinha realizado, Joca Leal andava por longes terras, servindo no Exército. Da própria doença do pai, não recebera notícia alguma, antes de saber do seu falecimento.

A nova chegou-lhe por carta, que lhe escrevera um amigo do lugar. A carta andara “ceca e meca” e, quando lhe veio ter às mãos, com o destino riscado, muitas vezes, segundo o itinerário do seu Batalhão, que não parava em parte alguma, hoje em Pernambuco, amanhã no Maranhão, já no Ceará, por causa de umas situações políticas difíceis nesses Estados, já muitos meses haviam decorrido.

Dias depois, outra carta o advertia da liquidação dos bens paternos, cuja fazenda, em virtude de grande débito irresgatável, fora ter às mãos de Martinho.

Ao principio, Joca Leal não compreendeu bem aquele resultado. Escreveu para casa. Nunca lhe chegou a mínima resposta.

Martinho havia chegado em Tartarugas, fazia já uns anos, tangido pela adversidade do meio onde antes trabalhara, no Serinhaém. Atraído pela fama da região, tinha-a procurado, nada trazendo de seu, a não ser a mulher e um filho, já se pondo rapazote. Ficou, os primeiros dias, em casa de uns conhecidos, parentes longe, também do Serinhaém. Procurou o velho Leal, um domingo.

O velho tinha fama de prestativo e bom. Contou-lhe a última crise por que havia passado. Visitou-o, ainda alguma vezes. Tomou-o para padrinho do filho.

O pai de Joca, apiedado, acabou chamando-o para perto de sua fazenda. Facilitou-lhe algum capital para montar um “fornecimento” para os seus trabalhadores, que eram, durante a safra, uns vinte.

Deu-lhe, além disso, permissão para construir nos seus próprios terrenos, na beira da estrada, uma casa para o seu negócio. Tudo foi feito num mês.

Os trabalhadores de Leal compravam a Martinho durante a semana, de sábado a sábado, nos limites dos ganhos, e ele próprio retirava a parte do negociante, ao fazer-lhes o pagamento.

Com a freguesia da redondeza, que logo veio chegando, em pouco, Martinho prosperou.

Dáí a um ano, transferiu o negócio para Tartarugas, fazendo um comércio de maior vulto, e comprando cacau.

Afetava maior gratidão para com o seu protetor. O próprio Joca Leal, ouvira, muita vez, Martinho dizer, quando o pai lhe pedia as notas do que lhe devia das suas ordens vindas da fazenda, contrapondo evasivas cheias de desinteresse:

— “Ora, compadre, na hora da precisão, sei que estou com o meu seguro. Tivesse eu tudo que é meu em mãos como as suas, mesmo sem nenhum documento.”

E o velho Leal objetava: — “Tanto se vive como se morre, compadre.”

Joca Leal conhecia esses começos do inimigo de hoje. E fez mil conjecturas a respeito da dívida que dera lugar à perda da fazenda, assim que teve disso notícias. E, ao dar baixa não perdeu tempo. No primeiro vapor, regressava.

Quando soube dos pormenores de como Martinho ludibriara seu pai, Joca Leal teve ímpetos de esganá-lo todo, de deflagrar-lhe o seu revólver até a última bala. Mas, ante a súplica materna, cuja velhice já não comportava certos transes, refletiu, dominou-se!

— Então o meu pai estava quase cego, quando assinou a letra? — Indagou com voz trêmula, cheia de emoção e ódio. E não suspeitou nada do plano miserável daquele caxixeiro?

A mãe, então, obtemperou que isso não se podia esperar de uma pessoa, a quem eles haviam dado a mão, de mais a mais, compadre. Também todo mundo estranhou tanta traição, dizendo que, de uma daquelas, ninguém estava livre.

Muitos dias seguidos, não lhe saiu mais da imaginação o



quadro do sofrimento paterno, ressuscitado da narrativa feita pela mãe.

Via o pai, entrevado, a gemer. Aquela dor de que, havia muito, se queixava, sobre o peito e a pá, a martirizá-lo, agora, sempre, de dia, de noite, tinha aumentado, uma coisa por demais. Depois, um verdadeiro tumor, bem na parte medianeira dos peitos, na frente, exteriorizara-se. Os vasos do pescoço, batendo, batendo. A respiração, impossível.

Como se não bastasse tanto sofrimento, ainda aquela inflamação horrível dos olhos, que não lhe permitia, sequer, encarar a claridade, com dores na órbita, de todos os ossos da cabeça, sem poder dormir um momento, ao menos, a gemer, a gemer!

Aparecia-lhe, finalmente, a tarde em que Martinho viera acertar as contas com ele. A mãe, nessa ocasião, passava uma “madorna”, afadigada de tanta noite mal dormida. Quase nada vira.

— Sei que foi nesse dia, acrescentara, porque me lembro que ele mandou comprar um tinteiro na venda do Elisiário, no Pontal, pelo filho que o acompanhou.

Joca Leal ainda ouviu o depoimento de outros. A opinião de todos era que, ao encher o título para receber a assinatura do pai, Martinho pusera, não cinco contos — que era o mais que ele poderia dever-lhe, mas cinqüenta contos, que ele pagaria pela safra, tendo o velho tudo assinado com a maior boa fé que se podia imaginar.

Morto o amigo, o falsário agiu. E, com pouca demora, a justiça entregava-lhe tudo, a começar pela fazenda, onde hoje imperava como verdadeiro senhor. A viúva fora morar, de favor, na casa de uns compadres, compadecidos dela.

Quando Joca chegou, quase já seis meses eram decorridos sobre a morte do velho. O próprio juiz já fora promovido a desembargador, por merecimento, e morava na capital.

Joca Leal, às vezes que lhe falavam da usurpação dos bens paternos, tornava-se mudo, o cenho carregado. Só uma feita,

dissera que “riqueza adquirida com caxixe não punha ninguém para diante”.

Sabia-se, entretanto, do seu ódio implacável, da sua relutância invencível por dominar-se, ao passar pela propriedade do inimigo. Murmurava-se mesmo, que a sua vingança se exerceria algum dia. Já, não, que todas as suspeitas o denunciariam logo. De mais a mais, Martinho agora dera para cabo eleitoral e fizera amizade muito estreita com o subdelegado local, a quem presenteava amiúde.

Joca Leal é que nada dizia e desconversava sempre, quando sentia que lhe sondavam os sentimentos. Evitava, o mais que podia, defrontar o adversário. Depois da indireta do agregado de Martinho, ao dirigir-se a Tartarugas, Joca Leal adotara um expediente fácil para furtar-se a pôr os olhos sobre aquela casa execranda.

Descia o rio de canoa, e à altura da casa de Martinho, costeava bem a margem limítrofe e, graças à vegetação arbustiva que cortava o rio daquele lado, formando maciços indevassáveis, dentre os quais, semelhando mãos levantadas das plantas, se erguiam verdes leques de palmeiras, vencia, assim, o lugar sem lhe pôr a vista.

Uma manhã, tendo necessidade de ir ao povoado, Joca Leal não deu com a canoa no rio. Algum companheiro da redondeza a utilizara em caso de precisão. Joca Leal não podia retardar a viagem. Decidiu ir mesmo a pé.

Daí a instantes, ao se aproximar da fazenda do desafeto, meio oculto sob os arvoredos, que margeavam a estrada, Joca Leal vislumbrou, a certa distância, dois vultos que desciam montados a vereda da porteira, que era em rampa.

Sem muito esforço, reconheceu que eram Martinho e seu filho.

Nisso, vozes, ao pé, se escutaram, misturadas à bulha de pata de animais. Joca Leal foi-se logo esgueirando e atufando-se

na ramaria flexível de entorno, onde ficou escondido.

Tremeu, com razão, ao estacar o grupo a dois passos de sí, enquanto um dos cavaleiros se apeava afim de apertar a cilha da sua montada.

Joca Leal, encolhido, todo imóvel, com os olhos muito abertos e a respiração presa, seguia-lhes os gestos, procurando bem certificar-se de que pessoa alguma o via.

O primeiro, enquanto apertava a cilha, continuava a falar:

— É um perigo, com um sol destes. Ontem mesmo, com padre Eugênio perdeu uma roça inteira com o fogo que passou às plantações.

— E assim “ventano”, piorou um pouco, acrescentou um dos companheiros que, aproveitando aquela pausa, apeara para “verter água”.

Num instante, continuaram a viagem.

Surgindo do mato, logo que eles caminharam alguns passos, Joca Leal ganhou de novo a estrada. Descortinando o olhar em direção da casa de Martinho, viu o céu toldado por grossas nuvens de fumaça, imensas, plúmbeas, mais carregadas em baixo, fuliginosas, quase negras.

Até onde estava, chegava-lhe o cheiro da fumaça, viciando o ar.

Avançou, alguns metros, sempre oculto. Reconheceu de onde vinha o fogo. Era um novo roçado, que queimavam nas terras do vizinho de Martinho, do lado de baixo do rio.

O sol causticava intenso. Entre os rolos espessos, não raro, subia alguma faúlha, relampeava um momento e logo se apagava. O fogo ardia nas terras de dentro. Tinha-se a impressão de que era em pleno coração das roças.

Joca Leal teve uma idéia. O essencial era agir com segurança e calma. Foi-se aproximando, sempre de mansinho. Mais de uma vez teve de esconder-se, ao ouvir as campas de uma tropa, perto.

No seu negócio, ele tinha ouvido falar de um roçado que

Martinho houvera mandado botar, logo na frente, entre a “roça grande e a manga da entrada.”

Já emprazara, mesmo, os trabalhadores para queimá-lo dali a três dias, num sábado.

Foi andando. Em pouquinho, estava já diante da casa de Martinho.

Relanceou os olhos em redor. Nada. Ninguém. Até a casa estava fechada. Consertando as idéias, lembrou-se de que, naquele dia, era aniversário da mulher do subdelegado.

Sim, boa ocasião. De repente, assustou-se, com um estrépito que estalou entre galhos. Pensou que fosse algum trabalhador de Martinho. Felizmente, não era. Apenas, uma vaca solta pastando pelas beiradas.

Joca Leal arfava, o olhar pulante, as pernas num jeito de agachamento sáurio. Subiu, assim, a vereda da porteira. Avançou mais alguns passos, transpôs a porteira, num relance, ganhou à direita.

Rastejava, agora, contornando a cerca da frente, até alcançar o álveo do ribeirão, já então seco, e que, a pouca distância, cortava-a perpendicularmente. Parava, escutando, por vezes. Escondido na profundidade do ribeirão, meio de cócoras, caminhava na direção da nascente, pisando ervas rasteiras, que se quebravam fazendo estalidos. Assim, alcançou a altura desejada.

Quando se ergueu, logo foi ganhando a borda do leito, de onde espiou, cauteloso. Deu com um vulto a alguns metros. Por sua felicidade, o homem estava de costas e fumava distraidamente. Joca Leal sentiu-se esmorecer.

O ideal era que pudesse realizar o seu plano sem possibilidade nenhuma de ser visto. Ele queria gozar, serenamente, intimamente, o desespero de Martinho, sem nada á ver com a Justiça...

De repente, vozes em confusão encheram aquele silêncio, vindas do lado da queima. Um búzio estrondou pelas redon-

dezas. Palavras de diligência, frenéticas, algum grito mais alto, chegavam-lhe, aos bocados, aos ouvidos.

O homem que fumava ergueu-se imediatamente e, pondo o facão na cintura, varou correndo em direção do lugar. No lugar da queima, o fogo tinha passado às plantações. Todos lutavam para detê-lo.

Só, Joca Leal respirou forte. Riu um riso de satisfação malvada e, galgando de um pulo presto o ribeirão, dirigiu-se ao sítio, a dois passos, onde a garrancharia do novo roçado, em meio a troncos robustos, ressequidos até o âmago, esperava o momento da queima.

Ainda relanceou o olhar em redor. Nada. Ninguém. Deus o ajudava! Estabeleceu, rapidíssimo, comunicações dos aceiros para as plantações vizinhas, da “roça grande”. Tornou a olhar. Ninguém. Deus o ajudava!

Reuniu um montículo de folhas, riscou um fósforo e logo o fogo crepitou valente.

Com as próprias mãos, semeou bocados vegetais em chamas, aqui e ali.

Felizmente, todos vingavam, propagando o incêndio, onde quer que caíam.

Joca Leal agia depressa, muito depressa. Na sua meia loucura de vingança, a reflexão e o cálculo andavam de par com o seu ódio.

Quando a obra lhe pareceu segura, desatou a correr.

Dessa vez, até que atingiu a estrada, seguia o caminho mais curto, tanto estava certo de que ninguém o observara. Só quando alcançou a estrada, retomou o ânimo cauteloso. E, todavia, caminhava depressa, olhando para um lado e outro, voltando-se muitas vezes. Também para seu sossego, não cruzou mais ninguém no caminho. Deus o ajudava!

Teria de voltar a casa. Sim, não devia ir mais a Tartarugas. Acima de tudo, a sua obra completa, bem acabada. Os adu-

ladores não o veriam naquele dia. Amanhã providenciaria o querosene e o sabão, que eram que lhe estava fazendo urgente falta no negócio.

Voltou. Ao chegar em casa, logo à mãe perguntou se o haviam procurado durante a sua ausência. Ela respondeu-lhe que não. Estava mesmo um dia de paradeiro, morto. Desde que Joca tinha saído, nenhum freguês lá entrara.

Joca Leal pediu-lhe segredo sobre sua ausência e contou-lhe tudo. A velha apenas dissera : — “ Meu filho! “

Caía a noite, já, quando, terminada a labuta, os trabalhadores se foram para casa, formando grupos. Um deles comentou:

— Pois não era mesmo muito caiporismo, que o fogo houvesse passado de tão longe? Só mesmo praga...

Aí, então, outro pegou na palavra:

— Bem “seu” Joca dizia que caxixe não bota ninguém pra frente. Dito e certo.

Durante muitos dias, não se falou noutra coisa. “Fechando o corpo”, no negócio do Joca, era de ouvir os homens tecendo comentários e pormenores sobre a luta em que se tinham empenhado contra o fogo, e aludindo ao próprio heroísmo, mostrarem, no corpo, os acidentes produzidos — este uma queimadura, aquele um arranhão, esse outro uma estrepada no pé...

Servindo-lhes cachaça, Joca Leal aparentava a maior calma e indiferença deste mundo.

Intimamente, ficara satisfeito. O fogo pegara mesmo de bom jeito e se propagara, além, pelas plantações, fazendo um bonito estrago — e então sobre a “roça grande”, não ficou pedra sobre pedra.

FEROCIDADE

O pleito se decidiria em juízo.

— Bem devia saber o Bernardo — dizia Silvério, que tinha a certeza de triunfar na demanda — que aquele pedaço de terra, para cá do ribeirão, era seu e muito seu. Nem ele iria questionar com quem quer que fosse, se não estivesse convencido do seu direito. Portanto, Bernardo que deixasse aquelas quizilas de despeitado, porque ele, Silvério, era muito bom, mas só enquanto não lhe davam nas medidas. Já outro dia, o vizinho abriu um buraco na cerca só para o gado passar às suas plantações, causando-lhe prejuízos, como de fato. O outro negou que fosse o autor, muito menos de propósito, porém ele, Silvério, bem vira que fora, pois não era menino, não senhor...

Também preveniu logo:

— “Doutra vez meto fogo. Quem quiser ter suas crias garantidas que faça pasto fechado, como eu”.

A fazenda de Silvério era das melhores da região. Bem situada, à beira do rio, com excelente casa de morada, ótimos utensílios para secagem de cacau, com uma área colossal dos seus quatrocentos hectares, desafiava a cobiça de todos. Por prova, não poucos tinham ido falar-lhe em compra, mas Silvério recusava, sem hesitar, as constantes propostas, algumas na verdade boas, e, muita vez, até, aborrecido, uma, porque não estava apertado, com o favor de Deus, outra porque lhe tinha verdadeiro entranhado amor.

Era Silvério individuo de poucas letras, mas cheio de



intuição e curiosidade, gostando de folhear publicações que se ocupavam de agricultura e, sobretudo, de cultivo de cacau.

E, com efeito, correndo-se-lhe as roças, a todo passo se deparavam inovações no seu plantio e trato, que ele explicava, citando, freqüentemente, o “Boletim Agrícola”, que assinava.

Sobre pecuária, tinha também a sua tintura. E faziam gosto algumas vacas leiteiras que possuía no estábulo e que o berne, nem uma só vez, pudera atingir.

Cacau, mangas, ou mesmo café, que plantara uma tantas tarefas, tudo era, ali, de fazer gosto.

Que lhe fosse descobrir um só renovo nos seus cacauzeiros, uma cabaça perdida ao menos, um galho seco sequer.

Bem compassadas, bem aceiradas, as plantações expluíam em grande força e viço, carregando como nenhuma, registrando-se todos os anos um aumento da safra, mesmo quando outros lavradores se queixavam de diminuição.

Mas, veio aquele ano da questão com o Bernardo, que foi mesmo uma cafifa de todos os diabos!

Entraram os seus dias cheios de surpresas desagradáveis, a começar pela doença da mulher, que andara entre a vida e a morte, por muitos meses, tendo de submeter-se a uma operação na Capital, que lhe custou uns bons dez contos. E quando a mulher se levantou, caíra logo o filho devido uma mordedura de cobra que lhe fizera inchar o pé num começo de gangrena, que, só com grande trabalho o dr. Costa, vindo todos os dias de bastante longe, conseguira debelar, a poder de muita injeção e curativos. Mais alguns contos. Isto, só dentro de casa.

Na roça, fora o mesmo teor de danos. Logo em janeiro, ao queimarem um novo roçado, que mandara botar não houve mão que impedisse o fogo de passar às plantações vizinhas, perdendo o Silvério, então, uma roça inteira, das que mais carregavam.

Por último, vinha aquela safra miserável, que até parecia um castigo divino. Ia junho em meio e, tendo corrido as plantações,

o lavrador voltara descoroçoado. Poucos frutos maduros, um ou outro bilro, longos pedaços, em que não se via uma única cabaça, toda a floração espetalando-se ao vento. E, uma manhã — mais esta! — lá apareceu estendida, no estábulo a sua vaca mais leiteira, de mais a mais, prenhe. Era mesmo para desesperar uma pessoa! Simpliciano, um agregado que lhe trabalhava havia, já, muito tempo, um dia não se conteve mais que lhe não dissesse.

Eh, patrão, não gosto de me meter adonde não sou chamado, mesmo porque vosmecê enxerga muito mais até mas, como é coisa que eu mesmo vi, deixe sempre lhe dizer, patrão.

Patrão, nessa coisa toda, anda feitiçaria grossa, patrão, pode crer. Aquele negro mandingueiro do João Preto, que mora num coió nos terrenos do seu coronel Pompílio, é quem anda mexendo a colher nisso tudo, pode crer. Eu não sou intrigueiro, eu mesmo vi. Vosmecê deve se lembrar de outro dia, que vosmecê me despachou, de tardinha, para comprar carbureto na casa de seu Euclides França, no Tucano.

Eu já andava, não sei porque, desconfiado daquele esconjurado de todos os infernos, que eu odeio de morte desde que botou doença ruim de peito no meu compadre Leandro, só para ganhar uns vinténs da namorada do rapaz, que andava despeitada porque ele a desprezou por coisa muito da ruim e desavergonhada. (Coitado do meu compadre Leandro! Deus que o guarde!).

Mas, como dizia, ao passar, nesse dia, na estrada eu que até nem gosto de olhar para o coió do bandido, olhei, e o que vi? O negro, que lá estava, do lado de dentro, encostado ao pé direito, conversando com o peste do Bernardo, que, por sinal se mostrava muito satisfeito e com o riso malvado na boca.

No outro dia foi quando essa boniteza de vaca amanheceu morta no curral, se se saber mesmo como. Menos. Apenas, para não parecer intrometido. Mas, agora também é demais! Eu já estou que não posso esconder mais a verdade.

Silvério tudo ouviu e ficou pensando, pensando.

Acordou das suas cismas, daí a instantes, já animado de ímpetos violentos de vingar-se, imediatamente, de ambos os inimigos, com um castigo sério de deixa-los de lombos desca-deirados.

— “Ah, miseráveis!” rugiu.

Bernardo nem bem um fazendeiro era, mas, sim, um simples burareiro, dono de um pedaço de chão vagabundo, com uma meia dúzia de cacaueros, além do que, mais velhos. E era esse atrevido arrebetado que tinha o topete de querer atrapalhar a vida de um homem das suas condições.

João Preto, esse...

Silvério tinha o espírito seu tanto liberto de credices e superstições, mas não podia deixar de ficar odiando, profundamente, o negro, ao saber da sua colaboração malfazeja no caso, sobretudo porque, todas as vezes que seguia pela estrada e o feiticeiro, com voz trêmula, lhe suplicava “uma esmolinha para o negro velho doente”, jamais deixara de pôr-lhe, na palma da mão estirada, alguns níqueis, ou mesmo uma prata...

As ingratidões do mundo!

— Mas deixe estar que ambos me pagam! Disse Silvério, depois de refletir sobre o caso.

Então, Simpliciano tomou outra vez a palavra.

— Queria alcançar um favor do seu coronel, principiou. Quanto ao Bernardo, não. Eles, que eram brancos, que lá se aviessem. Só queria era com o excomungado do João Preto, aquele peste praguento, olhar ruim do mundo, que tinha liquidado, em dois tempos, com o finado Leandro, um companheiro tão bom, coitado! Se o “seu” coronel deixasse agora, era que o malfetor pagava o novo e o velho, de tanto mal que tem espalhado na terra.

—Pois então faça lá o que quiser! Rematou Silvério, decidido.

Simpliciano aí sorriu de satisfação. Deixou escapar um

esto forte do peito, assobiando no rumo de casa, que era perto.

Silvério aguardava, primeiro, a sentença do juiz para agir contra o vizinho. A vitória havia de ser, forçosamente, sua. Já isto era uma boa lição, que tiraria muitas noites de sono a Bernardo. Depois, iria também ser mau. Procurara ser o melhor dos vizinhos. Não quisera? Pois Bernardo ia ver agora!

Silvério tinha conhecimento de uma letra de doze contos, vencida, havia quatro anos, e que o vizinho tinha em mãos do Euclides França. Pois bem. Teria de pagá-la, em juízo, não se fizesse de tolo, e de mais a mais, o Euclides era seu compadre duas vezes e ele iria exigir-lhe procedesse à cobrança judicial.

“Na guerra, como na guerra” — era a sua divisa agora. E havia de desmoralizá-lo!

Logo, também iria contar, pela gazeta, aquela história da roça da viúva do Teodoro Gomes, verdadeira água suja onde uma dívida de duzentos mil reis que Bernardo lhe emprestara na ocasião do enterro do marido, subiu a três contos e duzentos, obrigando a infeliz a entregar uma roça de cento e vinte arrobas, que foi o que deu algum valor à sua burara. Caxixeiro!

O agregado não perdeu tempo. Logo no mesmo dia, de tarde, dirigiu-se ao coió de João Preto.

O feiticeiro recebeu-o de cachimbo na boca, hospitaleiro.

— Chegou à boa hora, disse. Tinha agora mesmo, tomado um cafezinho. Mas tem ainda e dá gosto...

Simpliciano agradeceu, todo sumário. João Preto estranhou-lhe a fisionomia meia arresada, tanto que foi indagando logo:

— Que foi? Alguma contrariedade? Ora! Tira-se já...

Simpliciano desculpou-se. Não ele não tinha nada. O que o trazia ali era um recado do seu coronel Silvério. Tinha adocido a vaca mais leiteira da fazenda, que amanhecera, sem se poder erguer, com a língua de fora, babando muito, torcendo-se a todo momento, os olhos muito esbugalhados... Malmente

mexia com a cauda. O seu coronel pedia-lhe que fosse lá rezar uma oração forte.

O negro fez um riso de superioridade vaidosa. Todavia, ainda opôs dificuldades, lembrando-lhe a hora, pois já anoitecia.

Simpliciano ponderou, porém, que havia luar. No mais, tinha trazido um bom burro, especial de curto, para que João Preto fosse bem montado.

O feiticeiro acabou concordando.

Foi a um ângulo da choça, retirou da parede uma espécie de embornal que o acompanhava sempre nessas ocasiões, encheu-o de coisas, pô-lo a tiracolo.

Movia-se tardo. Auxiliado de um tamborete e do braço forte de Simpliciano, conseguiu montar, tendo, antes, o cuidado de prender as fraldas da camisa no cós da calça.

De viagem, na estrada batida de luar, ainda conversaram poucas palavras. O feiticeiro seguia na frente. Simpliciano, a pé.

Os vultos se lhes estiravam, adiante, em sombra.

A estrada, às vezes perdia-se nos meandros da matas espessa onde se lhe apertava o leito, invadido a todo passo, de galhos rígidos e espinhentos, que mal se adivinhavam na intensa penumbra interior. O burro fungava, a intervalos, velhacando, de orelha em pé, detendo-se, não raro, ante algum tronco carcomido, com ares de monstro suspeito ou rumor inopinado vindo das proximidades.

Simpliciano, seguia, agora, na frente, afim de alijar as dificuldades do caminho que melhor conhecia.

Andaram, assim, umas duas léguas.

Chegados que foram, à fazenda, o agregado abriu a porteira.

— Por aqui, disse. O curral fica neste rumo — e estendeu o braço na direção indicada.

Já, aquela hora, a casa da fazenda se achava com a frente fechada. Apenas, para os fundos, uma janela do oitão, aberta, deixava filtrar a claridade da sala de jantar.

Seguiram, então, os dois, quase sumidos, através da grande e farta manga que cobria os primeiros tratos. Não tardou, porém, estivessem em plenas roças de cacauzeiros, que alternavam com a mata densa.

Depois de andar um bom pedaço, já afadigado de tanto viajar, João Preto indagou:

— Homem, mas onde é este curral, que não tem mais fim?

— Tem este bosquete de pati, acolá, e logo na volta, adiante, é lá — explicou-lhe Simpliciano.

De repente, estavam diante de um grande raspadouro, todo cercado, onde pascia a tropa da fazenda, cujos vultos se destacavam, à doce claridade do luar, meio empastados.

Era ali. Duas esguias e altas mocitaíbas, próximas à cancela, distante uma da outras uns poucos metros, elevavam os caules direitos, coroados da fronde harmoniosa — sentinelas, dir-se-ia, daquela vastidão de plantas rasteiras, que se estendiam além.

Simpliciano abriu a cancela, o negro transpô-la, andaram alguns metros.

— É aqui mesmo, fez Simpliciano, desça! Mas não tem curral nem nada, bandido feiticeiro! — e com o braço distendido, no mesmo sufragante, apeava o negro da animália, num repelão violento, preso pelas bitáculas, na gorja.

E prosseguia, denes cerrados, a voz cava e sinistra:

— É agora, miserável, infame! Tu te relembras da doença ruim de peito, que tu botaste no meu compadre Leandro, um amigo para tudo?

João Preto ia e vinha, aos repelões do outro, que se mostrava cada vez mais furioso e desculpava-se, tartamudeava, entrecortadas as palavras a cada novo solavanco do agregado de Silvério. E dizia:

— Que é isso? O velho... Calúnia... Malquerença... Pelo amor de seus pais... O velho... Tenha pena. Eu morr...

Simpliciano já não estava mais por nada. E sempre aos

solavancos com o negro, insensível, atirava-lhe em rosto outros malefícios causados:

— E nega também, agora, o que fizeste comigo e a Rosa, que tu intrigaste comigo e me abandonou? É agora malvado — e estalou uma bofetada nas faces do feiticeiro: paft.

E outras estalaram. Enfim, com um murro, vigorosamente vibrado nas têmporas, João Preto caía sem sentidos.

Simpliciano deixou-o jogado sobre uns pés de carrapicho e vassourinhas de relógio, onde o afrouxara num derradeiro empurrão, de papo para cima, o longo camisolo em desalinho, o nariz empinado para um lado, minando sangue, a boca aberta e estraçalhada.

A passos firmes, foi a um canto, num capão de mato próximo, e agachou-se. Retirou, de lá, então, duas roldanas e duas rodas de um cipó espesso, que tinha, de antemão, tirado na mata.

Rápido, marinhou, alternativamente, pelos caules das mocitaíbas suspendendo-lhes, nos galhos as duas roldanas, uma em cada árvore, primeiro numa, depois na outra, cada roldana com um fio de cipó passado, cujas extremidades alcançavam o solo.

Só aí tornou a João Pedro. Afastou-lhe, com o pé, ainda irado, um dos braços. E, brusco, amarrou-lhe, em cada espádua, na raiz do braço, uma extremidade de cada fio.

Primeiro um fio, e puxou o negro até o alto, ficando-lhe o corpo oblíquado. Depois o outro fio, e ele ficou, a meia distância das duas árvores, direito. Numa atitude de vôo.

Ainda o olhou cheio de ódio e cobriu-o de duras palavras: — Afastou com o pé, irado, um e outro braços. Prendeu então em cada espádua um dos fios pendentes de cada roldana. Começou a sua macabra operação.

Foi, então, puxando o negro para o alto, com as duas pernas livres, manobrando-as sempre equilibradamente.

O cadáver ficou por fim a meia distância das duas mocitaíbas, numa atitude de vôo, lá no alto.

Simpliciano ainda o olhou cheio de ódio, cobriu-o de duras palavras:

— Fica-te ai, peste! Com a ventania forte da noite, hás-de virar frangalho...

No outro dia, cedo, já lá estava à porta de Silvério, dando contas do seu compromisso...



LÚCIO DA FLORINDA

Crepusculava. Ao atingir o “porto”, no meu rosilho, depois de uma viagem penosa, sob a ardentia escarpelante, pelas piores estradas, a “gasolina”<sup>1</sup> havia já partido.

Agora, só na segunda-feira (era um sábado), na hora da maré, tinham-me dito.

Naquelas alturas, a viagem, normalmente, teria que prosseguir rio abaixo, até o porto de mar, onde deveria passar-me, rumo à Capital, para o “vapor” de carreira que, uma vez no mês, ali escalava, oportunidade que, agora, eu não podia, por forma alguma, perder.

Eu havia saído, ao quebrar das barras, dos Dois Irmãos, no afã louco de alcançar, ainda em tempo, o transporte prófugo. E sempre fustigado pelo caminho, nas mãos, no rosto, através da galharia que se derramava sem medida pelas margens; ferindo-me, por vezes, na surpresa de algum ramo especado em riste; já varando ribeirões, naquele tempo volumosos, por sobre pinguelas inseguras, e quase sumidas sob águas turvas e grossas, roncando grosso; eu acabava de tirar, sem paradas, sem prosas pelo caminho, nessa abalada insofrida, a vasta distância cheia de tormentos, cheia de riscos.

Único transporte do dia, com a partida da “gasolina”, resultava de todo inglório o meu brutal esforço, pois eu sabia

---

<sup>1</sup> Expressão equivalente a transporte a gasolina, marítimo ou fluvial.

que, logo às primeiras horas da manhã do dia seguinte, o “Porto Seguro” se poria em marcha para a Capital.

Era de desesperar!

Impossível, porém, conformar-me com o malogro. E vinha-me, como um estímulo para reagir, a lembrança do enorme sacrifício dispendido naquela longa travessia, feita de uma só violenta arrancada.

Prosseguir a viagem, por terra, agora que anoitecia, fora uma louca temeridade. Dali por diante, o caminho era, antes, uma simples trilha, correndo sem descontinuar, através de doze léguas a fio, por debaixo da mais umbrosa mata, e sempre cheia de mistérios, mesmo com o sol a pino, que fosse. Ademais, falavam da existência de feras carniceiras espalhadas por aquilo tudo e cobras traçoceiras acoitadas entre galhos. E tinha grande fama uma maracajá, assassina muitas vezes, que fazia sentinela postada bem no alto da ladeira do Capitão, de onde se precipitava (diziam todos), atroando num rugido, sobre os viajantes incautos que, em circunstâncias semelhantes às minhas, se viam obrigados a tentar a afoita empresa.

E sentia-me cansadíssimo!

A minha montada — um excelente animal, insuperável nas meias-marchas e no picado — de sua vez, ali estava, afrontada, lavada em suor, vazios fundos, pescoço pendido, como o próprio vivo atestado do que fora a rude caminhada.

Também não trazia pagem comigo. Na voz de contratar um, todos fugiam logo. Por tudo isso, ficava de parte essa idéia.

Mas, não me resignava com o sucedido. E vinha-me, de novo, à mente, o meu esforço mal empregado, ao qual havia tudo sacrificado, até o almoço — pois estava sem almoço ainda — só para não arriscar a cartada.

Foi então que, dentre o grupo que me cercava, quase todos, gente que trabalhava no trapiche do lugar, ou no armazém da firma Souza Valente — um casarão colonial, grande como uma

praça grande, de paredes incrustadas de limo, sujas, que via ali ao meu lado — alguém me sugeriu antes o expediente de seguir mesmo pelo rio, de canoa, com o luar, que já se definia. Era, de fato, o melhor.

A maré já estava vazando. Umas dez horas de viagem, e chegaria, ainda, em tempo.

Busquei um canoeiro. Havia vários ali, era certo, mas todos se iam esgueirando, à voz de contratar um que me levasse.

Eu não compreendia nada daquilo, ante a repulsa geral. Senão quando, safando-se, um atirou:

— Quem é que estava pronto para morrer na Volta do Cajueiral, assim, numa noite de lua destas?

E outro já acrescentava:

— Gentes! Quem quiser que chicane com ciúmes de vivo, quanto mais de morto... — e afastava-se também.

Atinei com alguma superstição ou lenda. Mas, antes de indagá-lo, já outro adiantava:

— Agora, quem pode ir é o negro Júlio, que não presta, é verdade, mas o que a justiça se diga: é um caboclo de coragem. Ele ainda não se emendou da luta, que teve outro dia com o “fantasma”, que ele diz que decide com assombrações é ali na ponta da faca. Pode é custar um pouco caro a viagem.

— Pois vai chamar este Júlio, disse ao informante.

Daí a momentos, achava-me diante do velho canoeiro.

Era um caboclo aí passando dos cinqüenta, cabelos já nevando, cheio de corpo, desempenado e vivo. Tipo de embarcação no mais. Usava um chapéu de palha, meio encardido, de abas reviradas, já esfiapando; trazia camisa de meia, calças de brim grosso mesclado, cuja bainha se lhe enrodilhava até pouco acima dos tornozelos. O rosto bronzeado, onde avultavam uns lábios grossos, repousando sobre dentes vigorosos e sãos, expandia uma alegria nata, uma vivacidade prazenteira, sempre animada dos grandes e irrequietos olhos, e de uma facúndia

inesgotável. Era, em suma, um belo exemplar de mestiço, em quem se harmonizavam, a primor, as qualidades físicas do índio e do branco, num equilíbrio perfeito. E era todo decisão e nervos, envelhecendo embora. Fechou o contrato, em poucas palavras. E, um tanto vaidoso do próprio destemor, foi logo encostando a canoa ao barranco, de onde me atirei para ela num pulo. O meu animal fora mandado ficar em depósito numa manga da vizinhança, e ainda o Júlio se incumbira de responder por ele até o meu regresso.

Seguimos.

O Júlio era um desses tipos rústicos, espontâneos, que não sabem ou não podem ficar calados muito tempo. Tinha graça, no entanto, a sua conversa, em que se traía, sempre, o seu desejo bom de tornar-se agradável à gente, nessas ocasiões, quebrando a monotonia da viagem.

La de remeiro à popa, o olhar firme em frente, atento, a remar ora de um, ora de outro lado. Às vezes, se desdobrava em proeiro e, num relance, às pernadas, pela borda da embarcação, atingia, rápido, a outra extremidade. Era com particular agrado que mostrava servir às pessoas da cidade, naquelas situações de aperto, externando por vezes palavras, pensamentos, que davam bem a impressão de que falhara aos seus destinos, e só, a pesar seu, era que se resignava a viver entre ignorantes e supersticiosos, pessoas da mais impenetrável boçalidade.

“Aquilo”... era o termo como se referia à gente do seu meio, a que ele, de resto, parecia fugir um pouco...

Enquanto remava, logo foi desancando a todos, verberando, escarnindo, a sua vida madraça e hábitos de mexerico; suas preocupações rasteiras por demais, que os faziam digladiar-se agora entre os do partido azul e do partido encarnado — “só do que vivem cuidando”, adiantara; suas credences estúpidas; mesmo para a sua medicina impagável teve palavras de grande desprezo.

Sabia que não gostavam também dele, dissera, só porque era franco e muitas vezes obrigado a chamá-los “burro”, com licença da palavra, embora que, todas elas, em benefício deles, apenas, a ver se emendavam. Mas, qual... Era cada pedaço de animal...

— “Aquilo” não tem mais jeito, prosseguia. E lá vinham mais coisas.

Eu ia recostado, em meio da embarcação, voltado para o “cabra” que, em pé, à popa, manobrava o remo. O seu vulto se desenhava com nitidez, ao luar plácido a meio céu.

O rio prateava límpido, dardejando fulgurações de alvas pedrarias, que pareciam dissolver-se aos estremecimentos da superfície móbil. Ao redor, em perspectiva, a floresta se denunciava sempre, derramando-se pelas recostas, ceifando cerros e lombadas, compondo uma sorte de enorme e negra muralha, pelas barrancas, alta de alguns metros. E o luar opalescente, despejando, a flux, sobre o estendal adormido das copas, os seus mansos raios, punha-lhe, por cima, uns leves tons de cinza, circundando-a de um como halo nevoento.

Sucessivos trechos, bambuais debruçavam-se das margens, desprendendo do seio da folhagem uma eterna e cochichada surdina, e estendendo sombras soturnas sobre o palor dormente das águas.

Mangas virentes rumorejando às brisas. Ou eram os plainos silvestres, que se abriam por áreas largas, ao longo da corrente, e onde a branca luz morria pondo tonalidades de borralho. E, então, pelos moles alfombrados, não raro, velhas árvores avultavam, esparsas e como perdidas, solenes, negras, como sombras que se projetassem da altura e se fixassem, de chapa, no ar — abrigo a pássaros errantes, teto acolhedor, nas horas de soalheiras intensas, a homens e animais.

E, por toda parte em fora, sobre a linha das cumiadas, que fechavam por perto o horizonte, aqui, além, alçavam-se vultos solitários de embaúbas, palmeiras saudosas, que abanavam

melancolicamente os seus rumorosos flabelos, como vozes de mistério ciciando na noite.

Muito alto e turquezino, inundado todo dos fuidos argênteos do luar magoado, o céu enxameava de estrelas, de uma luz viva e forte. Apenas, a leste, esgarçava-se, lentamente, uma nuvem enorme, emitindo como plumachos de arminho, que logo se fundiam no côncavo límpido para não mais se ver.

Refrescava. E, nas pausas do remeiro, que falava sempre, na grande paz da noite amena e clara, só se escutava, agora, o leve sussurrar das comas marginais e o chape-chape rítmico do remo cortando com a pá a toalha líquida das águas.

Pela meia-noite, tremeluziu, além, um ponto.

Cresceram, com pouco, vultos informes de casas, num alinhamento espaçado, baixas, meia-água, numa encosta de praias, que vidrilhava ao luar. Ao surgir a luz, sempre informativa, explicou o Júlio:

— Lá está a luz da Santa Cruz, que tanto deu que falar ao povo. E, sem rogo algum, foi logo contando.

Uma história velha, sobre a qual corriam várias versões e que já não era do seu tempo. Quando ele começou a trabalhar naquelas paragens, há uns bons vinte e cinco anos, ainda inspirava grandes medos, mas tudo muda, acrescentou. Até as visagens mudam... O que está em moda, agora, é a assombração do Lúcio da Florinda... Pois vosmecê não viu, há pouco, a abusão daquela gente?

Só então compreendi os temores que levantara, quando havia procurado um barqueiro que me transportasse do “porto”, e acendeu-se-me uma grande vontade de conhecer esta nova assombração. Mas, o Júlio ia já dizendo:

— Desta, sim, sei eu tudo, e bem, porque, por sinal, conheci, até, as pessoas. A história é verdadeira, isto é, mas o que é ignorância bruta é tanta mentira desavergonhada que andam tecendo na boca daquilo.

A verdade é que eu sou o único que tem transitado por

aqui e fora de horas. E não é por me gabar: à meia-noite em ponto, hora dos demônios e das almas penadas, como eles dizem, tenho já cruzado estes lugares, muitas e muitas vezes, e mentia se dissesse que já vi qualquer coisa que me metesse algum susto, mentia! Hoje, a noite está tão clara com este luar tão formoso; mas quanta vez tenho varado isto aqui no meio de um negrume dos infernos?

— E como foi isto, “seu” Júlio, que nova assombração foi esta? Indaguei, ansioso.

O Júlio, então, contou a história do Lúcio da Florinda, que enchia de medos, de uns cinco anos a esta parte, os transeuntes do rio.

O Lúcio morria de amores pela Florinda, que era bonita, isso era, na graça dos vinte anos viçosos. Vinha de longe aquela cegueira dos dois, diziam que de crianças. Mas, o rapaz andou uns tempos embrenhado por longe, trabalhando em lavouras do Camamu, lá por perto dos Dois Irmãos, rio acima.

Durou uns pares de meses essa ausência, diziam muitos que por desgostos do rapaz, porque a namorada andara deitando olhares para um outro. Mas, o Lúcio acabou voltando, dessa vez, para ser bem feliz com ela, pois a Florinda, daí por diante, passou a viver somente para ele. A Florinda era filha de uma viúva, mulher de trabalho, que vivia das suas vacas leiteiras, que supriam a vila, e mais da sua lavoura de mandioca, milho e feijão. O feijão e o milho eram quase a bem dizer só para o gasto, mas a mandioca dava para muita farinha, e da boa, que ela vendia bem. A filha cuidava quase só da casa e da costura, e era muito afreguesada, como modista de todas as moças da vizinhança.

O rapaz, desde que voltara, tornou ao emprego na fazenda do coronel Fulgêncio, que o tinha criado, como administrador.

Noivaram. Todas as noites, lá estava ele, na casa da noiva, muito satisfeito dela, e ela dele, um ao lado do outro, ele seguro



na mão dela, no mesmo sofá. A mãe da Florinda, a princípio, não quisera o namoro, pois não ignorava que, na família do rapaz, havia casos de loucura, e que ele tinha tido um irmão que sofria de ataques horríveis, que o faziam espumar e espernear. Pais e três irmãos, inclusive o atacado, todos tinham ido para melhor, ficando o Lúcio órfão aos cinco anos. Então, o coronel Fulgêncio, seu padrinho e amigo de infância do pai, conhecedor de tudo, tomou a seus cuidados o menino.

O noivado ia naquele entusiasmo grande dos dois, quando, uma manhã, um domingo, depois de uma cheia do rio, a Florinda formou um brinquito com as outras moças, indo todas tomar banho no ribeirão da Volta do Cajural, que estava mesmo, com as águas, que era um rio verdadeiro.

Nos domingos, todo o rio é quase deserto, só muito raro passa uma canoa e as “gasolinas” nem sobem nem descem nesse dia.

As moças se banhavam num lugar meio espaiado do ribeirão, onde a força das águas era menos, um tanto longe da embocadura. Quando todas estavam no banho, naquela alegria que enchia de algazarra tudo, uma delas, mais nadadeira e afoita, propôs às outras entrarem mais pelo ribeirão, na direção do rio, até à vizinhança de um renque de patis, que só dista da foz uns poucos metros. Ora, o perigo!

O ribeirão, naquele rumo, fazia, a seguir, umas voltas, através de uns balseiros, passando rente de uma porção de touças de bambus, que estavam com as copas meio sumidas na água, embaraçando a corrente, não se falando nas baronesas ramalhudas que quase fechavam inteiramente a passagem em muitos trechos. Lembranças de mulher...

Só depois dessa difícil derrota, ia enfim desaguar no rio, já se apertando, agora, entre as barrancas altas, que emergiam das margens, no sítio da foz, como dois ombros verdes.

Por ali, nas margens, ficara o rapaz, pondo sentinela, de

medo que algum ousado, vindo do rio, enveredasse para o lugar onde se banhavam as moças, que estavam todas despedidas, sendo elas só. O Lúcio alongava o olhar pelo rio, passeando acima e abaixo, de costas para o ribeirão, cuja vista lhe era completamente vedada por um maciço de folhagens.

Aquela lembrança infeliz foi a desgraça da moça.

A cheia fora enorme, e o rio puxava, puxava muito. De mais a mais, a maré era vazante e também puxava. E tudo isso, naturalmente, ajudado pela força do próprio ribeirão, que engrossara a valer.

O fato é que só a Florinda se afoitou a tanto. A própria, que tinha tido a lembrança, desistiu em bom tempo.

Ninguém pôde acompanhar-lhe os passos, no meio de tanta folhagem, que se levantava à roda pelo rio, nem que o rio seguisse numa reta.

O certo é que não foi mais vista. O próprio Lúcio, do lugar onde estava, não viu passar nenhum corpo, nem ele nem ninguém ouviu nenhum grito ou pedido de socorro, nada.

Canoas logo apareceram, procurando a pobre pelo tremembé do ribeirão, pelos recantos limosos, sondando-os com longas varas, por toda a parte.

O Lúcio chorava como uma criança, um choro alto, abalado, entrecortado de lamentações, e queria por força ir buscá-la por todos os recessos do rio, quando soube daquela infelicidade. Mas, não sabia nadar o pobre, e todos tiveram mão nele por mais que estrebuchasse, esperneasse, e desse tantos solavancos, protestasse e até esmurrasse os que o subjugavam pelos punhos, não permitindo aquele desatino. Levaram-no, assim, para casa, sempre a se maldizer e a implorar, dolorosamente, perdidamente...

Em casa, deram-lhe muitos calmantes.

Enfim, melhorou.

Mas, nunca mais prestou para nada, e ficou apalermado, dizendo asneiras, desalço pelo arruado, sujo. Todos tinham

pena dele, daquele seu ar pacífico e indiferente, o olhar muito grande e espantado.

Um dia, entrou na venda do Chico Liberato e declarou que já sabia quem tinha levado a sua Florinda. “Foi um príncipe”, dizia, que se tinha feito peixe, quem a seduzira com suas cantigas ternas. Que ela tivesse perecido afogada isso é que não, que nunca lho fariam acreditar, que ele possuía cabeça, Deus louvado, de mais a mais a Florinda sabia nadar, no mar revolto, até, quanto mais no pleno rio. Mas ele ia pôr sentido no peixe que a furtara, e desencantaria a sua amada, custasse o que custasse.

Daí em diante, deu em viver, só, nas praias do seu infortúnio, todo o dia, o olhar circunvagando, aqui, acolá, de sobre algum barranco, acima e abaixo, sentado, em pé, alçando-se nas pontas dos pés, quando desconfiava ter entrevisto, aos longes, alguma coisa.

Decorreram, assim, muitos meses. Apenas, noite fechada, retornava a casa.

Uma manhã, o Lúcio alteou a voz e ergueu-se, de presto, de sobre o barranco da sua penitência:

— Espera lá, príncipe, eu bem que te vi agora... aí vou eu!... aí vou eu!... — e, já de um pulo, atirava-se dentro no rio, num grande bracejamento aflito. E num momento, mergulhou no seio da torrente.

Também, nessa hora, o rio vazava, e puxava com firmeza.

Um canoeiro, que passava, e tudo viu, atraído pelos berros do rapaz, nada pôde fazer, que tudo foi obra de um momento. E até hoje.

Íamos, agora mesmo, passando à altura do ribeirão fatídico. O Júlio tudo indicou-me, parando um pouco de remar, próximo à sua foz. Depois, prosseguiu:

O cadáver do Lúcio tornou, daí a dias, à Praia do Resende, todo mordicado de peixes, disforme e inchado. O da Florinda,

esse, nunca apareceu.

Dizem, agora, depois disso, que a alma penada do Lúcio vive a reclamar a morta de todos os que passam pelo rio, depois da meia-noite, e pior, se a noite é de lua. Invenções! Mentira!

Lá de se dizer que o rapaz sofreu imensamente o golpe e ficou doido, e sonhou talvez com a história do príncipe, ou lha haviam contado em menino, está certo, compreende-se. O mais é mistifório, mesmo porque nunca testemunhei nada do que dizem, quando sou o único que, não é por me gabar, fora de horas, jamais deixou de varar estes lugares.

Conheço bem a cabeça “daquilo”, uns atrasados e uns crentes em tudo. Talvez falem de boa fé. Mas até parece mais um pretexto para não trabalharem, bando de malandros!

Já nos chegava aos ouvidos o rumor soturno do mar, próximo. Um friozinho entrara de espicaçar-me as carnes, impiedoso, cortante. Aconcheguei-me melhor nas dobras da minha “colonial”, concertando-me numa posição de bonzo, todo encolhido.

A maré vazava com força. Ao longe, uns tons lívidos prenunciavam, já o alvorecer.

Firme na sua missão, embora sob o peso dos seus avançados janeiros, o Júlio não se mostrava alcançado da noite mal passada. E continuava a sua crítica mordaz contra o seu meio de supersticiosos e de crentes.

Ainda lhe ouvi uma última frase, que ele rematara quase com raiva:

— Preguiçosos! Atrasados!

Então, já cabeceando de sono, apenas vencido pelo verbo pinturesco daquele narrador tão vivo e espontâneo, um torpor geral tomara-me de leve, o corpo.

A medo, o Júlio espertou-me logo mais, apontando-me para o “Porto Seguro”, ainda envolto na neblina das primeiras horas da manhã friorenta, emergindo, perto, quase imóvel, malmente

piscando uns baços clarões da luz do portaló.

GENTE NATIVA

O ano entrara. A safra prometia esplêndida.

Florara, cedo, o cacauero, a mais não poder, e os preços se anunciavam bastante altos, com tendência a subir sempre, adiantavam as pessoas que liam os jornais vindos da capital.

Todos exultavam diante da próspera perspectiva.

Não era sem tempo que vinha uma quadra daquelas. Os últimos anos tinham sido, seguidamente, maus, os preços decaindo cada vez mais, trazendo o desânimo geral. Não tinham sido poucos os que, por desgosto, acabaram vendendo as suas roças, quase por um nada, indo cuidar de outra vida. Outras muitas, rogavam-se pragas, dizendo que as mãos se lhes aleijassem, no dia que ainda semeassem uma cova de cacauero...

Agora, a coisa mudara, como por encanto. Assim tudo corresse na medida do previsto.

Logo em março, a floração vestia, abundante, as extensas plantações — pequenina, branca, cor de espermacete, pétalas escancaradas. O tempo permanecia sempre ótimo. Sol escasso, chuvas miúdas, as terras bem refrescadas. O vento, uma eterna e fagueira brisa.

Os lavradores como que tinham criado alma nova e novo alento, e dessa alegria participava o trabalho intenso, que ia por todas as fazendas da larga faixa cacauera, à margem do Rio de Contas, desde a Pancada ao Rocha,<sup>1</sup> e às terras remotas do Camamu.

Em Itapira,<sup>2</sup> centro da região, enxameavam os comenta-

---

<sup>1</sup> Hoje, Barra do Rocha.

dores, que faziam cálculos sobre o volume da safra e preços do futuro, baseando as suas risonhas hipóteses, em argumentos vários, que nem sempre chegavam a ser razões.

Em geral, a nota, que dominava essas apreciações, era a novidade de que, àquele ano, não haveria safra, absolutamente, das regiões produtoras da África. O motivo, nenhum sabia explicar, nem tampouco a procedência dessa informação, mas o que era fatal — todos asseguravam — era que, afastada a concorrência certa e temível, a situação seria verdadeiramente única ao produto indígena, como quer que fosse, insuficiente para cobrir as necessidades do consumo universal — e, daí, forçosamente, preços altos como jamais foram vistos. Quem esperasse, veria...

Porém, ao chegar junho, já a “carga” diminuiria bastante.

Dera, antes, de varrer um vento desenfreado e ríspido, em lufadas, correndo de todos os quadrantes, e muitos dias se tinham intercalado, de um sol vivo de brasa, de um calor de crestar, que fazia com que as tenras folhinhas se engelassem todo, num estalar de fibras calcinadas, e aos açoites do vento, aos repelões, em farândula, fossem tombando, aos centenares, cobrindo o chão de uma espécie de sarrafo poento, que causava até tristeza, ao vê-las, aos pobres lavradores.

— Já se via que destino pesava sobre o cacau da Bahia. Era uma frase de todos.

E explicavam:

— Porque, ou bem a safra era grande e os preços ridículos, ou bom era o preço e a safra miserável.

— Infelizmente, não fossem, agora, as duas coisas juntas, arriscavam os menos otimistas.

— Na verdade, a alta não se mantinha. Cotara a 17<sup>3</sup>, nos primeiros dias de maio, logo baixara a 15, em junho, e, por

---

<sup>2</sup> Itapira, hoje Ubaitaba.



último, caíra, de chofre, a 11. Era para desconfiar...

Agosto, a situação não mudara em nada. O primeiro corte, aliás reduzido com os estragos da floração, não colhera as boas ofertas sonhadas, e quase se escoou, todo, vendido a preço menor.

Pobre cacau! Justamente na força da safra era que caía sempre o produto.... Parecia um castigo.

Mas, desde julho, todas as esperanças se concentraram em setembro, que pressagiava um bom corte: muitos bilros, muitas e novas flores, o tempo amainara por completo, e as chuvas seguravam sempre, com intervalos amenos de sol.

Embora os descontentamentos oriundos das primeiras decepções, continuavam os prognósticos animadores sobre o futuro.

— Viria a reação, muitos afixavam...

Verdade que, sem outra convicção, que não fosse a de estarem fazendo uma solene e categórica afirmativa...Chegado setembro, começaram a surgir, em Itapira, os lavradores da zona, a fim de “fechar o cacau”. Dirigiam-se, logo, ao armazém do Silva Matos, um velhote gordo e barrigudo, que tinha fama de argentário, e cujo comércio era de comprar e revender o produto para o estrangeiro. O comerciante andava, sempre, em correspondência ativa com firmas americanas, através de telegramas cifrados, de cujo segredo era o único detentor, e que a todos intrigavam.

Mas, o cacau andava, agora, a 10!

Positivamente, aquilo fazia desesperar! Onde iriam parar, naquela marcha?

---

<sup>3</sup> Os números se referem a mil réis e ao preço de cada arroba.

O futuro corte não dava ainda para ser feito naquele mês, como tinham previsto, pois o cacau, pelo que mostrava, não estaria devidamente maduro até lá. Só, naturalmente, para meados de outubro.

Pois, bem. Quem diria que iam ser as cotações do produto, naquele jeito em que caminhavam as coisas, nesse tempo?

Quase nenhum lavrador tinha querido, por isso, acordar sobre preços, preferindo arriscar, no futuro, em melhor oportunidade, talvez mesmo daí a dias, apenas... assim os ajudasse a sua esperança.

Todos denotavam natural desapontamento, tendo de regressar, em pura perda, após as fadigas de uma viagem, de ordinário, longa e tormentosa, sabe Deus por que caminhos.

Todavia, a espaços, esqueciam-se do sofrimento presente, alentados, já outra vez, da sua ilusão, apenas adormida a certos pensamentos tristes.

A “alta”, a “reação infalível”, continuava a moeda corrente em algumas bocas.

O Gregório Neves, fiscal do município, um sujeito deveras loquaz e embromador, numa roda, postada na casa do bilhar, todas as noites, costumava sentenciar, estentórico, as suas convicções de negociante amador, e afirmava:

— Fiquem certos de que o cacau subirá. Pois se a safra africana está completamente prejudicada! Isto é “jogo” dos americanos, aliados com os corretores... Quando dizia a palavra “jogo”, sublinhava-a com o auxílio de uma mímica facial própria, e apertava as pálpebras, e projetava o maxilar e os beiços, repuxando os masseteres.

E a roda, por entre apartes e argumentos, igualmente aéreos e espatafúrdios, com ele concordava sempre. E alguns até diziam:

— Eu também é que não caio nessa. Não “fecho” o meu cacau agora. Daqui mais uns dias, volta ao que esteve. Em outubro, quero vê-lo a 25 ou 30. Mas é bem claro: a África não

dá cacau este ano...

O Manuel Calixto, que saíra de casa, na Limeira, desde cedo, disposto a fechar uma partida de 300 arrobas, para entrega em novembro, tinha sido dos que mais sofreram com aquela decepção de formidável baixa.

O que lhe constara, dias antes, de uma conversa com um seu compadre, que tinha andado em Itapira, fora coisa bem diferente. E essa, agora!

Homem explosivo, no primeiro instante, quase arrenegou da sua lavoura e teve ânsias de abotoar o velho Silva Matos, quando este, com um sorrisozinho, que parecia um escárnio, fez preço.

Rodou nos calcanhares, saiu de ímpeto, para evitar um desabafo.

Agora, batia de volta para casa, deveras contrariado, seguindo a velha estrada arenosa e cheia de sombra, que mal o sol alcançava, aqui e ali, pelos rasgões das velhas árvores, e obrigado, algumas vezes, a descavalgar e abrir porteiras, ante as quais esbarrava de supino.

O lavrador, durante a viagem, não parava de conjeturar:

Em todo caso, seria o diabo se as coisas não melhorassem para ele. Já nos outros cortes, não tivera sorte nenhuma. Deixara, mesmo, uma vez, de “fechar” a 16 e, com diferença apenas de dias, tivera que transigir a 12. E, se agora lhe sucedesse o mesmo, outra vez? Era o diabo! Ora, dane-se!

O filho mais velho, “seu braço direito”, veio recebê-lo pressuroso e, quando lhe indagou dos negócios realizados, Calixto, todo mal humorado, lhe retrucou:

— Nada! Tudo está é que é uma miséria! Quase dou o desespero!

No dia seguinte, ainda acordou contrafeito.

Ultimamente, andava todo absorvido com os reparos de sua barcaça, cuja capacidade aumentara e, agora, lhe permitia secar

até cinqüenta arrobas, de vez. Ia obra de quinze dias, que não enveredava pelas suas roças, cuja carga acompanhava, todavia, através de informações do filho.

Pela tarde, embrenhou-se por elas, e logo todo se entusiasmou ante o lindo espetáculo das árvores louças, pontilhadas de alvas flores, chapeadas de dourados frutos, que se encastoavam, no seio verde da folhagem, como metidos em fofos estojos, que se houvessem voltado para baixo, e que eram as copas.

Ao regressar, sentia-se outro, feliz e animado. Talvez, mesmo, as suas plantações já permitissem o corte, ainda em setembro. Calculando pelo menor, o lavrador não estimava inferior a trezentas arrobas.

Calixto deliberara não indagar mais nada a respeito dos preços. O que fosse estava certo.

Esperava, só, o momento do corte. Numa segunda-feira, tivera início. Destacou trabalhadores armados de estrovengas, cada um acompanhado de um ajudante, a fim de “embandeirar o cacau”.

Roça a roça, colhera, sucessivamente, os frutos. A quebra do cacau seguia aos cortes parcelados. Então, todo ele junto num só canto, vinham, agora, mulheres, que, a golpes de folhuda faca, iam abrindo os frutos e, desprezando a rija casca, atirada para um montão, ao pé, decantavam-lhes as alvas sementes, cobertas de uma polpa untuosa, cheias de mel, que eram recebidas sobre folhas de bananeiras, dispostas em tapete, no chão. Logo que a tulha dos caroços crescia demasiado, o “cacau mole” era medido, por meio de caixões de querosene, equivalente, cada um, bem cheio, a uma arroba do produto e, então, entornado dentro do panacú um caixão após outro, ia sendo transportado, sobre o dorso dos animais, a caminho do depósito de cochos, nos quais se fazia a fermentação.

Enfim, veio a secagem, que decorreu sempre bem, realizada na barcaça, sob um sol valente, sem intercorrência de chuvas.

Verdade que, um dia, por um fim de tarde, o tempo se enfarruscou, de repente, e pareceu-lhe que ia mudar tudo. Calixto chegou a pensar que teria de pôr fogo na sua estufa, para prosseguir o trabalho, tanto mais que os cochos estavam transbordando e a fermentação ia já prolongada em demasia.

Mas, um vento forte viera, rápido, limpar as alturas e, afora algumas descargas e espoucar de trovões, que estrugiram para os lados dos Dois Irmãos, tudo mais se limitou a uns pingos, apenas, já com o sol, outra vez, de fora.

Manuel Calixto se excedera nos cálculos. Tudo andou em duzentas arrobas e picos, pesado e ensacado o cacau.

Trabalhara muito àquela quinzena. Muita vez, quebrando-lhe o entusiasmo, com que manejava a pá, acurvado, a mexer os caroços sobre o lastro aberto da barcaça, aos ardores de um sol canicular, cismava, longamente, nos azares a que estava sujeito o seu labor o qual exigia, era natural, uma recompensa condigna, e que o animasse, sem desfalecimentos, a prosseguir naquela luta de todos os dias, entra ano, sai ano.

Enfim, Deus louvado! Ali estavam os seus duzentos sacos no depósito.

Agora, de qualquer maneira, seria o que Deus quisesse. Ademais, estava precisado, devendo ao fornecedor, e por esse ou aquele preço era transigir: cacau não é coisa que se guarde enfonado à espera de melhor oportunidade, não estivesse aí o maldito mofo para inutilizá-lo na primeira chuvazinha que esfriasse o tempo...

Chamou o filho, que fazia as vezes de administrador, à noitinha, e ordenou-lhe:

— Ajunte a tropa, amanhã cedo, e ponha a cangalha, para levar o cacau à Itapira.

E assim foi feito.

Madrugava, com uns restos de luar, e já a tropa estacionava ao pé do depósito. Quinze burros.

Os sacos foram alçados aos lombos dos animais, um para cada lado, num upa ! isócrono dos indivíduos da fazenda.

Às seis, pôs-se a burrama em marcha, fogosamente. Como arrieiros, a pé, os dois filhos já homens.

Manuel Calixto ia atrás, a passo moroso, a rédea solta, como quem não tem pressa de chegar. Sempre mudo. A cabeça vergada sobre o peito.

Oito horas, transpunha a balsa.

Quando se apresentou à porta do armazém do Silva Matos, cheio de sacos que se empilhavam até quase à altura do teto, já lá estava o proprietário às voltas com o gerente, que lhe mostrava uns papéis. Logo que deu com os olhos em Calixto, despertado pelo retinir das esporas e as firmes passadas sobre o chão cimentado e duro, todo pressuroso, veio-lhe ao encontro, risonho.

Calixto adiantara-se um pouco à tropa, ao entrar na Vila.

— Então, “seu” Matos, bons dias. A quanto está pagando agora o cacau?

— Estava, agora mesmo, traduzindo um telegrama urgente da Bolsa. Com pesar lhe digo, agora o preço é 7.

Calixto quase desfaleceu ao ouvir-lhe aquele algarismo. Num relance, passou-lhe pelo espírito toda a penosa canseira de tantos dias, sob um sol cruel e, sobretudo, a oportunidade que lhe escapara antes, quando ainda estava ainda a melhor preço. Já duas vezes que isso lhe acontecia, nem que estivesse de azar!

Era, então, essa, a vida do lavrador cacauzeiro, trabalhar de morrer e ainda ter prejuízo daqueles?

Homem simples, contagiado de idéias errôneas e infundadas do Gregório Neves, crescia o seu desespero ao cogitar que aquilo tudo era o resultado de uma especulação apenas, obra de “americanos” que ele não conhecia, mas que, no seu entendimento, representavam uma sorte de grei salteadora, ligada aos interesses diabólicos, ao capitalista da terra.

— “Seu” Matos, explodiu, isto não pode ser! Isto é um

“jogo” triste! Brasileiros, como o senhor, com o perdão da palavra, deviam ser punidos para exemplo dos outros! Cacau meu é que não vendo por este preço, fique sabendo! Vou mostrar!

Calixto tinha desses rompantes e não era a primeira vez que se exasperara a semelhante termo. E a firmeza da resolução, que tinha posto naquele “Vou mostrar!” — produzira no semblante de todos os traços de uma grande curiosidade que desejava ser satisfeita.

A tropa, que ia chegando, já timbalava perto.

Saindo à porta, em altos brados, fulo de raiva e cheio de decisão, ordenou aos filhos que a fizessem retroceder, incontinente, em direção ao rio, junto ao lajeado.

A burrama, aos estalos impenitentes do chicote, desceu as ruas, em passos lépidos, aos tropo-galhos.

Calixto, sempre num tremor de cabeça, um pestanejar subintrante, a face toda agitada, premindo nervosamente o rebenque, ficou, ali, plantado, a vê-la distanciar-se uns bons metros, e somente quando iam a sumir-se os últimos animais, entrando o areão que conduzia ao rio, cavalgou, depressa, a sua montada, e esquipou largo.

Com pouco tempo, emparelhava-se com a tropa. Em frente, plácido e largo, desdobrava-se o lençol do rio, despedindo fulgurações da lâmina, debaixo do sol fulguroso.

A tropa foi tocada a marche-marche para o lajeado. O próprio Calixto a tangia agora, agitado sempre, descrevendo parábolas no ar com o relho que arrebatara, ao aproximar-se de um dos filhos.

Diante das pétreas lâminas, que se continuavam, desde a margem, rio a dentro, desenhando uma imagem confusa, que obrigava à maior cautela, com freqüentes hiatos, que formavam, dentro da caudal, pequenas poças invisíveis e traiçoeiras — os animais velhacavam, fungando, ao encostar as broncas narinas na superfície da água.

Mas Calixto já lhes ia deflagrando, uma em cima da outra, chicotadas valentes, em que punha todo rigor do seu pulso e o ímpeto da sua louca raiva, pelas ancas, pelas pernas, pelas caras, e os foi tocando, como quer que fosse, para dentro da água, aos tropeços, aos trancos, aos escorregos.

Os quinze burros acabaram espalhando-se à flor das águas, por entre as quais o fazendeiro vadeava também, sobre a sua montada, frenético, irado.

Então, sacando da sua grande e afiada faca, que o não abandonava nunca, e com que picava o fumo dos seus cigarros, marchando de um para outro burro, ínfreme e rápido, espanando água por todos os lados, pôs a romper, em certos golpes que iam de alto a baixo, um a um, os sacos bem socados, através dos quais pulavam os caroços, fazendo um ruído longo e chiado, que espantava os animais.

Os burros logo debandaram, cai aqui, levanta acolá, a caminho da praia, cheia de curiosos, que haviam seguido Calixto, desde a rua, engrossado o grupo, logo mais, por outros, que acorriam a saber o que se passava.

Todos, dali, boquiabriam diante daquele espetáculo ainda não visto, temendo coisa pior, ao ver o lavrador, de faca em punho, parecendo um possesso.

Senão, quando, já estremando o leito do canal, ao fazer uma manobra com a rédea, Calixto deixara escapar a faca que foi vista rodopiar no ar, indo cair longe, talvez no canal. Ainda circunvagou os olhos, procurando devassar o leito das águas, mas durou pouco o gesto.

Também já, o seu trabalho chegara ao fim. Tinha rompido todos os sacos. Estava satisfeito.

Não se incomodou muito com o incidente. E, de súbito, fizera-se calmo. E veio vindo, molemente, descansadamente, para o meio do povo, que se tranqüilizara. Cruzou a multidão, sem dirigir uma palavra a quem quer que fosse, como esgotado



completamente de todas as suas forças, o olhar desfalecente.

Endireitou para a balsa, seguido dos dois filhos, que já haviam reunido a tropa, pediu passagem, num gesto. Todos o olhavam com espantada tristeza, vendo-o ir-se num silêncio, que parecia meditar graves coisas.

Só o Gregório Neves, que fora dos primeiros a aparecer, continuava a expandir-se na sua eterna e ruidosa verbilóquia oca.

No seu parecer, Calixto tinha dado uma boa lição aos americanos, que era o de que precisavam — dizia, brandindo os punhos — era de uma boa dúzia daqueles, que se não deixavam explorar, homem de opinião, de vergonha.

Alguns dias depois, corria a triste nova: ensandecera o pobre lavrador...

# BRIOS SERTANEJOS

O Coronel Norberto Duarte, fazendeiro independente, colhendo as suas seis mil arrobas de cacau, dono do melhor terreno, onde as culturas se estendiam por muitas e muitas léguas, criara-se uma fama de austeridade grande, radical em todos os seus princípios de opinião e de honra, que o faziam temido e respeitado, naquela vasta redondeza que se alargava desde o Oricó até os Dois Irmãos.

Casado, cedo, se separara da mulher, a quem jamais pudera perdoar uma afronta, que lhe ouvira, uma vez, entregando-a, logo, aos pais, irremissivelmente, para toda a vida.

A esposa incompatibilizada, eternamente triste e arrependida daquela hora de arrebatamento incontido, faleceu dois anos depois, sempre à espera de um perdão, que lhe não veio jamais.

Cansada de esperar, ainda na véspera de cerrar os olhos pela última vez, enviou-lhe um velho amigo, suplicando-lhe, por tudo, que fosse até a sua presença, ao menos, pelo bem da sua Margarida, a filha inocente de três anos apenas, e a perdoasse ao ir-se deste mundo...

Norberto franziu a testa, tremelicou a perna cruzada, pensou uns instantes e disse que resolveria no outro dia o assunto. Acabou aquiescendo. Mas, ao chegar, então, à casa da esposa, já a encontrou morta.

Trouxera, depois, para a sua companhia, aquela pequerruchita gorda e corada, a quem cobriu de todos os carinhos e desvelos possíveis.

Na mocidade, militara na política. Mas foi coisa de pouco tempo somente, pois em face de uma resolução do seu partido, que lhe pareceu uma injustiça, não teve meios termos. E o seu rompimento foi imediato.

Desgostoso do mundo e dos amigos, que os tinha bem poucos, concentrara, ali, na sua fazenda do “Bom Retiro”, que assim batizara muito de propósito, todas as suas energias de homem de trabalho, que os seus próprios desafetos eram os primeiros a atestar. Disso era a prova incontestável aquela sua propriedade magnífica, que Norberto, tendo-a comprado com uma produção ridícula, e destratada, afogada em serapilheira e parasitas, anichando o cupim, tinha, em poucos anos, elevado à atual, de seis mil arrobas, não se falando nas roças novas que, em grande quantidade, vinham já chegando e quase lhe duplicariam a safra naqueles dois anos.

Ah! Mas, ali, agregado não malandreava!

O velho fazendeiro era o primeiro a dar o bom exemplo, comparecendo, bem cedo, aos serviços, ditando ordens, corrigindo o que lhe parecia mal feito, metendo-se, ele próprio, no trabalho, muita vez.

Era um fazendão a propriedade do coronel Norberto Duarte.

Já do rio que passava em frente, de um raio bastante grande, avistava-se o casarão da fazenda sobre o terreno alicive, com sua varanda de uma ponta a outra e as amplas janelas escancaradas aos ventos.

Ao pé, sobre um alcatifado de grama da Europa, a poucos passos, avultavam a barcaça e a estufa, que ele mandara construir a capricho, segundo um modelo próprio, e que lhe ficaram por uns pares de contos. Porém, não se citavam melhores em outras fazendas da região e todo mundo gabava-as.

Construídas em simetria, mais ao fundo, escalando uma encosta, ficavam as habitações para trabalhadores, isoladas en-

tre si para uma aeração mais franca, tudo sob as inspirações do diligente proprietário, por lho indicar assim — muitas vezes o informara aos visitantes — a “Senhora Higiene”.

Para um lado, um grande estábulo.

Não era que Norberto cuidasse de pecuária. Mas sempre gostava de fazer os seus queijos, ali mesmo, na fazenda, e de mais a mais, queria leite à farta em casa, que, feito coalhada, constituía o seu alimento exclusivo, na principal refeição da tarde. Por isso, nunca deixara de ter as suas seis a oito vacas leiteiras no curral da fazenda, todas raciadas, e um bonito boi reprodutor.

Por toda a faixa de terra, que perlongava o rio, numa inclinação gradual, desdobravam-se as mangas imensas, a perder de vista. E só lá longe, no fundo de tudo, começavam as roças de cacaueiros, “roças toda a vida”, e, mais longe ainda, a mata, que era uma riqueza em madeiras de lei, em cuja espessura andavam veados em disparadas, anichavam-se preás e pacas solertes, raposas esgueiravam-se, aos guinchos, as próprias feras carniceiras esfusilavam, por vezes, olhares de fogo, silvavam serpentes.

Completava a fazenda uma esplêndida tropa dos seus quarenta burros, todos fortes e novos, bem aparelhados, e as quatro grandes canoas, pegando cada uma vinte e cinco sacos, para o transporte da safra.

O velho fazendeiro vivia, aí, na companhia de uma irmã idosa, que não casara, e da filha, agora moça, que, após ausência de alguns anos, interna em um colégio, em São Salvador, fazendo o curso normal, viera residir no “Bom Retiro”, tanto que se diplomara.

Educada, assim, até os dezoito anos, Margarida desconhecia, a bem dizer, o contato tumultuoso da própria sociedade, onde passara tantos anos, não tendo possuído outro círculo de relações, até então, fora das companheiras de internato, nem tido outros passeios, senão os que lá, uma ou outra vez, fazia o seu colégio aos arrabaldes de Barra, Rio Vermelho e Amaralina. Só

um tio paterno, casado e sem filhos, que morava em Itapagipe, ia buscá-la ao colégio, de três em três meses, aos domingos, para passar o dia com o casal.

Eram uma tristeza para Margarida aquelas longas horas. Os tios moravam afastados da cidade, um recanto meio lóbrego, onde nem ao menos o movimento dos transeuntes podia interessá-la.

Que coisa insípida! Raríssimo, um auto transitava. O próprio bonde passava á distância.

Margarida murmurava, de si para consigo, a sua revolta. Antes tivesse ficado no colégio, brincando picula, no terraço, com as outras amiguinhas, que também possuíam pais longe. Antes tivesse ficado. Antes tivesse ficado.

Com esses princípios, Margarida quase não estranhou a sua reclusão no “Bom Retiro“, quando terminou o curso, conquanto aspirasse a uma vida menos apagada, como um prêmio à sua mocidade e ao esforço realizado durante os anos de estudo.

Porém, uma vez, queixara-se ao pai daquele desterro.

Norberto prometera-lhe, então, que, tanto que fossem ultimadas umas iniciativas que empreendera na sua fazenda, deliberaria ir residir na capital.

Uma coisa, e outra, porém, e foram-se os dias passando, sempre adiada aquela oportunidade.

Três anos já haviam, assim, transcorrido.

Margarida chegava a se rebelar, às vezes, contra o seu grande ermo, refletindo um pouco sobre o passado que vivera até ali.

Uma tarde, Norberto surpreendera-a a queixar-se à tia, dos seus tristes dias.

Com vinte e dois anos, dizia ela, obrigada a viver a vida inteira, hoje, como ontem, neste seqüestro horrível. Oh, meu Deus! Antes tomar logo o hábito de freira, se foi para isto que vim ao mundo. E meu pai, que mostra desconhecer a minha situação. Oh, meu Deus!

Norberto ouviu tudo, sem dizer palavra, disfarçou e, sem ser visto, retrocedeu.

Porém, não era assim como pensava a filha. Ele é que sabia consigo as altas razões que o prendiam ali ao “Bom Retiro”. Primeiro, deixassem-no realizar certas providências necessárias e urgentes, que não podia confiar a outro. Bem que pensava na filha, sim. Muitas vezes, matutando um pouco no futuro de Margarida, agora que já o espicaçavam uns longes de reumatismo, Norberto não podia furtar-se à única solução de um bom casamento para ela.

Uma ocasião, ele próprio, em conversa, o externou numa roda. E o fato divulgara-se, célere. E quando, agora, no vasto município, onde imperava o seu nome, ocorria falar-se em um bom partido, em assunto de casamento, logo o nome de Margarida era citado antes de outro qualquer. Todavia, bem poucos se sentiam com ânimo bastante para se lhe candidatar à mão, tanto, de um lado, se arreceiavam das exigências do severo pai, como ainda lhes parecia que Margarida, educada na cidade, era fina demais para aquela gente. E o tempo ia correndo.

Um dia, a serviços profissionais, chegou ao “Bom Retiro”, o doutor Jerônimo de Freitas, engenheiro civil, a quem Norberto havia contratado, por intermédio do seu correspondente, na capital, a fim de fazer uma revista geral e delimitação dos seus rumos. Norberto não conhecia, sequer, o engenheiro, e quando teve resposta da incumbência cometida, através de uma carta, que lhe chegara, — quase ao mesmo tempo, chegava o rapaz também.

O trabalho daria para uns dois meses.

Mas outros serviços foram sempre aparecendo a Jerônimo, obrigando-o a demorar-se, de modo que a sua permanência ia já em quatro meses. O engenheiro, na casa dos vinte e oito anos, era um tipo de natural simpático, e uma sóbria elegância de maneiras e traje. Inteligente, conversa viva e agradável, o doutor

Jerônimo passou a ser tratado, logo, como um amigo da família. A sua correta conduta, na intimidade do lar, granjeou-lhe a inteira confiança do seu anfitrião, que tinha por ele — todos o notavam — uma consideração e uma estima deveras grandes.

Em tudo e por tudo, o engenheiro fora feliz com o velho fazendeiro. Finda a faina diuturna, era de vê-los, longas horas de prosa, à sala de jantar, enquanto a irmã e a filha, ali por perto, os escutavam, pouco intervindo na palestra.

Terminados, que foram, os trabalhos locais, o engenheiro se dispôs a viajar. Norberto, porém, insistia que não, que permanecesse mais uns tempos ali na fazenda, quando mais não fosse, ao menos, para consolidar um tanto as energias gastas na luta da cidade.

De costume, Jerônimo permanecia as tardes em casa, às voltas com compassos, esquadros e tira-linhas, na confecção de plantas.

As manhãs, tirava-as para as vistorias... salvo algumas vezes em que se queixava de uma indisposição qualquer.

Norberto, muitas vezes, não lhe dava o bom-dia senão à hora do almoço, dado o seu hábito de madrugador, encaminhando-se logo muito cedo para a administração das suas lavouras.

Margarida, agora era outra. Alegre, talvez faceira, sempre recendendo a perfumes de toucador.

Norberto já desconfiava, desde algum tempo, qualquer coisa entre os dois. Enfim, um dia, um pequenino acontecimento veio evidenciar o grau a que já tinha atingido aquele amor dos dois. Norberto vira, nessa ocasião, na botoeira do engenheiro, uns miosótis, cuja planta a filha cultivava a uma janela do quarto, que habitava, no sótão. Mais de uma vez, aliás, surpreendera-o lançando olhares à filha, que o não enganavam. E, uma feita, chegando sem ser pressentido, dera com ambos, que se pegavam pelas pontas dos dedos, muito enleados, numa verdadeira contemplação muda.



Era ao pé da larga janela aberta para a paisagem, na sala de jantar.

Tarde fulva de verão, sol alto.

A irmã, num dos cantos da sala, costurando. Lá fora, de baixo da grande luminosidade do dia ardente, as árvores como jaziam em modorra, imóveis, parecendo exauridas na adustão feroz da soalheira.

Só, vez por outra, talvez à cata do amor prolífico, talvez no rumo do ninho amável, alguma ave flechava o espaço, dessa para aquela árvore, fremindo, no fundo do céu de safira, esfrolando pelos recortes do folheto. E no leve azô de búzio, longínquo, que se deixava escapar do bojo da espessura, raro, como um grito de vitória, fretenia um estalo agudo, ou voz rascante e impetuosa, de pássaro, de bicho.

No paradeiro e no silêncio vastos, tudo parecia que convidava a essa muda contemplação das almas, trocando os doces sentimentos de um descuidado idílio.

Ambos ficaram confusos, ao vê-lo. Norberto fingiu bem: e aboletando-se sobre o primeiro assento que se lhe deparou, todo volvido para si mesmo, e tirando o sapato de elástico de um dos pés, foi dizendo:

— Creio que estou mordido de cobra. Tragam-me cá o vidro de “surucuina”.

No íntimo, porém, pensou com os seus botões:

— Coisas da mocidade. Também já fora assim...

Ele próprio se admirava daquelas concessões agora. Ainda uma prova do seu rendido apreço, mesmo do seu bem-querer, pelo engenheiro. Jerônimo lhe “entrara”, reconhecia, desde o primeiro momento, tornando-o, a um só tempo, cerimonioso com ele, e confiado...

Agora, que estava ficando velho, sentia que o seu temperamento, como que se adoçava perante a vida, buscando sempre uma interpretação melhor a todas as coisas, sabendo, já, transigir,

perdoar. Apenas, dali por diante, nunca mais deixou de fazer umas leves recomendações à irmã, ao ter de ausentar-se de casa. No íntimo, porém, exultava. E por que negá-lo?

O engenheiro era bem digno da filha. Tudo isso o velho fazendeiro pensou naquela tarde.

Margarida, de sua vez, andava radiante. Deveras, aquele era o seu primeiro amor. Mudara-se-lhe, de todo, agora, o seu estado interior. E o “Bom Retiro” já lhe parecia mais completo e menos distante desse mundo que ela sentia, às vezes, dentro da sua imaginação, seduzindo-a com alguma coisa, que ela não sabia bem o que era, mas por que ansiava numa vaga e deliciosa atração.

Sentia-se muito feliz, em suma.

Certo dia, Jerônimo amanheceu de botas, pronto para uma viagem de léguas. Ia até à fazenda “Água Funda”, a fim de dar uma opinião sobre limites que faziam desacordar dois vizinhos lavradores.

Todo o dia, Margarida não desceu dos seus aposentos e, tendo subido ao sótão, Norberto notou-lhe os olhos pisados, volvendo com a certeza que a filha havia chorado.

Depois que conhecera o engenheiro, era aquela a primeira vez que Margarida voltou a sentir, inconsolável e inquieta, o mesmo ermo interior dos passados dias. E estampava-se-lhe no semblante a máscara de uma tristeza ansiosa.

Dois dias depois, já começava a inquietar-se a gente do lavrador. Jerônimo, ao partir, prometera tornar no outro dia, até o anoitecer, o mais tardar, alcançando, ainda, a ceia. Havia luar. Sentada à varanda, aceso o belga possante, a família se reunira.

Norberto, deitado na preguiçosa, toda aberta, centralizava a conversa:

— De certo, o doutor resolveu viajar com a fresca da noite. É melhor. E com este luar!

No outro lado do rio, o fazendeiro tinha posto, de pronti-

dão, com a canoa, para dar-lhe passagem à volta, um agregado de “Bom Retiro”.

Margarida alongava o olhar, na direção do ancoradouro. E o peito arfava-lhe, a cada momento, numa excursão mais ampla, num suspiro irreprimível.

Tarde, recolheram-se. O coronel ficara de enviar, no dia seguinte, bem cedo, um positivo, a fim de saber novas do engenheiro. — Não que estivesse prevendo nenhum acidente de importância, adiantara; pois estava aliás convencido, de que novos trabalhos houvessem aparecido a Jerônimo, e, daí, toda aquela demora.

Ora, o que o coronel não esperava, de certo, foi a verdadeira razão por que Jerônimo deixara de regressar no dia combinado.

O positivo encontrara, em caminho, uma carta do engenheiro, dirigida ao patrão, e conduzida por um jornaleiro de “Água Funda”.

— Bom dia. Vosmecê não é da fazenda do “seu” coronel Norberto?

— Bom dia. Inhor sim. Por quê?

Porque eu trago uma carta para “seu” coronel, do engenheiro, que sabendo que eu pendia para estas bandas, me pediu para dar um jeito de fazer chegar às mãos do coronel a aludida, o que lhe prometi, como de certeza, sem demora. Mas, não é assim que, se vosmecê puder ficar com a dita para entregar ao dono, eu vou daqui direito no meu rumo... Eu tenho tanta pressa de chegar de volta!

O outro dera graças a Deus pelo providencial encontro, que o dispensava de prosseguir a viagem. E, aquiescendo, retrocedeu, lépido, incontinentemente.

Vendo-o entrar, na casa da fazenda, com essa rapidez não prevista, já de volta, Norberto franziu o cenho, intrigado. Porém o agregado foi logo explicando tudo de escopetão.

Na carta, Jerônimo desculpava-se de não mais poder regressar pelo “Bom Retiro”, porque — explicava — tendo tido outra diligência, mais para cima, também de caráter profissional, acontecia que, assim, ficava bastante perto do Jequié, onde, depois de alguma demora, logo, tomaria o trem, de regresso à Bahia. Quanto à sua bagagem, bem pouca coisa, aliás, esperava poder, ainda, merecer um favor de seu prezado amigo, de quem saberia guardar, eternamente vivos, bem no íntimo, os sentimentos da mais sincera e imorredora gratidão. E rogava-lhe que despachasse um positivo, até o Jequié, com a sua maleta de viagem e os seus instrumentos de campo, que a sua bondosa irmã, dona Ernestina, poderia arrumar, aumentando, assim, o rol já crescido dos seus grandes obséquios.

As últimas linhas eram com Margarida, a quem se recomendava respeitosamente.

Enquanto o fazendeiro lia a carta, Margarida se pusera a voltar por perto, enchendo uns moringues. Norberto, terminada a leitura da carta, sintetizou-lhe os termos, informando-a de tudo. Ela ouviu-o, sempre de cabeça baixa, pensativa. Depois, rodou sobre os pés, subiu para o sótão, trancou-se por dentro. Quando a foram chamar para o almoço, não quis descer.

Foi dona Ernestina quem, pela tarde, a consolava naquela mágoa sincera.

— Qual, minha filha, dizia ela, você está bem moça e não deve iludir-se assim com o primeiro. Na minha opinião, eu bem via que o doutor Jerônimo não era merecedor do seu coraçãozinho tão puro. E, quando ainda tivesse alguma dúvida, agora, que ele saiu assim com tanta facilidade, depois de imaginar um plano, sem um gesto que provasse que lhe tinha a menor amizade, que demonstrasse, ao menos, a sua sinceridade, nenhuma teria mais. Mas, o melhor de tudo...

Nesse ponto, dona Ernestina deteve-se, de súbito, como arrependida: e ainda meditou:

— Não, não digo.

Margarida, até aí, ouvia a tia, sem dizer palavra, a cabeça afogada entre os braços em arco, apoiada a uma pequena mesa que servia de toucador. Diante, porém, da revelação, que a tia contivera, pôs-se, de improviso, de pé, o peito numa atitude imperiosa, as mãos crispadas, toda nervosa.

— Não! Quero que conte tudo e já! Vamos! Conte!

Dona Ernestina falou-lhe, então, de uma carta que encontrara, ainda há pouco, na maleta do engenheiro, escrita por ele e dirigida a um seu amigo no Rio, e onde, com desenvoltura, falava do seu idílio com a sobrinha. Verdadeiro corpo de delito — acrescentara —, que um esquecimento e um acaso haveriam de descobrir para perfeito conhecimento do desleal.

Ficara tão indignada, que a fizera em mil pedacinhos.

Margarida, a estes circunlóquios, já se mostrava impaciente, esperando que a tia positivasse melhor qualquer acusação ao rapaz. E fez:

— Até aí só vejo que ele foi leviano e indiscreto, talvez.

— Mas, espere: é melhor mostrar.

E tirando do seio a carta dobrada, foi-a abrindo e procurando algo, até que afinal pôs-se a ler: “Há poucos dias beijei-a tanto, tanto, que já sentia me desfalecerem as pernas. Foi um dia grande: o pai andava pelas roças e a tia, gripada, se deixara ficar, o dia inteiro, no quarto”.

— Ah, miserável, escapou-lhe.

Norberto, a esse tempo, despertado pelos soluços da filha, houvera subido ao sótão, sem ser pressentido, e de um vão contíguo tudo escutara.

A sua revolta cresceu ao meditar que, até aquela idade, nunca pecara por excessiva confiança dispensada a quem quer que fosse. Sentia-se culpado. Não se perdoava.

Nunca fora homem, porém, que suportasse, em silêncio, uma afronta daquelas.

Desceu, como subira: calado.

Mandou arriar a sua besta. Aprontou-se. Não quis jantar. Crespusculava, quando partiu. O mesmo indivíduo que conduzia a mala de Jerônimo, servia-lhe de pagem. Estava seriamente contrafeito. A irmã o adivinhara, mas não quis intervir nas suas disposições, receando algum desabafo. De mais a mais, conhecia-o.

— Canalha! Disse Norberto apenas, ao passar a perna sobre o animal, o olhar esfusilando de raiva.

Pusera naquela palavra todo o seu ódio sopitado. Então, a irmã e a filha mediram bem até onde o levavam os seus planos com aquela viagem intempestiva.

Mas, não o detiveram os prantos nem da irmã nem da filha. Estava irrevogável.

Ao montar, surgira-lhe debaixo do paletó o cabo de marfim da sua pistola patente.

DESTINOS

Sério, pasmei do encontro naquelas alturas.

Eu já conhecia o Manuel Pais, há alguns anos, desde a pousada que me dera, uma feita, quando eu ia de viagem para o Jequié. Morava, nesse tempo, no Jenipapo, um simples povoado, a meio do caminho, e acumulava, com a profissão de fazendeiro, que o era, a de negociante e comprador de cacau.

O negócio ficava ali por perto, na casa que mais se destacava no lugar, — um casarão, todo pintado de branco, de muitas portas, sempre fervilhando de gente.

Naquela manhã — lembra-me ainda bem — ao acordar, já lá estavam postados, defronte às suas portas, uns vinte burros, todos debaixo dos panacuns, repletos de “cacau mole”, e que deixavam escorrer, através de malhas de cipó, melosos fios da polpa dúlcida. Dentro do estabelecimento, um talagão de rapaz proseava com o Manuel. O rapaz denunciava um certo traquejo de vida. Ia pelos trinta anos, era cheio de corpo, e possuía uns bonitos dentes, que exibia, sempre, com o ar de eterno satisfeito, que revelava. Era moreno, lábios grossos, e uns olhos vivíssimos, que não paravam um instante dentro das órbitas. A mobilidade de gestos concordava inteiramente com a de atitudes. E não se demorava, trêfego, um momento, no mesmo lugar, às pernas, de um para outro canto, já se sentando, já se pondo em pé ou atalhando a conversa, para dar uma vista de olhos à rua, ou para falar, de momento, a alguém que lhe passava à vista. Ainda há pouco, vindo à soleira, ditara uma ordem ao agregado, que



viera com ele: Que podia entrar com os animais, pelo portão dos fundos, pesar o “cacau mole”...

Usava culote e paletó cáqui, chapéu de massa; e trazia perneiras, que espancava, a todo momento, com o rebenque, preso ao punho.

Fumava. E eram baforadas com que impregnava o ambiente todo de fumo, e que ele retirava de um charuto, que mordida, numa grande volúpia mastigatória, fazendo-o rolar de uma comissura à outra da boca.

De dentro do balcão, o Manuel discutia preços com ele, e expunha-lhe as suas impressões a respeito das possibilidades da safra naquele ano, “maior do que a dos anos anteriores, bem maior”, garantia o Manuel. Quanto aos preços, acreditava que o cacau, de “primeira” chegaria, no máximo, e, mesmo assim, só para meados do outro mês, a vinte e cinco mil réis, a arroba, preço da capital. “Mole”, naquela data, e naquele fim de mundo, não lhe era possível pagá-la mais de dez mil réis, pois com as despesas de beneficiamento e transporte, já lhe ficava a arroba por quinze mil réis, ou mais.

Todavia, com ele, sempre estava disposto a pagar melhor, a doze, conforme acertara preço há pouco, pois bem sabia o rapaz que, com ele, não andava buscando lucros — amigos, parente...

Eu presenciava a conversa dos dois, enquanto esperava que parasse uma neblina renitente que caía lá fora, há uma boa meia hora.

À frente, junto ao barracão que era o mercado das feiras, aos sábados, deserto naquele dia, já aguardava a minha montada debaixo dos arreios, à qual o Manuel mandara raiar bem, logo cedo, com uns dois bons litros de milho, e pusera, durante a noite, na melhor manga.

Era frisante o contraste da natureza daquelas duas criaturas. O Manuel era a calma e reflexão em pessoa. Tinha o físico

atarracado, os modos lentos, a voz pausada e grave. O rosto possuía as feições grossas, quase patriarcais, sob os cabelos de uma coloração meio plúmbea, fosca, no outono entrante dos seus cinqüenta janeiros trabalhados.

Daí a pouco, tendo recebido e contado o dinheiro da transação, saiu o rapaz. Estava certo. Agora ia cortar o cabelo.

A neblina continuava, fui-me ficando. Então Manuel Pais me resumiu a história do Firmo.

Era seu sobrinho. Criara-o desde os nove anos, quando ficara órfão de pai e mãe, pelas bexigas. Menino levado! Até os vinte anos, ninguém pôde com ele.

Na escola fora ao ponto de agredir o professor, um homem tão bom, em que dera um murro no olho, uma vez que lh'o esbugalhou todo e fez ficar roxo.

Um belo dia, fugiu. Deixou um bilhete, dizendo que tinha resolvido ir ser soldado do Exército, na capital. E foi-se. Andou por uma porção de lugares. Passou vários anos por esses Brasis de Deus.

Um dia, escrevera-lhe, dizendo que tinha resolvido dar baixa, breve, concluído o tempo. Se estava disposto a dar-lhe a mão, agora, que ele criara juízo?

A sua resposta foi que viesse e contasse com ele. Afinal, sem se fazer anunciar previamente, chegou uma noite.

Manuel Pais, nesse tempo, tinha feito aquisição de uma pequena propriedade cacaueteira, que produzia umas quatrocentas arrobas, por vinte contos, justamente, a fim de facilitar a cobrança de uma dívida de um mau freguês. Passou a escritura ao sobrinho, ficando ele de pagar-lh'a conforme fosse podendo, com as safras. Nem lhe cobrou juros.

Ele, Manuel, não tivera essa sorte em seus começos. O que lhe custou, em trabalho, em preocupações, em sacrifício, a posse de sua fazenda "Esperança", a que dera esse nome, exatamente, devido à própria incerteza de meios com que se atirara à luta,

ao comprá-la, parte a dinheiro, parte em títulos.

E o negociante citava passagens críticas da transação até o pagamento do último título, o que enfrentara com uma pugnacidade rara e o zelo do próprio nome, que lhe definia a rija têmpera moral.

Mas, o sobrinho já lhe pagara tudo, prosseguiu. Os últimos anos tinham sido bons, boas safras, bons preços e, afinal, ele parece já ter mesmo criado juízo.

O defeito do rapaz, hoje em dia, era único: mulheres. Quanto a isso, tem-lhe dado algum trabalho, e acreditava que ainda lhe daria outros. Sabia lá!

Estiara.

O sol, já agora, rompera o véu turvo, fuliginoso dos céus, pondo-lhe amplas abertas, de uma tonalidade de esmalte, em claros trechos de uma luz vivíssima, esparsos.

Urgia partir. E apertando a mão a meu bom hospedeiro, agradecido, ainda lhe ouvi outros oferecimentos, se ainda ali a sorte me levasse algum dia. Cavalguei a minha montada.

Ao passar, um pouco adiante, pela residência do Manuel, lá me deteve a mulher, que estava à janela e conversava com o sobrinho, o Firmo. E, entregando-me uma matalotagem, que ela havia preparado, com minha surpresa — pão, umas sardinhas, ovos estrelados, — advertia-me das longas estâncias desertas por aqueles caminhos em fora, em caso de fome. E era bem bonita a mulher do Manuel. Impressionava, agradavelmente, aquele tipo sadio de mulher, na casa dos seus trinta anos, o rosto oval, num jeito suave do queixo, os grandes olhos negros, singularmente abertos, a boca polpuda, os dentes alvos e fortes, a pele morena de um leve rubor róseo nas maçãs do rosto. Robusta, bem proporcionada, os seios globulosos, adivinhava-se-lhe o coxim escultural do colo, jambeado, sem um risco, um sinal, uma ruga, sequer.

O ventre se lhe arqueava, num empinamento suave, sob as

vestes lisas e justas, enquanto que as ancas eram de um torneio admirável, um nada baloiçantes nos requebros do andar.

Os cabelos iam-lhe bem, de um negro liso e sedoso, aparados.

Chamava-se Laurinda. Quer no jantar, na véspera, à noite, pela minha chegada, quer no pequeno almoço da manhã, tivera-a bem junto a mim, no gesto solícito de servir-me, o seu tanto de mau jeito. E que cheirosa era ela!

Não se mostrava chambona ou boçal, já nas maneiras, já na linguagem. E quanto ao seu recato, não lhe observara o mínimo desar. No entanto, não sei por que, ela me dera a impressão de que fora recrutada noutro meio.

Intimamente, eu até chegara a pôr as minhas dúvidas sobre a legitimidade daquela união. De mais a mais, o Manuel era tão mais velho!

Quando ganhei a estrada, logo depois, um preto, ainda novo, trajas vulgares de algodão, mangas de camisa, descalço, emparelhou-se comigo e foi tirando conversa.

— “Seu” Manuel que não abra os olhos e ele está mais é desgraçado. Lá por isso de ser parente não tem importância. Há tanta miséria no mundo!

É como lá disse o frade nas santas missões: “o homem perdeu o respeito e o dever, e as mulheres não sabem mais o que é vergonha, com seus vestidos curtos, mostrando quase as coxas”... E aquele homem que, por mulher, é pior do que macaco por banana...

Achei graça no negro e, estimulado pela solidão, dei-lhe trela. Meti-me a advogado de Manuel Pais e acusador da maledicência alheia.

— Isso é fatalório do povo, disse, para começar. É porque a mulher ainda é moça, de seu natural alegre, comunicativa e, na verdade, não é feia. O povo fala demais...

— Patrão, vosmecê se engana, e não é pouco. Aquilo o

que é adiantamento, e muito. Depois, aquela mulher tem ruins princípios e o “seu” Manuel já talvez não seja bem homem para ela. Ele está confiando muito, quando a carne é fraca. Tenho é pena.

— Ruins princípios? E como? Indaguei.

O negro então, contou, desenvolto, que aquela mulher, o Manuel trouxera -a consigo, quando, uma ocasião, fora à capital fazer sortimento para o negócio. Durante uns pares de anos, desde então, tinha sempre vivido com a “moça” dele e só agora, pelas Santas missões é que se tinham casado.

— E o senhor entende, prosseguiu o negro: enquanto ela não era casada, viveu sempre pelo beijo e nunca se falou mal dela. Mas, agora? Hum! Hum! Eu a vejo muito sacudida e falam muita coisa dela. O “seu” Manuel, coitado, é aquela boa fé, que todo mundo vê e ninguém se atreve a abrir os olhos dele. Só o seu compadre Conrado, não sei o que presenciou outro dia, que esteve vai não vai para contar-lhe tudo.

— Mas quem é o homem? Perguntei fingindo-me ingênuo.

— Ora! Pois quem havia de ser? O sobrinho dele, o “seu” Firmo é, então, um homem femeeiro daqueles, que não há agregado casado que pare com ele.

O sol já esquentava. A estrada, agora, era toda entre arbustos tufados, moitas, com sombras esparsas de árvores ladeando cercas, e pontilhada de ranchos pobres, aos quandos, que se erguiam por sobrepontos alcandorados do terreno, mostrando uns terreiros muito limpos, de uma cor argilosa.

Às mais das vezes, ia acompanhando o rio, à esquerda, que se entremostrava, quase sempre, através dos rasgões da folhagem, manchettato de pedras, rendilhando espumas pelos bancos e corredeiras, babujando, muito calmo, pelos remansos e pelos lajeados, correndo, por aqui e por ali, por lombas declivosas, cobertas de uma vegetação herbácea, onde andavam cabeças de gado.

Amiúde, deparavam-se águas rasas e límpidas que se venciam a vau ou, hiantes profundos, ribeirões e arroios, não raro, sem nenhuma ponte, e forçando algum desvio, que permitisse, num salto, galgá-los noutra parte.

Às vezes, o caminho afastava-se da orla ribeirinha e entrava a mata, prosseguindo por túneis de verdura, longos pedaços. E, próximo a barrancas impraticáveis, vencendo degraus barrentos, ia-se, muita vez, ao topo de alguma colina, a pleno céu descoberto.

O olhar, então, dominava, num raio desmedido, o panorama circunstante: os rasos da floresta, fazendo aquele mar verde de franças; as vastas alcatifas, dos gramados rasteiros e das mangas cobrindo côncavos e vertentes; e, bem destacadas, dentro da própria verdez, as plantações cacauieiras, roças e mais roças, pondo debruns amenos de folhas, pelas arestas dos montes, compondo fofos extendaís, além nos plainos retraídos, sem fim. Invariavelmente, lá-baixo, refletindo diamantinos brilhos, um trecho do rio, colubrejando larga e preguiçosamente, como uma serpente de chumbo dormindo ao sol, com escamas de pedra. Fumos espiralando para o alto, vindos não sei de onde.

Andamos, andamos.

De repente, diante de um atalho, o negro sobresteve a rédea de sua montada:

— Aqui entro, patrão. Sou o negro Irineu, seu criado, e moro aqui pra dentro dos Funis.

Estendi-lhe a mão e continuei monotonamente a viagem, contagiado do silêncio e da solidão ambiente.

Quando regresssei do Jequié, daí a uma quinzena, fazia luar. Não tornei a ver o Manuel Pais, porque, ao cruzar o Jenipapo, já passava das sete, e eu fazia cálculo de dormir nos Cágados.

Só dois anos depois, volví àqueles lugares. Procurei o meu prestante hospedeiro, na casa onde negociava, e a resposta que obtive foi que andava por longe, não se sabia bem onde, uns

diziam que no interior de Itabuna, e outros, que se havia mudado para Sergipe.

A pessoa fizera um risinho intencional, ao dar-me essas informações. Lembrei-me do negro Irineu, do que lhe ouvira na estrada. Confesso que tive vontade de saber do resto, quem foram os verdadeiros protagonistas, o que houve, tudo.

E aquele sobrinho dele, o Firmo? Perguntei, como ponto de partida.

A resposta foi um gesto: e meu informante, espalmado a mão bem tensa, atritou com ela enérgica e firmemente sobre a goela, ao mesmo passo que punha a língua para fora e cambava a cabeça para trás.

— Assassinado? Indaguei. E adivinhando tudo: — Matou-o o tio?

E o meu informante:

— Pode ser que sim, pode ser que não, dizem. O tio já não estava aqui, quando se deu o fato, mas há quem diga que ele quis vingar-se sem que parecesse culpado e maquinou mandar assassiná-lo por outro, como se fosse um roubo.

A verdade é que o Firmo era mesmo um bandido — Deus que se apiade dele! — e roubo ou assassinato, a Justiça não se importou muito com a sorte que ele teve, e deixou o velho tio em paz. E, também, foi só ao tio que ele desonrou? Não se contam as mulheres dos outros em que ele fez barriga... Deus que se condoa dele!

Não indaguei que sorte teve a Laurinda, pois logo acreditei que houvesse tido um justicamento em regra. Saí.

Tinha razão o Irineu.

As ingratidões do mundo!

Passaram-se os anos. Um dia, quatro anos depois, os meus interesses levaram-me a Poções, no interior do município de Jequié. Eu já estava formado e aquele meio tentava-me com suas grandes possibilidades, então, num período de intenso

surto econômico.

Foi quando me dei de novo com meu hospitaleiro amigo.

Notei que ele me reconheceu também e observara meu ar de surpresa ao vê-lo. Não querendo passar por ingrato ou orgulhoso, aproximei-me, dei-me a conhecer.

Era um bar afreguesado do lugar, onde fôramos ambos comprar cigarros. Em pouco, nos abancávamos a um dos ângulos da casa e contávamos um ao outro as contingências que nos faziam encontrar ali.

Só então, soube, em todas as suas particularidades, as peripécias do seu caso e tive a confirmação integral daquilo que já adivinhara sobre o seu caráter, o seu temperamento reflexivo, e enérgica vontade.

— O senhor teve já notícia do que me aconteceu, não? Principiou.

Discreto, fingi desconhecer tudo:

— Não, depois daquela vez, nunca mais tinha volvido ao Jenipapo.

— É possível, entretanto, que o senhor houvesse escutado alguma conversa a respeito daquela mulher, mesmo nas poucas horas que demorou lá, pois, se não me falha a memória, justamente, naquele tempo, era o que mais se cochichava sobre o procedimento da infame.

— Não, nada soube, esclareci.

— Mas, pagaram, continuou o Manuel. Creia que é a primeira vez que converso sobre o assunto, pois tenho vivido sempre, depois do que se deu, só entre estranhos, porque tinha jurado a mim mesmo que não voltaria a ser conhecido, senão quando houvesse punido os infames culpados.

O sertanejo continuou:

— Eu estou com a consciência tranqüila de ter feito o que me competia, e do melhor modo. O senhor, ouça-me, agora, e diga-me, no fim, se assim faz um homem de brio ou não.

Fez uma pausa. Concentrou-se e, pausadamente, foi reca-



pitulando os fatos.

— Aquela mulher, que o senhor viu na minha casa, e o serviu na mesa, era uma indigna. De fato, eu me casei com ela, perante a religião e a lei, mas ela era já perdida, quando eu a conheci, na capital, na pensão Elite. Porém eu, só, neste mundo de Deus, tendo-a já comigo há seis anos, sem filhos, nem parentes, que precisassem mais de mim, achei que devia garantir o futuro dela para o que desse e viesse.

Já pensava assim quando vieram as santas missões. Casei-me, então, na igreja e, dias depois, no civil. Além disso, a ingrata costumava dizer que sofria muito por não poder visitar os pais, que tinham jurado que, enquanto ela vivesse no erro e na vergonha, não a receberiam. Muitas vezes, ao entrar em casa, a encontrei chorando, e ela me dizia que era só por isso. Casei-me. Mas, ela foi safada.

Quando o senhor passou no Jenipapo, a miserável já me ludibriava. Todo mundo falava. Com minhas ocupações, porém, eu não sabia de nada, nem de nada desconfiava.

O traidor era aquele infeliz, que eu criei como filho, lembra-se? Imagine! É incrível! Mas, os vermes deram já conta de ambos!

Como dizia, eu não sabia de nada. Se estivesse prevenido, talvez adivinhasse o escárnio de que era alvo, as chicanas dos outros, talvez alguma indireta. O meu compadre Conrado é que foi meu amigo e, logo que teve a certeza, me preveniu de tudo. Aí, foi que eu me lembrei de uma carta que tinham jogado debaixo da minha porta. A carta apenas dizia “Confiar, desconfiando”. Por baixo: “Um amigo”, como assinatura.

Eu li a carta e pensei que o sujeito queria se referir ao Ambrósio, um que eu protegia e ultimamente estava desviando alguns fregueses meus. Não liguei importância. Mas, o meu compadre me abriu os olhos. Eu, então, fiquei calado. Esperei um dia, que viesse algum portador da cidade de Palha, onde morava o Judas, para comunicar à falsa que faria uma viagem,

nesse mesmo dia, pela noite. Assim, ela teria por quem mandar avisar o celerado da minha ausência.

Afinal, esse dia chegou. Fingi, logo cedo, uma viagem pela boca da noite, com o luar. Por volta das sete, saí de casa. A uma hora da manhã batia, de volta, em casa. Ela veio abrir, toda aflita, toda desconcertada. De fato, lá estava o Firmo, não menos desconcertado.

— Que estava ali, conversando e fora ficando, ficando. Mas, já se ia fazendo tarde.

Eu disfarçava, o mais que podia, o meu ódio por dentro, sempre de costas para eles, de medo que me traísse a minha fisionomia. Insisti com ele, que não fosse já. Fiz ela coar um café e, retomando o ânimo, ainda conversei. Por dentro, eu é que sabia como estava!

Quanto ao meu regresso inesperado, fiz ver que tinha sabido, em tempos, nos Cágados, que se arrebentara a balsa do Oricó, e que só continuaria a transportar a partir do outro dia. Por isso, tinha voltado. Mas, tinha ficado conversando na casa do Julião, no Tucano, e só àquela hora estava chegando.

Mas, não havia a menor dúvida. O compadre Conrado tinha razão. No outro dia, viajei mesmo. Não tinha negócio nenhum fora, mas resolvi ir até Água Preta passar justamente o tempo que julgava necessário para cobrar calma e assentar um plano de ação diante dos fatos.

Quando voltei, tinha conseguido, inteiramente, o meu intento.

Ora, aquela miserável tinha muita vontade de morar em Ilhéus, que ela sabia uma cidade de primeira ordem. E eu tinha encontrado, lá no Sequeiro do Espinho, na minha viagem à Água Preta, um bom comprador para o meu negócio, a fazenda e a casa de morada. Cheguei em casa, portanto, dizendo-lhe que tinha encontrado um bom pretendente para tudo que “nos” pertencia, e que, feito o negócio, nós poderíamos mudar-nos

para Ilhéus, conforme ela tanto desejava.

A tipa ficou radiante. Aí, eu já pregozava a vingança que ela bem merecia!

Daí a dias, eu liquidava tudo de meu, e a falsa assinava todos os papéis sem desconfiar de nada. Tudo feito, tudo liquidado, pus em prática a minha resolução.

Seriam duas da manhã. A essa hora fazia um luar esplêndido. A minha montada já me esperava arreada. Acordei, vesti-me cauteloso. Ela dormia profundamente.

Cavalguei o animal, esquipei num largo fozoso. Estava desprezada. Larguei-a, só, com o que trouxe, afora algumas insignificâncias, que lhe havia dado, mesmo algumas jóias boas, vestidos. Mais não merecia. Desprezei-a.

Deixei-a como um trapo sujo, imprestável que se põe fora. Quanto ao miserável, mandei dar cabo dele, não que me faltasse coragem para isso, mas porque precisava da minha liberdade para distrair as minhas penas, e não estava para processos.

Como vê, agi com astúcia, mas era preciso, para minha vingança, não prejudicar-me.

Paguei, então. Paguei a um bandido igual a ele para fazer o “serviço”. Sei que foi morto, porque exigi, por prova, que me trouxessem as orelhas. E ele me trouxe, o celerado. Vi-as bem, eram dele.

Só o senhor sabe da verdade inteira dessa história, que é essa. Deveras, eu pensei que a Justiça me houvesse de perseguir, como mandante. Mas, até hoje, não houve sinal disso, que eu saiba. Verdade que vivi, uns tempos, como cigano, de nome mudado, a barba crescida, por outras partes. E andei, uns tempos, com medo de mim mesmo, porque se me encasquetou na cabeça, que eu devia tirar uma vingança de morte da infiel. Já nem eu dormia mais direito, arrependido de não a ter estraçalhado toda, a faca, quando saí do Jenipapo.

Felizmente, também já lá se foi o demo para o inferno,

justamente, quando eu já me dispunha a ir procurá-la, na capital, ou onde quer que tivesse notícia do seu paradeiro, pelos bordéis, para puni-la..

Não foi preciso, porém, a minha mão, que a bandoleira mesma se deitou fogo nas vestes e matou-se. Isto li na “Tarde”, da Bahia.

Houve uma pausa, meio longa, em que o Manuel demorou o olhar, fixamente, no solo, como engolfado num pensamento distante, um sorriso meio amargurado na boca. Acordou, daí, num gesto lépido da cabeça. E, agora, conselheiral, falou-me:

— Agora, vou viver aqui uma vida nova, inteiramente nova. Gostei de encontrá-lo, por estas paragens. O lugar parece ser bom para médico, apesar que já possui um. Não importa!

“Nem por tanta ingratidão sofrida, desconheço que existem, também os bons. O senhor será um deles. Seja meu amigo, que hei de ajudá-lo.”

Naquele dia, selou-se a nossa amizade.

O que me prometeu, espontaneamente, nessa hora, cumpriu-o, inteiramente, depois. E raro era o dia, em que me não trazia um, dois, vários clientes, todos aos quais me gabava, cumulando-me de superlativos.

Pobre Manuel! Onde andarás ele, hoje, esse meu verdadeiro amigo, a quem devo tanto bem? E perdoas, Manuel, perdoas que conte a história de tua tragédia, hoje, passado tanto tempo?

VIDA ÁSPERA

No Alto Gongogi, quando aquilo era ainda verdadeiramente uma terra virgem, Cirilo Bento fora dos primeiros a chegar.

Nesse tempo, as localidades mais avançadas da região não iam além do Pontal, esbarrando as últimas habitações em Pedrinhas, onde a casa branca do negócio do sírio Kaluf punha uma nota humana na agrestia, ao derredor. O próprio núcleo da Colônia mal começava a existir, com os engenheiros americanos que empreendiam os primeiros trabalhos de medições, cheios ainda de grandes pavores pelas flechas dos Camacás e Pataxós que, descendo do Veado da Caatinga, muita vez, faziam incursões por aquelas paragens ermas e, ainda há pouco, houveram morto a um, ferido a outro, que se tinham afoitado mais.

Cirilo comprara o seu pedaço de terra, tudo mais especulando, por causa dos caxixes que já eram praticados por toda a parte, e excessivamente receoso de malavenças futuras. Esmerara-se, nisso, até quase à impertinência, pedindo explicações, amiúde, ao escrivão, a quem obrigava reler trechos, lembrando-lhe alguma emenda, que lhe acautelasse direitos futuros, mormente na parte das confrontações e limites, que queria bem claros.

O escrivão, até, se impacientara com aquele excesso de meticulosidades. Cirilo, porém (dizia), aproveitava do exemplo dos outros, sim senhor.

— Por causa de negócio mal feito, explicou, tem havido muita demanda e há muita viúva e órfãos na miséria. Não era para agravar ninguém. Sabia, agora, com quem estava tratando.

Mas...”O futuro a Deus pertence”, concluiu.

Ademais, aquele negócio de compra de terra tornara-se-lhe bastante suspeito, desde o momento em que se anunciara um certo Condomínio, cujos legatários, nunca pôde compreender bem, tinham surgido, de um momento para outro, senhores de verdadeiros latifúndios, que agora retalhavam, sob protestos de uns, reclamações de outros, quizílias de toda espécie. Posses pacíficas, bem poucas.

A assistência meneava a cabeça, aprovativa, incitando-lhe as convicções:

— Lá isso mesmo, “seu” Cirilo. Pensa bem.

Afinal, tudo pronto, assinou a escritura, com ares graves de quem sabia muitíssimo bem o que estava fazendo.

Antes ali, longe, naquele ermo agreste de Deus, porém afastado dos maus vizinhos que só vivem de derribar cristão. E ele que sempre fora sem sorte com semelhante gente... Já, por causa de maus vizinhos, foi que ele, desgostoso, vendera a sua propriedade da Volta do Meio, terra dos seus amores, tão bem cuidada e produtiva, e que ele desbravara e semeara, palmo a palmo, obra do seu braço e seu suor. Agora, o que ele queria era que Deus ainda lhe concedesse a saúde, uns pares de anos, permitindo-lhe botar lavoura nova naqueles duzentos hectares de terra inculta que comprara, não com velhacaria, como muitos que aí viviam arrotando vida limpa, porém com o dinheiro ganho com o seu suor, que todos viram desembolsar no Cartório, contado nota por nota.

A bem falar, Cirilo já não precisava de enfrentar uma empresa daquelas, quase ao fim da vida. Muitas pessoas, até, lhe aconselhavam desistir dessa existência primitiva, de canseiras brutais. Melhor, era, diziam, que ele fosse morar num dos lugares da costa, ou na Ilha Grande de Camamú, comendo peixe fresco, respirando o seu bom ar marinho, cuidando da sua saúde, que

todos sabiam abalada à força de tanta labutação. E lembravam-lhe, como um argumento supremo, a sua doença de coração, o mal traiçoeiro e certo que lhe descobriu o médico local, e que lá estava silencioso, é certo, mas podia matar quando menos esperasse.

— Cada um com a vocação que Deus lhe deu. A mim não me tenta outra coisa. Há muitos anos que não labuto outra vida senão cacau, e toda a minha ambição é continuar com ela até o fim dos meus dias.

Deveras, Cirilo não possuía, neste mundo, outros parentes chegados, além de uma sobrinha casada, e esta mesmo, afinal, em boas condições de vida material. Ela era também contra aquela decisão do tio.

Em casa, a teima foi grande dos dois, desde o primeiro dia, em que ele esboçara a sua idéia, numa das visitas que fazia diariamente à sobrinha. E continuou assim muitos dias, que era um nunca acabar de razões.

— O senhor não é mais menino, meu tio. Está é, antes, velho, isso é que é. O dr. Leopoldo já lhe recomendou descanso uma porção de vezes, por causa do coração, e o senhor está brincando. Cacau não é brinquedo, o senhor bem sabe, e lidar com esses macaqueiros de saco às costas, que só procuram é derribar os outros, é uma morte para quem tem saúde, quanto mais para o senhor que, além de estar já velho, é cardíaco, e eu é que o vejo soltando baforadas pela boca, a toda hora, e cada vez mais decadente.

Cirilo Bento, no entanto, sorria recalcitrante. E depois de uma pausa:

— Cada um com a vocação que Deus lhe deu...

E era sempre assim. Dominava-o a visão que se lhe esboçava na alma, das grandes roças verdes, florescendo, frutificando. E a atividade prazenteira, nas manipulações da barcaça e da estufa, a manobrar a pá, rut, rut, rut, na secagem dos caroços ao sol, nos



dias estivais, ao calor intenso do forno, nos dias de chuva. Ou era que o seduzia, tão somente, a vaidade de ver os seus sacos descendo o rio sobre canoas, tudo só cacau “de primeira”, com suas iniciais impressas fora, C.B.

Ele mesmo é que não era homem para levar vida ociosa numa praia qualquer, apenas porque reunira alguns contos que lhe davam para viver os anos que ainda lhe estavam reservados à tripa forra...

— E o coração, meu tio? E o coração? Obtemperava-lhe a sobrinha, já meio irritada.

Ah! Quanto a isso, franqueza, o dr Leopoldo que lhe perdoasse a ausência. Aquilo só lhe parecia invenção dele, para lhe meter medo, pois nunca tivera palpitações, nunca lh’o doera, nunca sentira nevoeiro na vista (como ele lh’o indagara no exame feito), nem tão pouco, jamais, lhe fraquejara o braço ao vibrar o machado nas derrubadas, nunca tivera tonteiras, nada. Baforadas pela boca? Olha o aleive! Não duvidava que, ao subir a ladeira que o conduzia à casa da sobrinha, cansasse um pouco, às vezes, com as pressas. Ora, isso era natural, muito natural. E, a propósito, terminava sempre convincente:

— Tenho visto muita gente morrer de doenças, que os doutores nem supõem, como morrer de outras diferentes das que eles dizem, ou mesmo, não morrer, apesar do que eles pintam, senão de velhice. Lembrassem do compadre Guilherme. Que é que o doutor dizia? Que ele estava tuberculoso do último grau e a vida por dias. No entanto, ele aí está são e gordo, depois que botou aquela bruta solitária com a mezinha que a comadre Eulália lhe deu. Qual!

— Homem impossível esse meu tio, concluía a sobrinha. Quando quer uma coisa ninguém pode com ele.

E nunca mais lhe opôs qualquer objeção. E andou trombuda com ele uma enfiada de dias.

Um dia, pelas dez horas, com a escritura debaixo do braço,

que ele trazia dentro de um tubo de folha de Flandres, com a sua grande capa colonial pendente do braço, todo metido em botas até os joelhos, o velho aliado das matas barafustou-lhe pela casa a dentro.

— Bem até daqui uns meses...dois, três, seis...sei lá! Se quiser passar uns dias lá, com os meninos, a casa que existe ainda está muito à toa; é um rancho, a falar verdade, mas pode ir que seu tio velho ficará satisfeito. Jesus que lhe dê bons dias de paz e de saúde.

E estendeu-lhe a mão, que ela beijou, deixando cair-lhe sobre o dorso uma grande lágrima comovida.

Era dia de feira. Fazia uma manhã de sol magnífica. O céu, em cúpula, profundo, arqueava-se de um azul lavado e suave.

Esquentava.

De passagem pelas casas dos conhecidos, na Rua Direita, e pelos armazéns e lojas da Praça Grande, Cirilo foi-se despedindo de um e de outro, ao acaso, pedindo-lhes que, a seu turno, pas-sassem um adeus a outros, cuja lembrança lhe acudia ao espírito por qualquer afinidade presente.

No centro do quadro equilibrava-se sobre pilares de madeira de lei, o cone truncado do barracão das feiras, de zinco pintado de zarcão.

Da feira, em plena efervescência naquele dia, vinha um burburinho de vozes, uma como trepidação rumorosa. Fervilhava de gente. Chegavam pregões, dichotes. Estalavam gargalhadas, em expansões molecas.

Tudo aquilo, fundindo-se, lembrava o sussurro zoad e vago de um mar grosso rugindo distante.

Burros, cavalos, uns sob a sela, outros debaixo da canga-lha, demoravam pelas imediações, formando grupos, amarra-dos a argolões instalados para esse fim nas casas de negócio, no meio-fio dos passeios, ou a grossos moirões fincados próximo às suas frentes.

Vultos negros de postes da iluminação pública perfilavam-se pelos quatro lados da praça ou a cortavam em diagonal. Pés de tamarindo da arborização geral, incipiente e falhada, dispunham-se pela mesma ordem, projetando grandes sombras, debaixo das quais, de preferência, vinham reunir-se as pessoas que se encontravam fortuitamente pela rua, conversando notícias de amizade ou coisas de lavoura, sobre negócios feitos ou em perspectiva.

Sob uma das árvores, teterecando secamente no espaço, girava uma roleta, ao pé da qual se aglomeravam indivíduos, torcendo, nervosamente, e por entre ditérios:

— É o cavalo... corre, corre, tordilhiinho... chega, chega... aí...í...í.

— Porquinho da minh'alma, grune, meu filho...

Cucurucu...u...u. Nasceu Cristo.

Respirava-se uma poeira prenhe de pigarros.

Por vezes, os animais ensaiavam escalas guturais, a dois tons, que iam, após, esmorecendo em delíquios agoniados e quase pianíssimo.

As casas eram todas açaçapadas, sem platibanda, mostrando tetos de telhas encardidas pelo tempo, que lembravam chão de currais; e liam-se-lhes, nas frentes, letreiros meio encobertos pelas telhas, que proeminavam nos beirais. Fronteiro a um terreno devoluto, murado, para um ângulo, um charco rutilava as suas águas putrefeitas, escondendo, em seu seio, cacos de garrafa e fragmentos de telha, para ali atirados à toa, ou deixando apontar, fora, algum esgalhado ramo, lata ferrugenta de banha ou azeitona, em monturo.

Diziam que era o reservatório do paludismo, endêmico no lugar, que, todavia, já existia há muito tempo e continuaria a existir.

Muito povo. A maior parte eram trabalhadores vindos das fazendas, a pé, duas, três, várias léguas e, geralmente, traziam

um chapéu de pêlo sujo, camisa de riscado, encardida e desbotada, calças de brim grosso viradas na bainha, onde se lhes aderira a lama das estradas, o facão comprido e largo pendente da cintura, pés descalços.

Os outros eram administradores ou proprietários fazendeiros. Conhecia-se-lhes essa condição, já pelo traje, obrigado a colarinho e gravata, já porque calçavam todos perneiras, traziam esporas e o invariável rebenque.

Cirilo Bento ia dando o seu adeus aos conhecidos que topava. Enfim, enveredou pela Rua da Balsa.

Ao descer a encosta do rio, já o esperava lá a canoa, junto a um amontoado de pedras, que anegavam pelas margens, como alicerces em ruína de velho forte.

Era ali o “porto”.

Ele entrou, os dois remeiros empurraram a embarcação no rumo do canal, contornando pedras, umas salientes, à flor das águas, outras encobertas, que os homens adivinhavam, porém, prestos, num golpe de vista certo.

A viagem fora morosa e fatigante. Doze horas contra a correnteza, através do rio já baixo àquele tempo.

Grandes lajes, de uns tons esmaçados de lacre, chamalotando a superfície, embaraçavam a corrente, amiúde. Ou eram pontões graníticos, que irrompiam hostilmente das águas, em risco de abrir de meio a embarcação.

Aqui, acolá, no canal praticável, as pedras formavam angustas passagens, por entre as quais a água varava a custo, fazendo um rumor mais atritado e mais forte — e escachava, frementemente, num fervedouro intenso e espumarado, assim reprimida, de momento, na sua carreira larga e sem ímpetos.

Os homens logo paravam de remar e, volteando os remos no ar, numa manobra rapidíssima, fincavam-lhes a ponta aguçada, com violento impulso, dentro de alguma reentrância dos

escolhos esparsos por perto. E, já retesando a musculatura opulenta, os peitos nus gotejando suor, mudando sucessivas vezes o ponto de apoio, síncronos e lépidos, propeliam a embarcação, custosa e arrastadamente, não raro, empacados longos minutos num desses acidentes.

Nessas ocasiões, mais impetuosa ainda, a água gorgolejava em torno Não raro, penetrava uma bategada espúmea que se chocava mais alto, na canoa, fazendo um como penacho líquido que durava um instante.

Cirilo Bento, deitado sobre uns fardos de charque cobertos de um impermeável, tirara o paletó em virtude do forte calor reinante que se ia acentuando com o correr das horas; e em mangas de camisa, protegido sob um grande guarda-sol que abrira, olhava com enlevo os aspectos descerrados às margens, ou atentava, interessado, para as manobras dos remeiros.

Nos trechos desacidentados da corrente, ao ruído monótono dos remos, concentrava-se, perdido em cismas, que se lhe traíam no olhar distante. Depois, fixava-o, de novo, aos detalhes do ambiente, para além das ribas, lançando comentários de onde as recordações se desentranhavam cheias de saudade. Punha-se a mirar em todas as direções e reconhecia — aqui, a morada de algum velho amigo; logo mais, a divisa de outro; adiante, era o ribeirão em que morrera afogado o Clemente Andrade, ao tentar, meio ébrio, transpô-lo, numa cheia.

Além, surgiu-lhe a casa da fazenda Boa Vista, edificada no cabeço da mais linda colina daqueles arredores, salientando-se por diante do paredão da mata, que lhe corria pelos fundos, como a cintá-la no horizonte.

A colina, como que debaixo de um tapete verde, muito verde, que era o tapete de grama, que a cobria, logo se vinha achanando, num raio enorme, suavemente, até morrer em frente, sobre praias alvíssimas de areia, amplas, faiscantes, que costeavam o rio.

Cirilo gabou-lhe a bela posição sobre esse fundo de alfombra, e a justeza da denominação:

— Parece um quadro de Lapinha, comentou. Nem lhe faltam, mesmo, umas cabeças de reses, espalhadas por essa beleza de oiteiro, nem currais feitos de paus em travessa.

Lá em cima, o casarão pesado, todo ângulos, colonial, exibia a sua brancura imensa na reverberação forte do sol a pino.

A espaços, apontava o listão argiloso da estrada, correndo entre árvores, por algumas subidas íngremes do terreno, ou acompanhando, mais de perto, o curso sinuoso do rio, entre arbustos acutilantes.

Grandes manchas murhecendo à luz, à meia encosta, caíam sob o olhar. Eram os novos roçados em formação, buraras, em cujo traçado, os galhos secos assentavam sobre a vasta cama de folhas mortas que, por vezes, farandulavam ao vento, como outras borboletas. Os troncos robustos tomavam vulto, como que imersos num sono de prostração invencível, à espera da queima.

Habitações pelas margens. As sedes das fazendas, estiradas, brancas, em duras linhas retas. A invariável varanda, longa, correndo de fora a fora, como uma barra fosca. O chão, rasourado, coberto da esteira de grama, crescendo vários metros em roda.

Próximo, a barça e a estufa. A primeira, descansando sobre sólidos pilares de madeira de lei, para a secagem do cacau nos dias estivos, — aberto ao sol o largo estrado, e o teto, em forma de chalé, resvalado para a outra extremidade, que se prolongava por trilhos assentes sobre outros pilares.

A estufa, espécie de casinholo de estilo vário, para secagem nos dias hibernais, ao calor do forno interno.

Alpendradas completavam essas instalações e serviam de depósito dos cochos em que sofriam a fase da fermentação necessária os caroços, antes das manipulações da barça e da estufa.

Quase sempre, ali por perto, estacionavam tropas de burros,

debaixo todos dos grandes panacúns, em que era conduzido o “cacau mole”, vindo de “dentro”, das roças afastadas, já quebrado para o devido tratamento.

E iam-se sucedendo outras moradas — de taipa, paredes de enchimento ou adobe, na cor do puro barro, sobre algum cocuruto de morro ou aba de oiteiro, à sombra de velha ingazeira ou centenário oitizeiro — e essas, dos lavradores mais modestos, machadeiros, contratistas; e mesmo, algumas vendolas.

Aos quandos, ambulavam tropas de quinze, vinte burros, aos gritos de comando dos homens, tintagalhando pelas estradas, que iam acompanhando o rio, às mais das vezes, por essa, por aquela margem. A carga era sempre a mesma, sempre: panacúns ajoujados de “cacau mole”, ou o produto já seco e ensacado.

Estas, rumando às fazendas da região. Outras, descendo delas.

Depois, a paisagem se uniformizava cada vez mais; e era tudo quase só natureza, o mato, a brenha.

Quando atingiu o Pontal, o sol já sumira. Ainda remaram em pleno escuro, pedaço de tempo, entre as margens estreitas do Gongogí, sem o piscar nenhum de estrelas no céu, que as não deixavam ver as ancianas árvores que se alteavam das barrancas, no meio de um silêncio, só a pausas, martelado pelo retinir dos grilos e bigornar dos batráquios, e onde o arremesso das águas, deslocando-se, ia pondo suavidades dormentadoras de cachoeiras quérulas.

De momento, o rio alargou-se e aquele cenário angusto e penumbroso se transmudou de todo.

Subia lua cheia, em face, aclarando tudo — vermelha, vermelha.

O terreno crescia pelos rasos, amplamente, à esquerda e só à distância, à luz, empastava na sucessão das frondes, que, antes, se deixavam adivinhar. Do outro lado, subia em escarpas cretáceas, quase a pique, por sobre as quais se apumavam blo-

cos colossais de pedras, repontando lá no alto, crepejando já na rechã sobrestante, espessuras imóveis de folhagens, que o luar, batendo em chapa, ressaltava, rareando aqui e além.

Cirilo Bento alcançava enfim os seus domínios.

Ao pisar o solo, despediu-se dos remeiros, que prosseguiram viagem até Colônia e tinham ali parado para uma frugal refeição, já pronta. E apontando na direção mais alta da colina, ao fim da vereda serpejando, nítida, pelas faldas:

— Agora é ali que vou morar. Deus que me dê mais uns anos de vida e eu vou mostrar como se faz uma roça bonita. No mais, vosmecês que me ocupem e dêem lembranças a quem perguntar por mim.

Cirilo Bento foi subindo o oiteiro com os “trens” às costas, que era afinal pouca coisa — um simples saco de lona, que estava bojudado.

Depois, já os homens, deslembados dele, fincavam os remos na água, para continuar, quando o eco da sua voz quebrou a quietação:

— Eh, compadres! Digam a todos que estou firme até à morte. Olhem, preguiça é a pior praga do homem, isso é que é!

Falava, já, dos cabeços, num trecho de chão desnudo, onde a elevação planeava.

Coincidiu pairar-lhe, então, à cabeça, o grande disco lunar, fulvo e de um reflexo metálico. Cirilo lá estava, destacando-se sobre o fundo estrelado e palpitante do céu enluarado, o torso bem empertigado. E o círculo ignescente por cima, semelhando a auréola dos registros sacros, ele mesmo era a imagem perfeita de algum apóstolo redivivo, plantado no alto da montanha.

— Tem razão, seu Cirilo, é como lá diz mesmo, fez uma voz da canoa. Felicidades!

Daí a dias, com cedo, Cirilo Bento entrava a mata, acompanhado de três trabalhadores que, de passagem pela estrada, lhe tinham ido pedir serviço à casa. Iam todos armados do ins-



trumental competente: facão e machado. Era o primeiro roçado que empreendia botar nos seus novos domínios, e não queria menor de cinquenta tarefas.

Setembro ia em meio e o velho lavrador contava com Deus que, aí pelos primeiros dias de fevereiro, haveria de poder queimá-lo. Cirilo não se engana com a boa qualidade do terreno escolhido. Humoso e profundo, sem piçarra, desprendendo um bafio a folhas mortas, ali a cultura prometia magnífica.

A mata crescia de uma exuberância estupenda. Firmes, imóveis, sustendo no alto a frondaria espessa e penumbrosa, alçavam-se os vetustos troncos, cobertos de uma pátina esverdeada de limo, como a desafiar o braço rijo que os abastece.

Um forte obscuridade infiltrava-se por toda parte, fundindo todas as nuances do verde num tom único, carregado. Parasitas enleavam-se por sobre os troncos e galhos. Algumas pendiam em amplas cortinas vernais, sob o pálio da mata, feito bandeiras desfraldadas.

Arbustos cresciam de permeio aos troncos fortes. Vergôntes, longos ramos flexuosos, teciam redes intransponíveis, correndo de uma para outra espécie, compondo-lhes toucas.

Aos quandos, alguma ave dormideira batia o vôo assustada. De outras vezes, por entre rastejantes galhos, esgueirava-se algum preá ou paca, ariscos. Guinchos chegavam, a intervalos, de sarigüês, de raposas.

Pelo mato adentro, galgando uma encosta, a cujo sopé corria um ribeirão, onde a floresta esbarrava como ante um aceiro, começou a cabruca.

Primeiro os vegetais de porte médio. O facão abria espaço, destroçando cipós, caules, galhos, ramos.

Um rumor estalado e arrastado enchia, a curtas pausas, aquele silêncio. Eram os pequenos filhos da mata, que se desconjuntavam, penosamente, quebrando as últimas amarras das fibras invioladas dos troncos, ou destroçando as frondes das suas

vizinhas, embatendo-se pelas alturas, aos tombos.

Os três homens foram postos a trabalhar, isolados; e os peitos nus, porejando suor, soltando estos esfogueados dos peitos, devastavam sempre. Poupadas as grandes árvores, destacam-se-lhes agora, os troncos fortes como colunas mestras do grande pátio verde que se estendia por cima, com raras abertas entremostrando nesgas de céu.

Cirilo Bento administrava os homens, mas não se conteve muito tempo, que não tomasse também do facão e entrasse na labuta. Era lá homem para estar só mandando?

Foram, assim, muitos dias. Quando chegou o dia da derubada, dos três agregados, só um restava. Os outros, como estivessem exorbitando dos ganhos, no dinheiro que pediam por adiantamento, e Cirilo os advertisse do abuso, com muitos “bãos” modos, não estiveram por isso e, melindrados, resolveram deixar a empreitada.

Agora, Cirilo quase não contava senão consigo mesmo. O próprio, que ainda continuava, não escondia a sua má vontade no serviço e a todo momento pedia licença para ausentar-se, pretextando necessidades suspeitas. Por mais de uma vez, Cirilo o fora encontrar roncando, com a cabeça recostada sobre alguma forte raiz da mata aflorando do chão, barriga para cima, chapéu sobre os olhos; e era um eterno queixar-se de doenças, hoje, uma dor no pé; amanhã, uma cólica; mais isso, mais aquilo.

Enfim, um dia, o agregado almoçara com ele, saíram ambos para o mato, tomando cada qual a sua direção. Depois, não dera mais com a vista nele. À noitinha, quando chegou em casa, foi que viu tudo — até a sua lazarina levar, o ordinário, e mais o par de esporas e um pelego!

Também, daí por diante, recusava todos que lhe vinham pedir trabalho.

Agora, aquele roçado, quem o havia de terminar era ele e só ele! Graças ao bom Deus, a saúde lhe ia bem e sentia-se ainda com forças para tanto.

Cirilo Bento cantava o machado. Durante três meses as redondezas atroaram, e de espaço a espaço, rolava fragorosamente uma árvore anciana — pau d’arco, sucupira, putumujú, pau Brasil; fosse madeira de lei ou branca para engradamento.

Os mesmos remeiros, que o haviam trazido, meses antes, certa vez, ao passarem pelo rio, em viagem para a Colônia, ouvindo o pam-pam do machado vindo de dentro e adivinhando a obra porfiosa em que ele se empenhava, ainda disseram:

— Aquilo é já o “seu” Cirilo deitando algum roçado. Homem de trabalho não há dois.

Andou sumido muito tempo. De vez em quando, ocorria falarem no nome dele em casa da sobrinha, que mal sabia de sua vida.

Às vezes, ao passarem canoas descendo o rio, ele gritava dos cocurutos, pondo as mãos em concha sobre os lábios:

— Eh, compadre! Dê lembrança a quem perguntar por mim!

Um dia, circulou a nova da sua doença. Dera para inchar-lhe os pés, a despeito de umas fomentações que lhe haviam ensinado e ele fazia todas as noites.

Cirilo atribuía isso ao tempo que mudara repentinamente de uns dias para cá. Durante o dia, era aquele forno tremendo, o vento parado, o sol tinindo, e o ar dançando, que nem sobre brasas nalguma forja; ao passo que as madrugadas eram de bater o queixo, doer no “couro”, quando ele saía ao terreiro para alguma necessidade. Que diabo! Também aquilo já não era mais “tempo” para cristão suportar, de dia, um rescaldo dos infernos, durante a noite, uma friagem que só para sapo cururu.

Quem alarmara a coisa foi o velho Alcântara, fazendeiro daquelas bandas, que o fora visitar um domingo e dera com

aquela surpresa.

Cirilo sufocava aflito, bracejando no ar, o peito infletido, a boca aberta, como procurando algo, que lhe fugia.

Era na camarinha. O velho lavrador, sentado sobre uma espécie de tarimba, a um canto, tinha os pés estirados para a outra extremidade. Sobre um caixão, à cabeceira, um copo com água, com um grão de alho macerado no fundo. Era o seu remédio, último que lhe haviam ensinado, prometendo-lhe maravilhas, e que ele começara a tomar naquele dia. Tão grande era, porém, a sua esperança de melhoras, que contava prosseguir, no dia seguinte, na sua avassalante obra, coisa de nada, afinal, e que consistia em liquidar um pedaço de mato leviano que, quando muito rendesse, consumiria umas horas.

Após, o aceiro, que era o menos.

E eis que, finalmente, o seu grande roçado em ponto de ser queimado, com o pasmo de toda a gente que tanto o procurara desanimar.

Cinqüenta tarefas!

Mas, ah! Quando, dias antes, Cirilo o olhara, dos visos do terreno, e o vira exceder-se, terra em fora, naquela confusão de troncos e de galhos ressequidos, formando buraras garranchentas que pareciam estalar ao sol, que vontade que lhe não viera de chamar todo mundo para mostrar o valor do seu braço, a força do seu coração sempre firme, a energia do seu querer invencível.

E justamente, aí, era que lhe faltava a saúde, já tão perto do fim, tão perto!

Ainda teimou. Mas, Deus era testemunha de quantas vezes ele interrompera o seu trabalho, de momento, sentindo uma escuridão na vista, a cabeça à roda, precisando de apoiar-se a algum galho para não cair. Nas ascensões do terreno, que tinha de palmilhar, dia a dia, naquela lida brutal do seu braço contra a natureza hostil, que sacrifício que não era para ele conduzir-se, interrompendo o passo a todo momento, cansado, soltando

estos fortes do peito, sobre o qual cruzava as mãos, num gesto instintivo e sofredor.

Uma manhã, fora, então, demais. Subindo o aclave, chegara, mesmo, a cair, sem sentidos. Aí, foi que resolveu ficar uns dias em casa, na esperança de uma cura eficiente.

Como quer que fosse, no dia seguinte ao da visita do Alcântara, tinha deliberado retomar as suas ocupações.

Mas, o amigo previra a gravidade do seu estado e logo fez força de prendê-lo no leito por mais tempo. Escreveu à sobrinha. Diligenciou uma serviçal para lhe preparar as coisas.

A resposta da sobrinha foi a sua presença. Viera, também com ela, o doutor, que atinara com o mal ainda incipiente. O médico sorriu satisfeito, vendo confirmada, afinal, a finura da sua ciência.

Era a grande crise cardíaca que deflagrava!

Cirilo Bento desconversava de abandonar o seu teto, satisfazendo a vontade do esculápio, que era que ele fosse tratar-se na Vila. Será que aquilo não passava, uma vez ele medicado ali mesmo?

O facultativo insistia nas suas razões, mesmo porque Cirilo precisava de tomar muitas injeções, que só ele as poderia aplicar, ter dieta e o mais. De outra parte, a sobrinha batia o pé.

— Pois o senhor, dizia ela, há de morrer aqui sem ninguém por si, sem uma pessoa, que lhe dê os remédios à hora certa, prepare a sua dieta, acuda-o em qualquer dificuldade, meu tio?

Via-se que Cirilo tinha o seu pensamento preso aos trabalhos da sua roça.

— Ah! Ainda fazia, como voltando a si.

Houve um momento, em que as lágrimas se lhe precipitavam pela face abaixo.

— E a quem entregar tudo isso, menina? Obtemperava, quase soluçando, e apontando na direção da larga janela aberta para a imensidade verde.

Então, já dois homens o aguardavam lá fora, no terreiro,

para o conduzir na cadeira de braços, à qual haviam adaptado dois varais semelhantes aos de uma carroça. A sobrinha fê-los entrar, disposta a agir, mesmo à revelia do velho. O doutor fez um gesto. Queria primeiro aplicar uma injeção.

Seria onze horas. Fora, o sol, escaldava.

Quando, agasalhado no seu pala, sentado na cadeira que os homens conduziam, o velho descia a encosta, acompanhado dos amigos que tinham acorrido a sua casa, outras lágrimas fluíram, copiosas, pelo seu rosto abaixo, justamente, ao dar com os olhos sobre aquele pedaço de chão ressequido, onde estavam por terra os gigantes da floresta, num lastro de folhas mortas, espetando os ares com a garrancharia dos ramos cinéreos, que lembravam patas enormes de aranhas monstruosas, imóveis, na reverberação da luz intensa daquele dia — tudo, obra do seu labor, orgulho frutos do seu braço! Sim, pela primeira vez, Cirilo desesperançava de ter ainda saúde na vida.

E as suas roças verdes de cacau, como ele as imaginara, plantadas no compasso, sem um renovo, sem um ramo seco, um pé de cupim, bem rodadas e aceiradas, frutificando como nenhuma, dos troncos aos mais longínquos galhos — tudo isso, então, seria uma ilusão apenas, uma coisa que ele nunca chegaria a ver? Ah! Já agora ele dava a mão para o bolo, pois bem sabia que os seus dias estavam contados. Se, ao menos, tivesse a quem confiar a continuação da sua obra, um filho, um sobrinho, que fosse, alguém, em suma, que, tendo amor a seu nome tratasse as suas plantações com verdadeiro zelo e pudesse dizer, mais tarde, caminhando por debaixo delas, na companhia dos campônios : “Este roçado aqui foi obra do finado Cirilo, que o botou a golpes de machado, quando tinha, já, sessenta e cinco anos...”

Compreendendo a origem dos seus pensamentos, ainda o quis consolar a sobrinha, prometendo-lhe dias de saúde. Agora, o que era preciso era tratar-se, dizia. Porém, Cirilo sofria ainda mais, justamente, porque ia março em meio e o roçado estava a pique de perder-se, com a entrada iminente das chuvas,

se não fosse queimado naqueles poucos dias. Alcântara, que caminhava a seu lado, sempre prestativo, incumbira-se disso, pondo a sua disposição os seus empregados em qualquer dia que ele determinasse.

— Mas... suspirava Cirilo.

— Que é isso, meu tio? Que é que lhe falta ainda? Pelo que vejo, o senhor quer morrer com o machado na mão para as feras o comerem, interrompeu a sobrinha.

Cirilo, então, falou de um pedaço de mato, que ficara de derrubar, coisa que ele teria acabado, se Deus quisesse ter-lhe dado mais algumas horas...

Num frouxo de nervos, aí já não conteve mais o pranto e soluçou baixinho. Tinham chegado à beira do rio. Os remeiros eram os mesmos homens que o haviam trazido cinco meses atrás. Cirilo evocou o contraste daquela situação miserável, antes tão contente e cheio de esperanças, agora certo quase de que nunca mais tornaria para o trato dos seus rincões ásperos.

O tempo começou a mudar.

Um ventozinho entrou de encrespar a superfície do rio e vergar as copas altas erguidas pelas barrancas. O céu embaciara em instantes, cobrindo-se de uma como gaze froixelada, cinzenta. O sol sumira, como um olho de fogo, sobre um pego abismal de nuvens túrgidas, turvas, que moviam os seus grandes blocos plásticos como escuras peles lanugentas.

Espessos rolos varriam na amplidão, correndo como velas em alto mar, deformando-se em trombas, novelos, torreões imensos, e frocando vastamente o céu, onde um negrume parecia infiltrar-se.

Uma luminosidade baça esfumava agora os aspectos. Rabanavam lufadas, cada vez mais freqüentes, reboando um som cavo. E as grandes frondes ramalhavam, cabeceando guinadas pelos espaços, rangendo os galhos.

Trovejou. Rasgou um leque de fogo por trás dos negros

fumos erguidos lá longe, no horizonte.

Enfim, caíram os primeiros pingos. Veio um rumor mais forte pelos ares, a natureza agitou-se num estremeção isócrono, passou uma rajada monstruosa, tamborilou sobre as frondes e, à bruta, jorraram as águas do céu.

Cirilo fora colocado à meia nau, na canoa, sobre uma larga preguiçosa. Agasalhado bem, tinha um ar de compunção inconsolável no rosto, emergindo dentre as dobras da alta gola da “colonial” virada. Segurava o chapéu-de-chuva aberto, todo metido consigo mesmo. Respondia por monossílabos à sobrinha, que se abrigara, como tinha podido, dentro da canoa, como ressentido com ela.

A chuva fora um transtorno sério. Felizmente, o rio tinha tomado muita água, naqueles dois dias, com as águas de cima, e as pedras, agora, submersas todas, profundamente, permitiam o curso franco da embarcação.

Ao passar pela Cruz do Oricó, sobreveio-lhe um calafrio intenso. O médico tomou-lhe o pulso, aplicou-lhe o termômetro. Era febre alta. Cismou, fundamente, quando Cirilo gemeu à dor da primeira pontada.

Ao chegarem, a chuva tinha já passado. Curiosos da população se aglomeravam no “porto” e uma voz de criança comentou:

Ih, como está “seu” Cirilo diferente!

Entrou na casa da sobrinha, acompanhado do povo, agora deitado num velho sofá de jacarandá, conduzido por quatro homens. Riu-se o povo, a bom rir, quando Cirilo ordenou, em tom alto e cheio de energia:

Corre esta barçaça, Salústio, que vai chover! Põe fogo na estufa, Norberto, já!

Delirava. Ainda delirou muitos dias. Nas suas visões passavam, sempre, as suas paragens familiares, sítios que ele sonhara ubérrimos, onde as plantações cacaeiras eram motivo do seu êxtase, as folhas muito verdes, os seus frutos de ouro



carregados, dos troncos às copas; ou deixando-os cair ao corte das estroengas, que um trabalhador, de sob as árvores, fazia? decepar, “pof,” “pof,” enquanto outros os apanhavam, fazendo rumas, “embandeirando” o cacau, para a quebra e secagem.

Cirilo, então se punha a sorrir, banhado de gozo. Naquele sorriso, pairava-lhe todo o sonho vitorioso. O’ terras abençoadas as suas, parecia traduzir o gesto encantado que lhe aflorava no rosto. Como ele fora feliz as tendo comprado, cobrindo-as de sua lavoura, gabada em toda a redondeza, pela sua exuberância, pela fecundidade e pelo trato desvelado!

Enfim, melhorou. Mas trabalhou-lhe, sempre o espírito, aquela teimosia invencível, querendo retornar, a toda hora, às suas terras distantes... Tão de pressa que, a poder de digitalis e de drásticos, se lhe desinchavam os pés, e a dispnéia, que o sufocava, mitigava um pouco, soerguia-se no leito e declarava-se capaz de continuar a sua obra absorvente. Vinha, então, a sobrinha, que levantava os mesmos argumentos de cautela e repouso. O pior, porém, era que, no fim, não se sabia bem o que mais o maltratava, se ceder, se o contrariar, em nome das recomendações do facultativo.

Uma noite, a sua exigência foi determinante. Ou bem lhe davam as suas botas e o seu pala, e ele tornaria ao trato de sua propriedade, na canoa do Januário, no outro dia, pela madrugada, ou, custasse o que custasse, não tomaria mais uma só colher do remédio, nem tampouco prosseguiria com o regime, que já era um abuso, de leite, só leite!

Com este homem ninguém pode, rematou a sobrinha. Melhor deixá-lo!

E pelos primeiros alvares de um dia friorento, apoiado à longa bengala de pau cerne, Cirilo desceu as ruas do povoado ainda desertas. Ao alcançar o “porto”, sufocava. Quis desculpar-se daquilo, alegando o demorado repouso de tantos dias e a fraqueza decorrente da severa dieta, que lhe fora imposta.

Meteu-se na canoa, soltou um longo esto aliviado. Fez voltar a garrafa com leite que, à última hora, lhe enviara a sobrinha.

— Não, não estava mais para biquinhos, disse. Na volta do Oricó, iria, mas era aos pirões do compadre Ormino, como nos outros tempos, sem exclusividades de qualquer espécie. Arre! Há que tempos que não sabia o gosto de um nico de sal. Só leite, leite...

Quase delirou de raiva o médico, ao saber do procedimento de Cirilo. Enfim, o seu prognóstico foi logo extremo. Não dava nada pela vida dele. “Sua alma, sua palma”, sentenciou. Mesmo não garantia que ele atingiria o seu ponto de destino.

Com efeito, logo no outro dia, circulou a nova do grande desastre, trazida pelo Januário, que tudo narrava sem poder ocultar a sua própria emoção ante o transe afritivo.

E contava: — Logo depois do caldo, no almoço do Oricó, a ânsia aumentou uma coisa por demais, e cada vez mais, tomando-lhe o fôlego. Ele, Januário, bem que tinha querido retroceder para a Vila, onde havia mais recursos, mas Cirilo se pusera num gesto terminante e ia querendo contrariar-se. Todos bem viam que ele não podia desdobrar-se, dispensando-lhe certos cuidados, pois o rio estava puxando bem naquele dia. Até pensou, vendo que a coisa não cedia, de encostar a canoa um tempinho e coar-lhe, por ali, por alguma moradia da vizinhança, um bom gole de café forte, bem quente. Mas, “seu” Cirilo, só dominado pela idéia de chegar o mais depressa, não tinha querido, e mandou que ele adiantasse bem a viagem, de modo que alcançassem ainda com o dia o termo da jornada.

—Coitado — rematava o Januário, compungido. Ao subir o oiteiro, sempre querendo fazer-se forte, não pôde mais. Quando vi, não deu mais um passo. A cabeça bambeou de uma vez, enquanto as pernas vergaram como se fossem se ajoelhar. Parece que ainda estou a vê-lo, apesar da ânsia que o atormentava, rindo de alegre, quando, vencido o banco do Pontal, surgiu o ribeirão

da divisa: “Minhas terras! Deus louvado, cheguei com vida”...

Então, concentrava-se e, depois, uma sorte de comentário íntimo, evocativo, ainda fazia.

—Nunca pensei! Tantos malandros que não morrem, vivendo só praticando o mal. Coitado! Já ao subir no oiteiro, bambeou-lhe a cabeça.

## DUAS MORTES

No povoado dos Cágados. Noite alta.

O mateiro acabava de chegar do centro da Piabanha, um pobre lugarejo da redondeza, numa abalada doida, e foi chegando e indagando da residência do médico a um notívago, que o acaso lhe deparou. E lá apeou, vibrando fortes pancadas à porta, frenético.

Mal tinha o médico aberto a porta, e ouvia, já, o irrecorrível apelo: O senhor é “seu” doutor Esperidião? E sem esperar resposta: — Doutor, salve o homem pela Santa Misericórdia! É sempre um cristão que está se finando e, como vosmecê sabe, não existe outro médico no lugar.

O homem falava com ar desensofrido e aflito, todo cheio de gestos, parando por vezes de falar, a tomar fôlego.

Situação, essa, que o doutor nem por nada deste mundo desejava! Uma noite assim, àquelas horas... De mais a mais, do que menos estava ele cuidando, desde os dois meses que chegara aos Cágados, era de clínica. Era outro bem diverso seu interesse, e consistia na compra de uma fazenda cacauieira da vizinhança, já se ultimando.

Esperidião tinha deliberado abandonar a profissão, que lhe proporcionara menos proventos do que dissabores, trocando-a pela de fazendeiro.

Com esse propósito, nem tinha anunciado clínica ao chegar ali. Não desejava, tão pouco, em quaisquer circunstâncias, exercê-la jamais. Pudesse e, agora, se despojaría, gostosamente, do seu pergaminho...

Mas não foi assim que o semanário da sede do município, “O Rio-Contense”, anunciara, logo, a sua presença nos Cágados. Gente da Colônia, da cidade de Palha, do Banco... Inutilmente, Esperidião ia opondo sempre evasivas, alegando isso e aquilo. Que não tinha sequer, um termômetro, dizia; um bisturi; uma sonda; um trocarre; as coisas mais elementares, em suma, para o exercício da profissão.

Mas o povo continuava a importuná-lo, seguidamente, e cada vez mais.

Cansado, acabou cedendo. E tudo foi propinar vermífugos e carminativos anódino, poções antifebris, numa conduta displacente, em que não empenhava o mínimo rigor consigo mesmo...

Passou, então, a receitar a granel, o Ankilol, o Elixir de Mamão, a Febrolina. E dizia a todo momento:

— Não estou aqui sendo médico. Vocês todos sabem que estou é em negócios com a fazenda do Cristiano Santos. Façam de conta que não estou aqui. Quero, agora, é ser fazendeiro.

Fosse lá como fosse, o fato é que o povo se ia dando bem com as receitas do esculápio. Cada vez menos, compreendiam como era que um “doutor daqueles” não queria ser mais médico para ir ser fazendeiro. Ora dá-se!

Era comum a frase:

— Um médico tão “bão”. Cristão que aquele não salvar, nem Deus com gancho.

Esperidião achava-se de luto por esse tempo.

Um dia, correu a notícia de que todo o seu desgosto com a sua carreira datava do dia em que não tinha podido salvar o próprio pai, baleado numa emboscada, no ventre, e que fora encontrado sem sentidos, à margem da estrada, saqueado do seu relógio e dinheiro, com a sua montada à pequena distância como um cão fiel. O criminoso ficara completamente impune e desconhecido.

O velho nunca mais tinha podido falar depois daquilo,

morrendo daí a dois dias.

Isso acontecera no município de Caeteté, onde moravam.

Suspeitou-se, em princípio, de que ali houvesse algum ranço de política, a que o pai se entregava com certo entusiasmo. Mas, as suas desafeições não davam para tanto. Afinal de contas, o velho era um homem bastante de bem, amigo da pobreza, sem orgulho, serviçal para com todos. Os próprios adversários o tratavam com um respeito que não era moeda corrente nas relações entre adversários na luta de “partidos” daqueles remotos e apagados meios.

Por tudo isso, não se deu com o começo de um fio, que levasse à pista daquele crime.

Esperidião era filho único. Com a morte do velho, ficara só. A mãe, essa, perdera-a em tenra idade, num desastre na passagem de uma balsa, em que fraturara o crânio, para logo morrer.

Depois do assassinio do pai, a vida em Caeteté só lhe acordava recordações amargas. Diligenciou, depressa, acabar com tudo de seu.

Findo o inventário, desfez-se de todos os bens herdados — algumas casas, uma fazenda de criação, uns lotes de terreno ali na Cidade.

Esperidião sempre olhara a fazenda do pai com pessimismo, devido aos estragos do berne, contra os quais nunca tinha podido nada. Também, de vez em quando, cinco, seis reses, de vez, amanheciam arrastando-se dos quartos. Depressa morriam.

E a aftosa? Outra praga...

Uma noite abrindo o “Diário de Notícias”, da capital, deparou-se-lhe um escrito sobre a lavoura cacaueira baiana, cuja prosperidade, naqueles últimos anos, se assinalava por cifras formidáveis.

Boa idéia. Esperidião lembrou-se, nessa hora, de um seu colega, de quem tinha sabido, ainda há pouco, achar-se em

ótimas condições, como fazendeiro de cacau, que se fizera no lugar Pirangí<sup>1</sup>, município de Ilhéus.

Nasceu daí a sua resolução. Abalou, afinal, àquele destino.

Foi já em Ilhéus, que o velho companheiro de estudos lhe indicou aquela oportunidade, que o levou aos Cágados, o que tinha lido num anúncio, dias antes, no “O Rio-Contense”. Felizmente ainda encontrou à mão o exemplar. O anúncio rezava; “Vende-se uma fazenda possuindo trinta mil cacauzeiros novos e frutíferos; duas boas barcaças para secar cacau e boa estufa; pasto cercado de arame farpado com oito tarefas de capim “sempre verde”; seis balcões para secagem e dois grandes cochos de fermentação. Em zona de grande futuro, servida em breve por estrada de ferro. O motivo será explicado ao interessado. Pelo justo valor” .

Tomou o trem uma manhã até Água Preta, onde pernitoitou. Por estradas péssimas, no outro dia, seguiu para Itapira.

Era dezembro. Um sol de rachar. Achou admiráveis as plantações da fazenda Santa Cruz, do Vital Soares, muito verdes, sob o sol incandescente.

Até lembrou-lhe o verso de Martins Fontes, que recordou mentalmente:

“Uma esmeralda a arder, dentro de um aro de ouro”.

Aquilo valia bem seus oitocentos contos, como ainda recentemente lhe tinha oferecido uma firma americana.

À tardinha, chegava a Itapira. Agora, faltavam só três léguas para termo de seu destino. Tirou-as no outro dia, viajando com cedo.

Diabo de caminhos! Nunca mais lhe saíra da cabeça aquele trecho pedregulhoso da fazenda da viúva. Iria, que era, além de cheio de voltas e de barrocais, em pleno ascenso sempre, um

---

<sup>1</sup> Hoje, Itajuípe.



bom quarto de hora para mais.

Mas, em compensação, ao alcançar o vértice da ladeira, dali se descortinava um dos mais belos e mais vastos panoramas que jamais caíram debaixo dos olhos. Até a Cruz do Oricó, uma légua mais para trás, erguia-se no fundo, no alto de um grande morro. E outros morros e planaltos, e vales, tudo verde, sob a pulverização luminosa do dia esbrasador, levantavam-se de todos os lados, dobrando o terreno a perder de vista...

Em certa direção, lá baixo, um ponteadado de casas: tetos, fachadas, frondes de laranjeiras, quintais.

Aquilo eram os Cágados. Chegava. Ia já dois meses.

Quando, naquela noite, o esculápio fora despertado, decorria o primeiro aniversário da morte paterna. Todo aquele dia consagrara-o às mais caras evocações sentimentais da sua nobre figura, que se lhe desenhava ainda à memória tal qual fora em vida, traço a traço, e ainda nos gestos. E nem tinha mesmo saído à rua, em sinal de pesar, para melhor viver essas lembranças.

Quis recusar, no primeiro momento, ao chamado, alegando a hora adiantada da noite, acreditando que o caso carecia de maior importância.

Porém, aí, o portador carregou nas cores e repetiu a frase:

— É sempre um cristão que está morrendo. Pelo amor de seu pai!

“Pelo amor de seu pai” Aquilo lhe calou fundo. Esperidião concentrou-se. Bem merecia a memória de seu pai aquele sacrifício! Deus que o cobrisse de graças!

Olhou profundamente a noite.

No pretume da noite não se via nada. Só a voz rumorosa do rio rolando soturna e igual. Todas as casas do povoado estavam já fechadas. Cem metros adiante começava o agreste, apertado caminho torcicoloso e sem nível certo, e que muitas vezes seguia colado às cercas de arame farpado.

O médico mediu, num relance, todos os riscos e penas de

uma viagem por uma noite daquelas. Mas o mateiro, outra vez, soltava a mesma invocação de há pouco:

“Pelo amor de seu pai!”

A dois passos demorava um burro debaixo dos arreios, que nitriu. O animal era excelente, informou o mateiro, e muito conhecedor dos caminhos. Era um pé lá e outro cá.

Que homenagem melhor à memória de seu pai do que aquele sacrifício? Decidiu-se. Foi, um instante, a um canto da sala, à sua mesa, abriu uma gaveta, pôs alguns objetos no bolso, a sua seringa, num estojo metálico, uma caixa de ampolas sortidas, outros nadas julgados necessários. Afinal, tomou o chapéu, pôs uma capa, virando a gola do paletó, por causa do friozinho que fazia lá fora, saiu, deu volta à chave.

Cavalgou depressa. O portador, aos pulos simiescos, ia na frente, palmilhando a estrada.

Assim, duas horas, na paz profunda da noite, só quebrada, a espaços, pelas vozes arrepiantes da mata.

No coió, escassamente alumiado por uma lamparina a que-rosene, sobre um toscó girau, entre molambos sujos, um sujeito acaboclado delirava. Pedacos de frase. Nomes desconhecidos. As mãos borboleteando no ar, olhos esbugalhados.

Muitos curiosos enchendo o aposento. Homens da lavoura.

Aproximando-se, o médico encarou-lhe a fácies num jeito perquiridor, mas o homem amarfanhando as barbas com os dedos trêmulos, que meteu pela cara, atufou-se, logo, entre os nauseabundos trapos, respirando opresso.

Era evidente a pressa com que estava o médico. Tomou-lhe, ligeiramente, o pulso. Encostou-lhe o dorso da mão, na face, revolvendo nos panos, como para aferir-lhe a temperatura. Atentou-lhe, um instante, na respiração.

Percutiu-lhe, ainda, o ventre, sumariamente. Por fim, sempre a correr, descansou o ouvido sobre o peito e o coração

do enfermo, levantando-o, ele próprio, na cama, com o auxílio de outros circunstantes, que intervieram solícitos.

Ninguém informava bem o começo daquilo. Era certo que o homem caíra de chofre, pois, ainda na véspera, tinha andado a campear um animal sumido e, com a boca da noite, regressara são. O portador do chamado fora que, entrando ali, no outro dia, para dar um dedo de prosa com ele, encontrara-o ardendo em febre e vomitando verde. Uma hora, até, como que o vira desmaiar. Foi quando, vendo as coisas feias, tinha ido chamá-lo. O esculápio ouviu-o e depois:

— Paludismo. Não parece outra coisa. Uma boa dose de quinino e isto passará.

Para um ângulo da sala caminhou junto a um caixão armado em mesa sobre os pés de galhos de árvore. E, de costas para a luz fosca, foi dispendo atabalhoadamente a seringa e a caixa de empoas sortidas. Pediu após alguma cachaça, que lhe foi, prontamente, trazida, dentro de uma garrafa, que havia em casa, e algodão, que logo diligenciaram lá por dentro.

Com o líquido, que entornou na pequena cuba de metal, até enchê-la, lavou a seringa, com alguns movimentos do êmbolo, e o expulsando por fim num jato fino para o ar, que desenhou um semicírculo. Com o algodão, fez uma breve tocha, onde flambou a agulha — tudo muito ligeiro, numa esterilização precária.

Num relance, à luz baça, mergulhou a mão dentro da caixa aberta de empoas, e aspirou uma e depois outra, guardando-as, vazias, por um hábito, no meio das outras.

Injetou na veia.

Tudo isso passou-se em momentos. Saiu. E já da porta da rua: Dei-lhe uma dose dupla. As melhoras virão. Qualquer novidade o informassem.

Cavalgou de novo. Agora, já havia um farrapo de luar, que se esboçava vagamente no céu turvo.

O médico esporeou o animal, que encheu a noite de tons bulhentos. O jornalista ficou de ir buscar a montada no outro dia.

Só agora, a mercê de surpresas, o facultativo enfrentava a estrada inóspita. De repente, acordaram-lhe recordações. Foi numa noite assim, que o pai tinha saído, quando o assassinaram. Fazia um ano. Deus que o tivesse em bom lugar. E punisse o miserável...

Tomou-se de um sentimento aflitivo, a essas lembranças penosas, ao transpor um fechado, defeso completamente dos raios do luar tímido. Como até que vira deslizar um vulto amortalhado, cujo pensamento afastou depressa, pensando fosse alguma laranjeira florida das beiradas.

Cedo, no outro dia, surgiu o portador da véspera. O homem tinha morrido, informara.

— Vosmecê não tinha andado muito, quando ele se inteiriçou todo. Deu mais uns estremeções, a modo de víbora quando se lhe pisa na cabeça e... pronto. Ficou como era uma pedra: teso, teso, teso. Os dedos, então, pareciam que queriam esgadanhar tudo, feito garras de gavião quando descem sobre as criações. Cruzes!

Esperidião achou aquilo tudo muito esquisito. Fez-lhe outras perguntas. O mateiro só soube responder que ninguém conhecia bem o homem. Chegou, ali, um dia, sem ninguém de seu, como qualquer macaqueiro, procurando emprego. Ele fizera uma certa convivência com ele, porque, falar verdade, o homem tinha boa prosa no contar dos “causos”.

Sempre lhe tinha dito que era da cidade da Barra, no Rio São Francisco, de onde ganhara o sul, desde muito tempo. Mas, agora, na sua doença, quando variava, tinha revelado outra coisa, parecendo que tinha vindo do Caeteté, pois, no seu delírio, muitas vezes, lhe saíra esse nome dos lábios, a par de muito perdão que implorava, parecendo que era criminoso de alguma morte... E

deixou algum dinheiro, na guaiaca, ninguém sabe bem quanto, mas parece que vai a uns dois contos, e foi arrecadado pelo sub-delegado, que é um homem de bem e sabe o que deve fazer...

Esperidião teve uma intuição reveladora de tudo, em meio da conversa, sentindo um grande choque, ao mesmo tempo que lhe passava uma espécie de nuvem pelos olhos, que o fez tontear. Seria aquilo possível?

Já calmo, cresceu a sua convicção. Era o bandido mesmo. O malfeitor estava agora era de barbas grandes e desfigurado pela febre alta.

Esperidião até achara qualquer coisa de vago, naquela cara, às suas reminiscências.

Por sua vez, o celerado tinha escondido o rosto.

Era “ele” mesmo. Aquele indivíduo andara pelo Caeteté. Vira-o uma ou duas vezes. Depois, se sumira. Justamente quando se deu o assassinato do pai.

Esperidião estranhou, porém, as seqüências da sua atuação clínica no caso, culminadas naquela morte convulsivante. Aquilo parecia um envenenamento pela estriquinina. Seria possível?

De momento, lembrou-se das empolas vazias guardadas na caixa. Seria possível? Foi verificá-lo.

Sim, o homem fora envenenado. Ele se enganara injetando-lhe duas empolas de estriquinina. Não sabia bem explicar-se a si próprio como isso fora, porém a coisa tinha sido isso mesmo, nada mais, nada menos.

O dedo de Deus, de que tanto fala o povo!

Em boa consciência, Esperidião achava-se tranqüilo.

Tornou a recordar a visão que entrevira no seu regresso. Não fora somente isso. Já ao dar as costas, uma voz parecia que o confortava pelo dever cumprido e lhe falava, dentro, tratando-o de “meu filho”...

Agora, cada vez mais calmo, tinha-se sentado, na sua cadeira rotatória, e, de pernas cruzadas, esboçava um sorriso,

quase de gozo.

Houve um ligeiro silêncio. Depois o mateiro ainda lhe perguntou que moléstia tão esquisita fora aquela.

O doutor ia fazer uma digressão científica sobre formas perniciosas do paludismo, mas lembrou-se onde estava e com quem falava. E, então, apenas, respondeu-lhe que isso são coisas que, às vezes acontecem, na evolução — e foi logo emendando o termo ininteligível para o rústico — na duração das doenças...

# RAPSÓDIA DO RIO

Na aba da Serra do Brumado, que se ergue como a cintar a espessura brava da mata, crescendo em anfiteatro, nasce o rio.

Léguas em redor, arraiais, casas esparsas, povoando os longos sítios ermos espalhados na bárbara extensão que parece não ter mais fim.

Ao princípio, fio escasso, tergiversando o curso amiúde, ante as menores efflorescências do solo — tufos, lajes abrolhantes, algum tronco por terra — o rio é um pobre acidente, perdido em meio à natureza maravilhosa que o circunda.

Mas, à curta, a viagem, retrai-se-lhe o chão, em face. E pedrento e impermeável, escava-se-lhe, côncavo, que é ver um fundo de taça.

Na vasta piscina que a natureza formou, coleta-se agora a água do humilde fio. Em torno, recortando as margens denteadas um círculo irregular de grandes calhaus. Parasitas, festões, feito um véu por cima, vestem-lhe a aspereza. E sobre o tecido alegre de folhas, floração multicolor: cachos, umbelas, corolas... A mata, aí, abre uma clareira. E alteia-se, em redor, verde-escuro, compacta.

A “Lagoa do Divino”, como lhe chama o povo, é ver, agora, um grande crisólito liquefeito, com uns trêmulos de ouro e verde na superfície que lhe comunica o aspecto da folhagem à roda, refratando a luz.

A sua água possui virtudes miríficas, crê a gente rústica.

E tempos a tempos, em animados ranchos que são requintes



de um primitivismo nômade e panteísta, vencendo asperezas de socavões e de grotas, desfrançando trechos enredados do caminho, homens, mulheres, muita vez conduzindo filhos pequenos, demandam aquela paragem de maravilha.

Chegam, ajoelham-se-lhe às bordas, e sorvem-lhe a água puríssima — fria como orvalho da manhã, límpida como o cristal — dentro das mãos em concha ou verdes palmas de silvestres crótons que lhe crescem em torno.

O rio nasce, aí, a rigor. Galgada uma riba, à jusante, desprende-se-lhe, então, verdadeiramente, o primeiro sussurro audível. E não se lhe perde mais, como há pouco, diante dos empeços, a traça segura e firme.

Sobre o cariz ondulado do solo, como uma fita algente e trêmula, marulhoso, serpejante, à sombra espessa da floresta espessa, com raras abertas, entremostrando nesgas do céu, o incipiente caudal vai fluindo através da vasta e soturna planície, desdobrada em frente. Vence, assim, longas etapas, tranqüilíssimo, imperturbável. Mas, como quem se arrasta ainda com enorme esforço, mal fazendo oscilar as frágeis ervinhas que lhe rastreiam a frouxa correnteza. Apesar disso, cresceu.

Só muito para diante, cava-se-lhe um leito fundo entre vertentes audazes, que campeiam as nuvens. Enormes fossos de ribeirões enormes vêm, agora, a espaços, reunir os seus mansos e esquivos sussurros à voz grave que se lhe arrasta nas vagas compassadas.

Superfícies granitosas, de uma cor suja cinzenta, dão-lhe, então, em crescer pelo leito, como abortadas ilhas ou cágados enormes, imotos.

Já o rio fragojeja sempre, soturno, parecendo rouco, de embate a embate, nas corredeiras, pelas cachoeiras...

Nesse tempo, pode que as águas lhe subam sem gradações perceptíveis, de um golpe inopinado e abrupto, três, cinco metros e mais, como se o soprassem por baixo.

Foi a cheia. Os profissionais do machado lhe atiram, então, por cima, amarrados uns com os outros, embalsados, postes de madeira de lei, esteios, pés direitos, barrotes, que vogam à flor da correnteza sugerindo desarvorados tombadilhos de embarcações malfadadas, boiando ao léu, água abaixo.

É a madeira que desce, em demanda de algum centro comercial da região, sobre o dorso do rio, agora farto e forçado.

Mas sempre o superam, ainda, firmes, sobranceiras, as altas endurecidas ribas, que lhe delimitam o leito, dentro no qual ora esbraveja, rugindo surdo, como um touro acuado.

Só um dia (faz muitos anos) o rio transbordou, levando a todos o pânico.

Por aqueles tempos, em Taquaras, tinha surgido uma devota, que se dizia em missão piedosa, espalhando o “Amor Divino” entre as almas.

Trazia consigo bentinhos, patuás, registros de santos, em todos os tamanhos, folhetos mercenários de rezas. Alugara uma casa, e promoveu terço, a que todos acorriam, cheios de grande animação.

À noitinha, começavam a chegar os convivas que se iam abancando na meia sombra do corredor, ou nos ângulos da sala de jantar, espalhando-se alguns, mesmo, por outras dependências.

Com pouca demora, aquela fala meio esganiçada, a devota batia palmas, reunindo os presentes, e os encaminhando para a alcova, onde estava armado o altar. Era um debulhar, então, de orações estropiadas, sem forma nem prosódias, que ela tirava, num entono de oficiante, quase enfática. De permeio, cânticos vulgares e enfadonhos, numa música frouxa e arrastada.

As moças, por uns bons quartos de hora, se desgarravam dos namorados, distanciados em grupos à parte, tecendo com eles olhares incendidos de desejos, que trocavam a todo instante.

O aposento tresandava um cheiro forte de epidermes suando, no ambiente cálido e parado.

Terminada a reza, era o café, os jogos de prendas, as danças.

Só por volta das dez, na escuridão profunda das ruas sem luzes, começavam a dispersar-se os namorados apaixonados. Estalavam beijos pela treva. Os pares se enlaçavam, apertando-se muito, pelos caminhos escusos. Nervosas, crispando-se os dedos, as mãos se davam.

Mais tarde foram surgindo os casos.

A Adélia, púbere e linda, filha de um casal de quem era toda a riqueza e alegria do mundo, uma noite abandonou os carinhos dos pais, fugindo na companhia de um viajante, surto no lugar, de quem a beata protegia os amores. A Eulina, outra, desde que fora vista, por horas velhas, pelos araticuns da vizinhança, após o terço, também ficou logo perdida na boca do mundo, falada, com o Zé Guilherme que, por mal dos seus pecados, era casado. E quando, não tardou muito, sumiu-se clandestinamente do lugar, não faltou quem afirmasse, pondo os dedos em cruz na boca, que tinha ido encobrir o fruto do próprio erro, noutra parte, deixando a família afogada em tanta vergonha e desgosto, que teve de mudar de terra.

Quem fosse, afinal, a devota, suas origens, o meio de que provinha, isso nunca fora ao certo apurado — nem, de fato, ao chegar no lugar, constituiu objeto de preocupação de quem quer que fosse. Porém, agora, com os sucessos, já surgira um certo empenho em esmerilhar as coisas. Não resultara disso, no entanto, mais do que suspeitas, informações vagas e desarmônicas, nem sempre aceitáveis, o que acabou redundando numa verdadeira biografia, com sabor de lenda, da ádvena.

Fosse como fosse, vinda do interior do Espírito Santo, como diziam, ou de outra parte qualquer, antiga cartomante de São Salvador, onde usava outro nome, ficava bem à Cipriana — era esse o seu nome — uma legenda de bruxa; alta e esgrouviada, aquele riso satânico repuxando muito as commissuras dos lábios, prognata, os dentes à mostra.

Mas foi desse jeito que se insinuou na confiança geral, quando ali chegou, sem profissão certa, ia já algum tempo.

Ah! Mal empregada confiança, todos, agora, lamentavam, com os primeiros exemplos...

Na primeira missa do mês, Padre Leonardo, vigário da Freguesia, de que estivera longas semanas ausente, na sede da Diocese, apenas chegado e logo sabedor de tudo, verberou, escandalizado, tanta dissolução no meio do seu rebanho, depois que fora promovido aquele terço afrontoso a Deus.

Falou das falsas adorações místicas, citando o episódio bíblico do Bezerro de Ouro. Pintou, inflamado, em gestos de indignado assomo, as penas terríveis baixadas sobre Sodoma e Gomorra, a arderem, sem apelações possíveis, sob as línguas de fogo, caídas do céu, que as devoraram.

Desde então, a Cipriana passou a viver insulada, como um ente maldito de quem todos fugiam, como de um cão gafeiro. Cresceu com os dias a sua fama lendária.

Quando diziam: a “excomungada”, a “perdida”, a “mensageiras do demo” — já se sabia com quem era.

A proprietária da casa, em que morava, começou, logo, a pedir-lhe a chave, com dobrada insistência. Acabou, porém, desistindo. Primeiro, porque a Cipriana não encontrou quem lhe alugasse outra. Segundo, porque a casa ficara “inutilizada”, como todos diziam, com semelhante inquilino.

E, assim, a Cipriana foi continuando a viver em Taquaras. Só quem a visitava ainda era a Vitalina, uma quarentona amulatada, de carnes moles, que já possuía, ali, um bordel de baixa escala.

Cipriana, agora, muito raro, abalava-se a sair de casa, temendo a assuada dos garotos que, agachando-se e com toda a força dos pulmões, lhe atiravam os eternos conjuros:

— Pé de pato! Enviada do demônio! Muda de terra, cão!  
Por último, sumira-se de uma vez. Constará que andara

entrevada, arrastando-se com enorme esforço por dentro de casa, e era Vitalina quem lhe servia de enfermeira.

Uma noite, a desoras, fora vista uma mulher vagando por sítios agrestes da vizinhança. Logo se espalhou que era ela que, à noite, virava mula-sem-cabeça.

Mas, foi, cada vez mais, sendo esquecida. Agora, quase só era lembrada quando ocorria vir à conversa algum fato que se prendia ao seu terço condenado. Ou, então, quando eram vistos pela rua, vergados ao peso da idade, imersos numa profunda tristeza, os pobres pais da Adélia, de quem jamais tiveram a mínima notícia e por quem ainda choravam, inconsoláveis.

Um dia, por fim da tarde, o tempo mudou bruscamente. Sobre picos e corcovas de serras, reboaram vozes roucas de trovões. Listrões ígneos, sulfurinos, rasgaram as alturas cinerais.

Por fim, fundiram-se os céus, e a água caiu pesadamente.

O povo recolhera-se cedo e, agora, acompanhava o que ia fora, através do embate das grandes bâtegas sobre os telhados, o rumor das enxurradas pelas coxilhas e vertentes próximas, o estrupido dos trovões, que não aplacava.

E a chuva entrou, pelo outro dia, no mesmo teor.

Senão quando, por horas velhas, escachoaram as águas. O povo, vira-se, de momento, dentro d'água e, às cegas, na mais profunda treva, saía à rua com candeeiros às mãos.

Com a ventania, que soprava forte, em lufadas, uma empós da outra, logo se apagavam as luzes, com que tentavam dirigir-se lá fora.

Havia choros de crianças, imprecações de mães em desespero, a par de vozes que animavam:

— Deus é bom pai. No fim, tudo acaba bem, em paz e a salvamento.

O povoado estendia-se, no chão raso, ao longo do rio. Fora, de repente, atingido. Não levou muito para que ruíssem as primeiras casas. Ruíam, também, em pesados baques, velhas ár-

vores, que antes se aprumavam pelas barrancas do rio, solapadas.

O recurso, agora, era o grande Morro do Chapéu, que se erguia à direita.

Com a invasão das águas, foram-se movimentando canoas, que surgiam daqui, dali, farolando na treva, e eram disputadas pelas famílias como tábuas de salvação, superlotadas, rumo ao morro.

Dentro da escuridão da noite, os grandes e fumegantes archotes, que lhes tinham plantado à popa, acendiam, na água, trêmulos e irisados reflexos que se abriam em leque, quais enormes caudas de pavões passeando no líquido estendal.

A trouxe-mouxe todos foram habitar o Oiteiro.

Só na manhã seguinte o tempo clareou. E vira-se o amplo lençol fluído, crescendo por todos os lados e, muito além da mãe do rio, manchas verdes, de frondes, com os troncos completamente submersos, e que se prolongavam através das águas formando caprichosas figuras.

Em meio à alvura das fachadas, destacavam-se claros esborcinados, como dentes cariados entre dentes sãos. No arruado da Cipriana, só a casa da segregada fora poupada. Vissem só. Até as águas como recuavam ao chegar perto da morada da maldita. Verdade que, ali, o terreno se empinava um tanto. Mas, ao pé, muitas casas tinham aluído, já.

Com o tempo, veio a calma. Comentavam, agora, os sustos do primeiro momento. Lembrou-se a profecia do Padre, durante a sua inflamada prática.

Fazia justamente um ano, no dia do transbordo. Ah! Ele bem que tinha dito que os castigos da Divindade podiam tardar, mas sempre acabavam chegando.

Podiam era variar de meios. Para Sodoma e Gomorra, foram rubras línguas de fogo. Para as suas ovelhas tresmalhadas, bem podia ser água, muita água, que punisse os culpados e os que, por tolerância imperdoável, não combatiam a impiedade, como era do seu rigoroso dever.

O Padre tinha tido toda a razão. Fazia certinho um ano. O fato é que era a primeira vez que sucedia aquilo.

O povo, em peso, todos como uma só voz, malsinava, agora, a devota, cobrindo-a de horríveis epítetos, fazendo cruces, como se fosse ela a causadora da enchente, que só podia ser um castigo motivado por aquele terço sacrílego, que felizmente tinham acabado já.

Tremiam de raiva, de rancor, contra ela, projetando vinganças.

Então, as águas já lhe ilhavam a casa.

Gente, em penca, tinha ido postar-se nas imediações daquele retiro forçado, aglomerada pelos terrenos dos fundos, ou espalhando-se sobre um montículo, em frente, que ficara reduzido a uma ilhota, e que se alcançava com água pelos joelhos. E outros vinham chegando sempre, engrossando a irrequieta massa. Faziam berreiro, de plano, aguardando o quer que fosse.

De repente, um estralejar medonho de esteios, ripas e vigamentos, e toda a casa se deformou por um dos lados. E ainda oscilou. Foi vista a devota espiar, timidamente, a uma janela, mas, ante a investida geral, crescendo como um rugido, recuou num átimo.

Outra vez se repetiu o estranho rumor numa sorte de descarga rapidíssima. E a casa se projetou, em cheio, sobre o solo, com telhas e tudo.

O povo, então, correu a ver de perto a coisa.

Nada mais feio! A devota fora atingida, na frente, por uma viga mestra. O rosto, inundado em sangue, ainda sob a peça assassina, ficara reduzido a uma massa pastosa, que causava arrepio ver.

Houve, para logo, um clamor de aleluia rompida, um agitar compulsivo de braços para o ar, e todos debandaram, em chusma, aos pinchos: os da ilhota, já correndo no rumo da terra firme espandando água por todos os lados; os outros,

montando pelo ladeirado estendido por detrás, a corcovetearem, por ali fora, como poltros esporeados. Sem demora, já se buscavam outra vez, rodando, agora presos pelas mãos, umas voltas saltitantes, de um para o outro, perdendo-se o equilíbrio, muita vez; rebolando-se por puro gozo, algazarrando sempre, congratulando-se em loucos abraços, esfuziando com chufas, como crianças vingadas.

Mais que depressa, um, vadeando através do tremembé, afogado até os peitos, ganhara em direção à igreja que, afinal, alcançou, e agora, freneticamente, metalizava sons festivos pelos espaços. Ouvindo o estranho alarido, a gente do Morro do Chapéu acudiu, surgindo pelos cabeços.

Trocaram-se vozes do alto e da planície, e logo o mesmo contágio de regozijo sacudiu o pessoal do Oiteiro.

Padre Leonardo apareceu também, a breve trecho.

Todos rojados a seus pés, o profeta!

Então, tinham todos, já, acordado soltar o cadáver ao léu do rio, depois de embalsado. O sacerdote externou-se calmo e paternal:

— Fora ela, era bem verdade, só ela, a quem deviam aquela situação desgraçada, em que se viam assim, lançados ao tempo, feito bichos, vivendo pelos montes, com filhos pequenos. A punição, porém, fora a mais rigorosa, já, com a triste morte... “E os mortos não nos pertencem”, acentuou, concluindo por falar em “enterro”, no meio da frieza espantada de todos.

— Como é, “seu” Padre, e eu fico com o meu trabalho perdido? Indagou um, que trazia um molho de estacas sobre os ombros, no mesmo passo em que as atirava, com grande estrépito no chão.

Naquele silêncio constrangido que se fizera, não se ocultava a decepção de tantas cóleras dantes irmanadas para um objetivo certo, cujo cumprimento era alívio e satisfação indeclináveis.

Nesse dia, porém, Padre Leonardo crescera muito. E tive-



ram por isso de ceder, embora com pena, resmungando por gestos.

E iam as pessoas, já, cabeças baixas, dispersando-se, quando acudiu ao espírito do sacerdote um derivativo àquela expansão que assim acabavam tão murchamente.

Então, Padre Leonardo, à voz de “Venham cá de novo”, reuniu-os todos e lembrou-lhes a melhor oferenda a Deus: — Plantassem uma Santa Cruz no pico do Morro do Chapéu, em ação de graças e temor de Deus.

Dominadora e negra, destacada no azul, lá está ela, hoje, a grande cruz votiva, que ainda lembra e sempre lembrará o nome do santo Padre Leonardo que, em dias que já passaram, salvando tantas ovelhas tresmalhadas, pregou a palavra divina naquele majestoso trecho do Rio de Contas.

É para que Deus guarde aquela pobre gente cansada de sofrer das criaturas ruins do mundo, para que os bons não paguem pelos pecadores.

## O CACAU E O FAZENDEIRO

Era simples, antigamente, ser fazendeiro de cacau. O pequeno, esse, já possuía denominação diferente, própria: burareiro. Mas era desse que nascia aquele.

As terras eram fartas, ao abandono, por toda parte. O sujeito vinha do litoral, entrava às terras. Plantava, dava. Em seu redor dominava o seu trato de terreno, que ia balizando. O que chegava depois, fazia o mesmo, sem barulho, sem conflitos de fronteiras. O invasor, de seu, só trazia uma coisa, afora a família: sua disposição de trabalhar, deitar roça.

Outros vieram, depois, de mais longe: de Sergipe, da caatinga, do São Francisco.

Sim, havia o comércio. O pequeno lavrador fazia a sua compra, acertava pagar com o cacau, quando o colhesse. Fazia, assim, a sua conta. Cacau, é bom saber, só dá colheita depois de cinco anos. Então, aos primeiros frutos, aquela conta já havia crescido bastante, com juros e tudo. De modo que o burareiro, ao estrear como produtor, é já um endividado. Assim, a conta vai envelhecendo e, um dia, o comerciante fala em tomar uma promissória. O burareiro, que não é um mal intencionado, firma o documento, com vencimento certo. Aí, então, já embola com o que cresceu com novos fornecimentos. A promissória abre margem para uma proposta do credor: comprar-lhe a propriedade. O simplório pensa. É a única saída mesmo. Vender, abrir nova roça, onde Deus for servido. Assim, ao menos, livra-se daquela dor de cabeça de dever sem poder pagar. Terras ainda

as há mais longe. Muda-se, com a família. E, assim, surgirá mais uma nova burara por aquelas terras de Deus. E mais um novo fazendeiro nas vestes de um negociante que nunca plantou um cova de cacau.

Seu trabalho, agora, é só aumentar os seus domínios, incorporar outras buraras vizinhas à sua. E então vai comprando as roças que demoram em seu redor. Muitas vezes a coisa lhe era fácil, isto porque outros e outros estavam, por sua vez, também pendurados em dívidas e em dificuldades para sair delas. Tinham o mesmo raciocínio do primeiro, poderiam abrir outras onde Deus fosse servido, embora mais longe, e até muito mais longe, à aventura. Outros, porém, não aceitavam a proposta, iam resistindo. O interessado aí, então, entrava pelo terreno das quizílias, a tentar uma questão lindeira, a invadir a burara. Ou, indo mais longe, tentando haver alguma promissória, comprando-a, emitida pelo vizinho incômodo. E aí surge uma nova oportunidade para um acerto. Se tudo falha, então, teremos a briga travada em termos de uma questão judiciária. Muitas vezes, ou melhor, quase sempre, vence quem fala com o dinheiro na mão. Liquidam-se todas as dívidas, dá-se alguma volta em dinheiro e o burareiro cedeu às contingências, comprando a sua tranqüilidade, indo viver mais distante a sua experiência. Também a via policial é não raro a preferida pelo interessado, tendo do seu lado a autoridade, comprada.

O tipo do negociante, também fazendeiro de cacau, de comum, assume outra modalidade: compra, na sede de sua propriedade, o cacau trazido do pequeno produtor que não possui instalações próprias para secá-lo “in” sito. O cacau, assim chegado, é dito “mole”, visto que apenas retirado do pericárpio. Esse cacau, beneficiado depois por ele e misturado com o da sua produção própria, é depois vendido. Ele ganha assim duplamente, primeiro, porque recebe o cacau em encontro de conta de fornecimento (muitas vezes tem uma despesa na sua fazenda),

depois, porque o adquire ao menor preço. E assim crescem-lhe os recursos para ir adquirindo mais roças no seu raio de ação. Há negociantes, graças a esta forma de comércio, que colhem, de seu, 6.000 arrobas de cacau, por exemplo, e transacionam com o dobro ou o triplo, junto a firmas locais entrosadas com o comércio exportador, na Capital.

Mas há o grande fazendeiro que se fez exclusivamente pela compra de uma grande área já ocupada por diversos pequenos posseiros, que aí vivem, pacificamente, há muitos anos. Sendo ele, desde o momento da compra, o único titular do chão, está armado, assim, para impor as suas condições. Quer pelo arrendamento, em termos excessivos, quer por ação judicial, em termos de “venda compulsória”, todos os que estão incluídos na sua área têm-no agora pela frente, amparado pelo Direito. Assim dá-se em muitos casos a absorção das pequenas propriedades em favor de quem, apenas, comprou, fosse lá como fosse, as terras, num processo eivado de toda clandestinidade e má-fé. Esta uma das formas de como fazia antigamente um grande fazendeiro de cacau.

Há ainda o grande fazendeiro que comprou apenas uma grande área inculta como ponto de partida. Facilita, então, ao braço do colono o plantio por conta própria de pequenas roças dentro do latifúndio. Dá-lhe, porém, apenas o consentimento tácito; e, assim, as plantações ficam sempre vinculadas ao “dono das terras”, contra uma indenização fácil a qualquer tempo. Contrata com outros o plantio e entrega das plantações em prazo certo, noutras partes da sua propriedade.

A seu arbítrio, durante o contrato — o cacau só dá depois de cinco anos, já dissemos — o trabalhador vai recebendo o seu saco na despensa adrede montada na nova propriedade e algum dinheiro. No fim paga-se-lhe o saldo, voltando as plantações ao seu “verdadeiro” dono. Ultimados todos os contratos, com uma ou outra impugnação, afinal contornada, é a vez, então,

da compra das roças em redor, assistidas diretamente pelos respectivos posseiros. E eis outra maneira de fazer-se um grande fazendeiro de cacau. A aquisição da propriedade pelos meios ardilosos enche o vasto capítulo do caxixe. Aqui, o abuso de confiança é o elemento primordial. Alguns exemplos: o sujeito receia perder sua propriedade, porque tem uma dívida em conta-corrente na firma tal. Sente-se em artigo de morte e receia deixar a família na miséria, se a dívida for executada. Com um amigo em que confia, faz uma hipoteca fantástica. Foi só. Vai-se ver, no fim, que a roça passou ao amigo, a família ficou sempre na miséria, recebendo, uns tempos, algum dinheiro, e o magnata, sentindo-se, só por isso, de consciência aliviada, afinal dá por encerrada tanta proteção que só ele e o defunto lá sabem. Outro é o caso daquele que vendeu uma propriedade cacauera por escritura particular, indo o papel parar nas mãos de um amigo do comprador para aposição da sua assinatura como testemunha do negócio, este negociante e também credor do comprador.

Este logo morre de “mal súbito”. Pois o bem continuou com o antigo dono, sendo-lhe restituída a tal escritura pelo outro, que foi embolsado do seu crédito pago em dobro. A viúva e os três filhos menores receberam a mesquinha esmola de algum dinheiro para a viagem, as passagens para Sergipe, afora um saco que recebia semanalmente durante certo período em que tudo se resolveu.

Com esses e outros expedientes, amparados no “instituto” do caxixe, muita gente esperta chegou a grande fazendeiro na imensa região do cacau. E muita herança ficou, depois, adubada com o sangue, suor e lágrimas dos menos felizes e, em suma, espoliados.

## NOTAS E CRÍTICAS

## **Rosas de Malherbe**

“Não gosto do título — gasto como um banco de jardim público. Gosto, sim, dos versos reveladores de um temperamento delicado e emotivo, que sabe dizer lindos madrigais, rondando a água - furtada de Mimi”.

Agripino Grieco

## **Ensaio Nosográfico de Augusto dos Anjos**

DEFESA DE TESE (23 DE DEZEMBRO DE 1926)

Dentre os nomes dos que terminaram o curso médico em nossa Faculdade, ressei o deste talentoso jovem, cuja passagem pelos bancos acadêmicos se assinalou por inequívocas e brilhantes provas de inteligência, que lhe grangearam, desde cedo, justa fama no seio de sua classe.

Portador de nome a que se casam glórias médicas e literárias, depois de tão assinalado curso acadêmico, a defesa de tese do novo esculápio despertou atenção em nossas rodas intelectuais que nela se fizeram figurar pelos seus mais representativos nomes, os quais, em homenagem espontânea ao espírito de Sabóia Ribeiro, compareceram àquele ato.

Versando assunto interessante e original, muito de acordo com suas tendências intelectuais, qual o do Ensaio Nosográfico de Augusto dos Anjos, o autor conseguiu fazer obra merecedora



dos mais calorosos aplausos dos seus mestres, que formaram a banca julgadora, constituída pelos professores Estácio de Lima, Aristides Novis e Mário Leal.

Diário de Notícias da Bahia, 27 de dezembro de 1926

“A escolha do brumoso e íngreme assunto descobre no dr. Sabóia Ribeiro um virtual homem de letras que faz honra ao médico e vice-versa”.

FERNANDES, Carlos D. O País, Rio de Janeiro, 1927

“Sabóia Ribeiro se propôs a fazer o diagnóstico psiquiátrico de Augusto dos Anjos, para ele “um singular poeta”, morto 12 anos antes, com material “colhido através de seu livro Eu”, mas socorrendo-se também de “informes oriundos dos seus amigos, críticos e biógrafos”. Depois de um balanço da posição dos conhecimentos científicos nas áreas da Psiquiatria e da Medicina Legal, à época, admitindo que, bem ou mal”, alcançara um “diagnóstico exato”, o autor se detém nos múltiplos aspectos da melancolia e de sua forma mais aguda, a lipemania (delirante), estudando, inclusive, os complexos e a presença da idéia da morte do poeta paraibano, tema que discute exaustivamente. As conclusões a que chegou Sabóia Ribeiro, o primeiro — e talvez único — estudo científico realizado na Bahia a respeito”

MATTOS, Florisvaldo. Melancolia; de simples a delirante. A Tarde Cultural, Salvador, 7 de jun. 1977. Suplemento literário.

## **Rincões dos Frutos de Ouro**

### DA PREMIAÇÃO

Trecho do parecer da Comissão Julgadora dos Concursos aos Prêmios Ramos da Paz da Academia Brasileira de Letras:

“Livro excelente. Contos regionais baianos cheios de obser-

vação, de paisagens e de vida. No ambiente bem cenografado, os personagens agem com naturalidade”

Gustavo Barroso-Relator e Presidente da Academia Brasileira de Letras.

-Olegário Mariano.- Gregório da Fonseca.

### NOTÍCIAS DE ÉPOCA (1933)

A Academia Brasileira de Letras conferiu ao dr. Sabóia Ribeiro o Prêmio Ramos da Paz, que a Academia Brasileira de Letras instituiu, de dois em dois anos, para as duas melhores obras, originais e inéditas, de autor brasileiro ou português, sobre qualquer ramo da literatura em geral, especialmente do Brasil, no valor de dois contos de réis cada um. Coube, no último concurso aberto, agora definitivamente julgado pela ilustre companhia, na sua sessão de quinta-feira, 6, ao nosso patrício dr. Sabóia Ribeiro, residente entre nós, onde é clínico.

O dr. Sabóia Ribeiro concorreu ao certame, no qual se inscreveram dez autores, com o livro de contos regionais da Bahia, Rincões dos Frutos de Ouro, sendo a comissão nomeada para dar parecer sobre os trabalhos composta dos acadêmicos Gustavo Barroso, Presidente atual da Academia, relator; Olegário Mariano e Gregório da Fonseca.

Em plenário, posto em votação o Parecer, este obteve aprovação unânime dos senhores acadêmicos.

São os seguintes os escritores laureados pela Academia, de 1920 até o presente, nos diferentes gêneros: **poesia**: Ronald de Carvalho, Afonso Lopes de Almeida, Guilherme de Almeida (hoje membro da Academia). Rosalina Coelho de Lisboa, Oliveira e Silva, Murilo de Araújo e Osório Dutra; **romance**: Afonso de Taunay (hoje membro da Academia); Pedro Calmon, Osvaldo Orrico, Mota Filho e Aldo Delfino; **teatro**: Martins Fontes, Pascoal Carlos Magno; **erudição**: Leonardo Mota, Artur Mota e Guedes de Melo; **contos**: Alberto Deodato, Herman

Lima, Peregrino Júnior, Martins, Capistrano, Ribeiro Couto, José Mesquita e, agora, Sabóia Ribeiro.

Florianópolis, SC.

“Contos belíssimos de forte dramaticidade e colorido”.

Herman Lima

“Há na ficção de Sabóia Ribeiro um escritor seguro de sua técnica, ou perfeito domínio da palavra e frase”.

Braga Montenegro

“Estamos aqui em pleno latifúndio da região cacauceira da Bahia. Contos relativos ao sul baiano. ‘Os Ciganos’, ‘Ferocidade’, ‘Rapsódia do Rio’ e, particularmente, ‘Vida Áspera’, são narrados com inequívoco dom de criação”.

José Geraldo Vieira

“Sabóia Ribeiro revela a fibra de um escritor forte e seguro, possuidor de um estilo harmonioso e leve. Muitas de suas narrativas poderão ser consideradas de cunho antológico e, onde, aqui e ali, se reflete a sensibilidade do poeta que realmente é”.

Carlyle Martins

“O ensaísta de hoje, antes de 30, foi o primeiro ficcionista a trabalhar a temática da zona baiana do cacau com os contos regionais de Rincões dos Frutos de Ouro”.

Adonias Filho (Da Academia Brasileira de Letras)

“Impressionou-me vivamente toda a beleza inigualável que descreve, mais ainda sua forma literária que é única. O livro todo apanha aspectos como raramente podiam ser colhidos. E alguns

dos seus contos, tais como ‘Os Ciganos’, Vida ‘Áspera’ e ‘Destinos’, marcaram em mim impressão das mais profundas. ‘Os Ciganos’, por exemplo, dentro da simplicidade de sua narrativa, é, a meu ver, das melhores peças do moderno conto brasileiro, verdadeiramente digno de enriquecer qualquer antologia do conto universal. Felicito-o, vivamente, pelo grande livro”.

João Lourenço da Silva - Presidente da Casa do Brasil - Londres.

Trecho de carta ao autor.

“Sabóia Ribeiro e Afrânio Peixoto são, na prosa, os dois marcos pioneiros na Literatura Regional. Por isso, não é possível falar-se em prosa, (no romance Afrânio Peixoto; no conto Sabóia Ribeiro) esquecendo-os, sob pena de estar sendo cometida uma grave ingratidão para com os valores nacionais, (um baiano; outro, cearense) abrindo-se, então, caminho para injustiça.

Sabóia Ribeiro, na sua prosa, percorre todos os caminhos e territórios banhados pelo Rio de Contas e pelo Rio Almada, partindo da antiga Itapira, (hoje Ubaitaba), daí seguindo para Rio Novo (hoje Ipiaú); Dois Irmãos (hoje Ubatã); Tesouras (hoje Ibirataia); Barra do Rio de Contas (hoje Itacaré); Cachoeira do Pau (hoje Ibirapitanga); Água Preta (hoje Uruçuca); Pirangy (hoje Itajuípe), rumando para o ponto exponencial: Ilhéus sede da antiga Capitania”.

Francolino Neto

**A Temática cacauera no conto de Sabóia Ribeiro.** In: Estante. Ilhéus:

Editus, p.121-3, 2001.

## **Roteiro de Adolfo Caminha**

O ensaio Roteiro de Adolfo Caminha, o mais recente

lançamento da Livraria São José, surge como resultado de um concurso literário. Seu autor, Sabóia Ribeiro, concorrendo ao concurso pelo Jornal das Letras destinado ao melhor estudo biográfico e crítico sobre Adolfo Caminha não conseguiu apenas vencê-lo. Escreveu um livro compreensivo, com segura fixação crítica, que ausculta a obra ficcional do romancista naturalista.

Adonias Filho.

Sabóia Ribeiro, *Jornal das Letras*. Rio de Janeiro, 28 jul. 1957, s. Estante.

**PUBLICOU OS LIVROS:** **Versos:** Rosas de Malherbe, 1923; Primeiros Versos. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1964; Versos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965. **Contos:** Rincões dos Frutos de Ouro. Rio de Janeiro: Paschoal Simões, 1933 “Prêmio Ramos da Paz, Academia Brasileira de Letras”; Contos do Cacau, Rio de Janeiro: Pongetti, 1966; Contos da Cidade. Rio de Janeiro: Pongetti, 1966; Contos do Cacau; tipos e cenários do Vale do Rio de Contas. **Ensaio:** Ensaio Nosográfico de Augusto dos Anjos. Bahia: Papelaria Vera Cruz, 1926. Tese de Doutorado submetida à Faculdade de Medicina da Bahia; Roteiro de Adolfo Caminha. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1957. “Prêmio Adolfo Caminha do Jornal das Letras”; Alguns Aspectos de Adolfo Caminha, notas sobre a sua vida e a sua obra Rio de Janeiro: 1964; **Crítica:** O Romancista Adolfo Caminha (crítica e biografia) 1967; **Biografia:** Nereu Ramos de Perfil. Rio de Janeiro: (opúsculo). Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1955.

**DEIXOU INÉDITOS:** Introdução Geral aos Romances de Adolfo Caminha, o romance-sátira O Vigarista da Cultura, e ainda a peça de teatro, em um ato, A Cartomante, adaptação do conto homônimo de Machado de Assis.

## REFERÊNCIAS

JORNAL DAS LETRAS. Adolfo Caminha, um temperamento polêmico. Rio de Janeiro, 1957.

ADONIAS FILHO. O Roteiro de Adolfo Caminha. Jornal das Letras. Rio de Janeiro, 26 set. 1957, s. Estante.

CAVALCANTI, Valdemar. Contos de vivo sabor regional. O Jornal, Rio de Janeiro, 27 out. 1966, s. Jornal Literário.

\_\_\_\_\_. No centenário de Adolfo Caminha. O Jornal. Rio de Janeiro, 2 dez.1967, s. Jornal Literário.

COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante de., dir. Ribeiro, João Felipe Sabóia. In: Enciclopédia de literatura brasileira. Oficina Literária Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: FAE, 1989. p. 1.149.

ENEIDA. Sabóia Ribeiro. Encontro matinal. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 set. 1957, s. Livros.

ENSAIO. Romance assassinado. Revista dos Livros. Rio de Janeiro, 22 ago. 1964, s. Jornal das Letras.

FALCÃO, Rubens. O Romancista Adolfo Caminha. O Globo. Rio de Janeiro, 5 maio 1968.

\_\_\_\_\_. Um poeta de amor. O Fluminense. Niterói, 7 maio, 1966, s. Prosa e verso.

\_\_\_\_\_. Um trabalhador intelectual. O Globo. Rio de Janeiro, 25 maio 1967.

GOULART, Victor. Sabóia Ribeiro. Jornal de Ilhéus. jan.1968, s. JI Literatura.

HISTÓRIAS de sabor regional. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 5 nov.1966.

JORNAL DAS LETRAS. O romancista Adolfo Caminha. Notícias bibliográficas Pongetti, 1967. Os concursos do Jornal das Letras.”-Flashs” com os vencedores dos prêmios Adolfo Caminha (Crítica) e Martins Pena (Teatro). Rio de Janeiro, 1957.

JORNAL DO COMÉRCIO. Outro médico, este cearense e prosador. Porto Alegre, 29 dez.1966.

JORNAL LITERÁRIO. Poemas publicados em livro. O Jornal. Rio de Janeiro, 12 out. 1965.

LIMA, ABDIAS. Sabóia Ribeiro e Adolfo Caminha. Gazeta de Notícias. Fortaleza, 12 maio 1966. s. Literatura.

- \_\_\_\_\_. Sabóia Ribeiro. Tribuna do Ceará. Fortaleza, 12 out. 1965, s. Notas literárias.
- \_\_\_\_\_. Literatura. Gazeta de Notícias. Fortaleza, 25 out. 1966
- LYS, Edmundo. Contos do cacau. Revista Querida. Rio de Janeiro, n. 302 out. 1966.
- \_\_\_\_\_. Roteiro de Adolfo Caminha. O Globo. Rio de Janeiro, 6 maio 1964.
- MARTINS, Carlyle. Cearense ilustre. Unitário. Fortaleza, 6 jul. 1966.
- \_\_\_\_\_. Contos do cacau. Correio do Ceará. Fortaleza, 17 dez. 1966. p.7.
- MONTEIRO, Mozart. Um poeta que eu desconhecia. O Jornal. Rio de Janeiro, 9 jan. 1966.
- NAS Livrarias Contos do cacau. Notícias bibliográficas Pongetti, ago. 1966.
- PÓLVORA, Hélio. Prosa grapiúna. A Tarde. Salvador, 30 out. 2004, p.6.
- PÓLVORA, Hélio; RIBEIRO, Eliane Sabóia. Banco de dados: Sabóia Ribeiro. Informe Fundaci. Ilhéus, a.1, n.2, p.3-4, maio 1998. Série Escritores grapiúnas.
- PR MIOS Adolfo Caminha e Martins Pena. Jornal das Letras. Rio de Janeiro, 1957.
- RIBEIRO, Valdir Uchoa. Raimundo Francisco Ribeiro. In: Genealogia da família Barreira. Fortaleza: Premium, 1999. p.121-49
- ROTEIRO de Adolfo Caminha. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 3 ago. 1957, s. Livros da Semana.
- SABÓIA Ribeiro. Contos da cidade. Notícias bibliográficas Pongetti, maio 1966.
- SABÓIA Ribeiro, Dublé de poeta e médico. Diário de Petrópolis. 26 set. 1965, s. Estante literária.
- \_\_\_\_\_. Roteiro de Adolfo Caminha. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 3 abr. 1958.
- VIEIRA, José Geraldo. Prêmio Ramos da Paz. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 23 jun. 1933.



Rincões dos Frutos de Ouro foi escrito em 1928. Segundo Sabóia Ribeiro “A primeira edição do livro resultou de originais organizados apressadamente — pois que o autor se decidira a entrar no concurso à undécima hora — e a concessão do prêmio ficava condicionada, nos termos do edital da Academia, à conferência do texto publicado com os originais entregues.

Quer isso dizer, portanto, que o autor sequer pôde tocar no texto saído na primeira edição daquele livro. Como quer que seja, Rincões dos Frutos de Ouro teve a boa sorte do prêmio almejado e mereceu da crítica o melhor aplauso”. Nesta edição, a partir do original premiado, foi incluído, preliminarmente, o que o autor denominou de estudinho: O Cacaú e o Fazendeiro, escrito em 1966, “e que se refere, em particular, às coisas do Vale do Rio de Contas, que é o verdadeiro ambiente destes contos, mas se aplica, sem dúvida, a toda a região cacauqueira da Bahia. A rigor, a época em que se situam as motivações deste livro pertencem mais ao passado, e com grande aproximação da verdade histórica, à década de 1910-20”.

